

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Alanna de Jesus Teixeira

**FUTURO PASSADO DE UMA CRÍTICA: TEMPO, UTOPIA E HISTÓRIA NA OBRA
FICCIONAL DE ANATOLE FRANCE**

Porto Alegre

2018

ALANNA DE JESUS TEIXEIRA

**FUTURO PASSADO DE UMA CRÍTICA: TEMPO, UTOPIA E HISTÓRIA NA OBRA
FICCIONAL DE ANATOLE FRANCE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Temístocles Cezar

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Teixeira, Alanna de Jesus
FUTURO PASSADO DE UMA CRÍTICA: TEMPO, UTOPIA E
HISTÓRIA NA OBRA FICCIONAL DE ANATOLE FRANCE / Alanna
de Jesus Teixeira. -- 2018.
103 f.
Orientador: Temístocles Cezar.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2018.

1. Anatole France. 2. Literatura. 3. Temporalidade.
4. Historicidade. 5. Utopia. I. Cezar, Temístocles,
orient. II. Título.

ALANNA DE JESUS TEIXEIRA

**FUTURO PASSADO DE UMA CRÍTICA: TEMPO, UTOPIA E HISTÓRIA NA OBRA
FICCIONAL DE ANATOLE FRANCE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: Porto Alegre, 17 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Temístocles Cezar – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Renata Dal Sasso Freitas (UNIPAMPA)

Prof. Dr. Evandro dos Santos (UFRN)

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação não poderia ter sido concluída sem o carinho, ajuda e apoio de várias pessoas ao longo desses (quase) dois anos. Do apoio diário de meus pais, Analina e Gerson. Das(os) companheiras(os) e amigas(os) queridas(os) do curso, Sulena, Tairane, Eduarda, Renata, Nadine, Gabriel, Greice (“Luluz do PPG”), Alan Alvão, José Júnior, Roger, Sarah, Carolina, Maria Ines, Laura, Alana. Do “grupo de teoria”, Allan Kardec, Vicente, Gabriel, Lívia, Jacson, Fernando, Antenor, João e Julia. Os colegas da /2008, Andreli, José, Israel e Mayquel. Das amigas desde muita data, Jéssica, Fabiana, Samara, Mariane, Karoline, Stephani, Cláudia e Tainára. Dos professores e professoras que dialogaram e me ajudaram a pensar meu trabalho, Benito, Arthur, Caroline, Cybele e, especialmente Renata e Fernando, por suas preciosas leituras e observações. Gostaria de agradecer especialmente meu orientador, Prof. Temístocles Cezar, que desde a graduação me acolheu e da forma mais generosa possível me incentiva e apoia em meus projetos, desde o TCC até a conclusão dessa dissertação de mestrado, sempre preocupado, gentil, amável, atento e, sobretudo, me ajudando a pensar a teoria, a historiografia, a literatura e Anatole France. Gracias aos colegas da BIBCSH por todo auxílio, especialmente Luziane e Juliani. Por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, minha segunda casa desde 2008, quando ingressei na graduação, e onde espero ainda passar muitos anos como técnica-administrativa, ofício que me orgulha muito. À UFRGS e àqueles que fazem dela a universidade pública de qualidade que é, o meu carinho e sincero obrigada!

A arte como festa e júbilo da vontade é o mais poderoso sedutor a favor da vida. A ciência está ela também submetida ao reino da pulsão vital: o mundo vale a pena ser conhecido; o triunfo do conhecimento se liga firmemente à vida. A história, porque ela é o inesgotável, o intemporal, o infinito, é o lugar predileto das orgias científicas (Friedrich Nietzsche, *“La Naissance de la Tragédie. Fragments Posthumes”* [Automne 1869 - Printemps 1872]).

RESUMO

Neste trabalho investigo a obra de ficção do escritor francês Anatole France (Jacques Anatole François Thibault, 1844-1924), em busca de elementos de temporalidade e historicidade presentes em textos selecionados do autor. Além disso, pretendo abordar a crítica desse autor ao conhecimento histórico de acordo com o paradigma do final do século XIX. A escolha de textos de qualidade ficcional e do gênero romance está relacionada ao objetivo de realizar uma leitura a partir da teoria da história das obras de ficção e de identificar suas relações com a história. Para tanto, partirei dos traços de historicidade que podem ser observados a partir das críticas estruturadas em seus romances. Essas, por sua vez, podem ser associadas a uma dimensão específica de tempo de que partem (ou aonde chegam) essas críticas: o futuro. Daí a ideia de *futuro passado de uma crítica*. Os romances escolhidos para a realização deste trabalho foram publicados pela editora Calmann-Lévy de Paris: *Sur la pierre blanche* (1905) e *L'île des pingouins* (1908). O entrecruzamento de diversas dimensões temporais é elemento de destaque nas narrativas do escritor, não apenas nas selecionadas para este estudo. Falar de entrecruzamento aqui significa dizer que as obras estão impregnadas de discussões contemporâneas ao escritor, pautando suas narrativas sobre passado e futuro, e sendo matéria prima para as narrativas do presente. Tendo em vista os debates sobre as aproximações e distanciamentos entre as narrativas literária e historiográfica, pretendo entender como o autor lida com momentos históricos distintos, articulando-os com o objetivo de suscitar problemáticas sociais e evidenciando sua concepção particular de história.

Palavras-chave: Anatole France. Literatura. Temporalidade. Historicidade.

RÉSUMÉ

Dans ce travail j'examine l'œuvre de fiction de l'écrivain français Anatole France (Jacques Anatole François Thibault, 1844-1924), à la recherche des éléments de temporalité et d'historicité présents dans des textes sélectionnés de l'auteur. De plus, je compte aborder la critique de cet auteur à la connaissance historique selon le paradigme de la fin du XIXe siècle. Le choix des textes de fiction du genre romanesque est lié à l'objectif de lire les œuvres d'après et d'identifier leurs relations avec l'histoire. Je me sers à cet effet des traits d'historicité que l'on peut observer dans les critiques structurées qui se trouvent dans ses romans. Celles-ci, à leur tour, peuvent être associées à une dimension spécifique du temps d'où partent (ou bien où arrivent) ces critiques: le futur. D'où l'idée d'un *futur passé d'une critique*. Les romans choisis pour ce travail ont été publiés par l'éditeur Calmann-Lévy de Paris: *Sur la pierre blanche* (1905) et *L'île des pingouins* (1908). L'interpénétration de plusieurs dimensions temporelles est un élément important des récits de l'écrivain, pas seulement ceux sélectionnés pour cette étude. Parler d'entrelacement ici signifie que les œuvres sont imprégnées de discussions contemporaines de l'auteur, en guidant ses récits sur le passé et le futur et en constituant la matière première pour les récits du présent. Au vu des débats sur les rapprochements et les distances entre les récits littéraires et historiographiques, je souhaite comprendre comment l'auteur s'occupe des moments historiques distincts en les articulant dans le but de réfléchir sur des problèmes sociaux et mettre en évidence sa conception particulière de l'histoire.

Mots-clés: Anatole France. Littérature. La temporalité. Historicité.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Anatole France: uma vida sem ilusões?	18
1.2	O passado revisitado em <i>Les Dieux Ont Soif</i>	25
2	A HISTÓRIA SATÍRICA DA EUROPA EM <i>L'ILE DES PINGOUINS</i>	33
2.1	Uma história a partir do sumário	35
2.2	As fissuras do regime moderno nos “tempos futuros” da “história sem fim”	45
2.3	O narrador-historiador e as críticas à ciência histórica	48
3	O FUTURO NA UTOPIA DE <i>SUR LA PIERRE BLANCHE</i>	61
3.1	Temporalidade, historicidade e utopia literária	62
3.2	Antes da utopia, uma visita ao passado	66
3.3	“<i>Par la porte de corne ou par la porte d’ivoire</i>” ou o futuro passado da Europa	69
3.4	A negação do tempo do outro	79
3.5	A utopia fracassada	81
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	FONTES	88
	REFERÊNCIAS	89
	ANEXO A – Imagem de Anatole France	98
	ANEXO B – Caricatura de Anatole France	99
	ANEXO C – Fotografia de Anatole France	100
	ANEXO D – Imagens das primeiras edições dos livros	101
	ANEXO E – Imagens das primeiras edições dos livros	102
	ANEXO F – Imagens das primeiras edições dos livros	103

1 INTRODUÇÃO

La vieille histoire est un art; c'est pourquoi elle a, dans sa beauté, une vérité spirituelle et idéale bien supérieure à toutes les vérités matérielles et tangibles des sciences d'observation pure: elle peint l'homme et les passions de l'homme. [...] L'histoire narrative est inexacte par essence. Je l'ai dit et ne m'en dédis pas: mais elle est encore, avec la poésie, la plus fidèle image que l'homme ait tracée de lui-même. Elle est un portrait (FRANCE, 1888, p. 124).

Neste trabalho proponho um estudo acerca da obra de ficção do escritor francês Anatole France (Jacques Anatole François Thibault, 1844-1924), em busca de elementos de temporalidade e historicidade presentes em textos selecionados do autor. Além disso, pretendo abordar a crítica desse autor ao conhecimento histórico de acordo com o paradigma do final do século XIX.

Anatole France possui uma obra extensa composta de artigos, romances, poemas, memórias, crítica literária e contos. Contudo, minha opção por textos de qualidade ficcional e do gênero romance está relacionada ao objetivo de realizar uma leitura a partir da teoria da história das obras de ficção e de identificar suas relações com a história. Para tanto, partirei dos traços de historicidade que podem ser observados a partir das críticas estruturadas em seus romances. Essas, por sua vez, podem ser associadas a uma dimensão específica de tempo de que partem (ou aonde chegam) essas críticas: o futuro. Daí a ideia de *futuro passado de uma crítica*.

Os romances escolhidos para a realização deste trabalho foram publicados por Anatole France pela editora Calmann-Lévy de Paris: *Sur la pierre blanche* (1905) e *L'île des pingouins* (1908). Ambas as obras estão disponíveis na plataforma digital da Biblioteca Nacional da França – *Gallica*, para consulta.¹

As obras fazem parte do período de maturidade do escritor e demonstram capacidade de representação de questões discutidas em sua época. Trata-se do período do desenrolar do *Affaire Dreyfus* (1894 - 1906), da discussão entre a separação da Igreja e do Estado, da aproximação da Primeira Guerra e do avanço do socialismo.² Anatole France, que até então mantivera certa

¹ Apenas *L'île des pingouins* (A ilha dos pinguins) possui tradução para o português em edições brasileiras.

² Os acontecimentos compreendidos aqui, a partir de um olhar retrospectivo, me parecem os mais decisivos para entender não apenas o contexto político, social e cultural em que as narrativas estudadas nesse trabalho foram produzidas, mas principalmente pela estreita relação desses com as decisões e posições de Anatole France que, por sua escolha, deram a tônica em seus livros e artigos publicados no início do século XX. Esse breve

distância dos acontecimentos contemporâneos, amplia sua participação a partir de seu envolvimento junto a outros intelectuais no Caso Dreyfus.³ A partir daí o escritor se envolve nas principais controvérsias do final do século XIX pessoalmente e por meio de suas obras. France já expressava posições contundentes e se tornara um crítico reconhecido pela publicação de artigos em revistas como *Le Temps* e *L'Écho de Paris*, especialmente nos campos da ciência e arte.⁴ Podemos perceber que as obras produzidas nesse período tiveram uma conotação mais engajada, ao mesmo tempo em que mantinham relação estreita com sua vida pessoal e abordavam temas universais sobre a condição humana e justiça social. O autor desenvolve, no interior de sua prosa, uma crítica à sociedade contemporânea que pode ser associada a uma crise da própria concepção de história em voga.

O entrecruzamento de diversas dimensões temporais também é elemento de destaque nas narrativas do escritor, não apenas nas selecionadas para este estudo. Falar de entrecruzamento aqui significa dizer que as obras estão impregnadas de discussões contemporâneas ao escritor, pautando suas narrativas sobre passado e futuro, e sendo matéria prima para as narrativas no presente. *Sur la pierre blanche*, romance em formato de diálogos filosóficos, mostra um cenário futuro de uma sociedade proletária após uma revolução. A narrativa aponta para uma dimensão de futuro utópico, para a sociedade futura pretendida a partir do ponto em que os países ocidentais imperialistas se encontravam no início do século XX, antes da Primeira Guerra, e do avanço do socialismo. *L'île des pingouins*, romance em formato de um livro de história, arranjado linearmente e dividido por eras, retrata uma paródia da história da França e do Ocidente, apresentada por meio da trajetória de uma comunidade de pinguins batizada e transformada em homens, e que cria sua própria nação, registrando sua história. O narrador assume papel de historiador e, por meio da ironia e sátira costumeiras da

comentário foi motivado pela reflexão de Manoel Luiz Salgado Guimarães na Apresentação para a edição brasileira do livro de François Hartog *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges* (GUIMARÃES, 2003, p. 9-16). O historiador brasileiro mencionava as características e novas possibilidades da escrita historiográfica a partir da obra que apresentava, permitindo a escolha de uma obra e autor representativos de um determinado momento de relevância e que leve a questionamentos acerca das condições de sua emergência, de forma que o historiador possa refazer o campo de tensões e conflitos em que o texto emerge. Assim, “o que o livro nos permite é realizar a história de um campo de produção do conhecimento histórico, retomando as conjunturas em que os textos foram produzidos, as questões que se colocava, refazendo assim as condições de inteligibilidade de sua existência como produção intelectual” (GUIMARÃES, 2003, p. 15).

³ O oficial do exército francês, Alfred Dreyfus, de origem judaica, foi acusado em 1894 de espionagem a favor da Alemanha e condenado ao degredo na Ilha do Diabo, localizada na Guiana. Anatole France fez parte do grupo dos *dreyfusards* a favor da revisão do processo judicial que condenou Dreyfus. Posteriormente o processo foi considerado fraudulento e Dreyfus inocentado em 1906 (WINOCK, 2000; 2006; DASPRE, 2007, KETTANI, 2010).

⁴ Os principais artigos publicados no periódico *Le Temps* foram reunidos na obra *La vie littéraire*, em 5 volumes, e publicada a partir de 1888.

escrita de Anatole France, critica não só a ideia de evolução das sociedades humanas, mas o próprio conhecimento histórico produzido a partir delas, de caráter totalizante e linear.

A partir desse breve esboço das obras e das problemáticas por elas levantadas, é importante contextualizar brevemente as questões historiográficas postas neste período, o que auxiliará adiante a identificar os elementos de temporalidade e historicidade articulados nas narrativas de France. Tendo em vista os debates sobre as aproximações e distanciamentos entre as narrativas literária e historiográfica, pretendo entender como o autor lida com momentos históricos distintos, articulando-os com o objetivo de suscitar problemáticas sociais e evidenciando sua concepção particular de história.

Embora tratem de assuntos aparentemente distintos, podemos verificar tópicos comuns às obras, como um panorama da sociedade francesa, ou mesmo ocidental, em diferentes momentos de sua história, permitindo identificar as posições de France sobre temas que serão tratados neste trabalho, como ciência, história, religião, justiça, e, de uma forma geral, sobre a condição humana e a conjuntura histórica do início do novo século. Podemos compreender essa condição histórica por meio da própria ideia de experiência histórica moderna:

[...] celle d'une progressive prise de conscience d'un "déploiement d'ensemble de l'expérience humaine et sociale dans le temps". Par expérience historique, désignons simplement "les différentes façons dont les gens, sur l'horizon de leurs mondes sociaux historiquement constitués, vont imaginant et se représentant à eux-mêmes le passé et ses significations pour le présent" (HARTOG, 2016, p. 169).⁵

Ou seja, o ser humano procura de alguma forma metabolizar suas experiências, apreendidas e mobilizadas de diferentes formas por cada um. O universo ficcional criado por Anatole France nos auxilia a distinguir as críticas ao conhecimento histórico difundido na época como uma de suas experiências figuradas de forma lúdica por meio da literatura.

Anatole France é um escritor que viveu a maior parte de sua vida no século XIX, fazendo parte de uma geração que enfrentou problemáticas particulares. O século XIX é considerado por alguns historiadores como *o século da história* e, por outro, também do romance:

O século XIX, século da história e do romance, viu então se impor essa dupla evidência: a da história, concebida como processo, levada por um tempo ator, e vivida em modo de aceleração; a do romance, convocado a revelar esse mundo novo. Existem, portanto, dois "lados": aquele dos historiadores e da história tornando-se

⁵ "A uma tomada progressiva de consciência de uma 'implantação total da experiência humana e social ao longo do tempo'. Pela experiência histórica, designamos simplesmente 'as diferentes maneiras pelas quais as pessoas, no horizonte de seus mundos sociais historicamente constituídos, imaginam e representam para si mesmos o passado e seus significados para o presente'" (HARTOG, 2016, p. 169). **Todas as traduções de língua estrangeira são de minha autoria, salvo indicação em contrário.**

disciplina; e aquele dos escritores e do romance impondo-se como o gênero fundamental (HARTOG, 2017a, p. 127).

Nesse período, o conhecimento histórico alcança uma posição significativa dentro das Humanidades com sua orientação a partir de padrões científicos, de acordo com o conceito da ciência racional cartesiana. Conforme aponta Estevão Martins: “A História cujo renascimento se organiza e estrutura na passagem do Iluminismo para o Romantismo e se consolida ao longo do século XIX nos cenários do positivismo, do historicismo, das escolas metódicas [...], é a História como ciência” (MARTINS, 2010, p. 10). Procurava se afastar o máximo possível dos componentes literários da escrita da história, para que esta pudesse se cientificizar, no entender de alguns historiadores do XIX. Contudo, esse afastamento não é recíproco, na medida em que a literatura se aproxima cada vez mais de temáticas históricas, como prova a ascensão do romance a partir do século XVIII.

De outra parte, o caráter científico do fazer historiográfico então almejado foi também tema de discussão de diversas gerações de estudiosos de áreas como filosofia, sociologia e a própria história, insatisfeitos com os rumos da historiografia profissional e a difusão de seu conhecimento. Pensadores como George M. Trevelyan, Friedrich Nietzsche, François Simiand e Charles Péguy, que abordaremos ao longo deste trabalho, são alguns nomes figurativos de críticas à história que são lançadas no final do longo século XIX, adentrando o XX. É importante salientar que as diversas formas de escrita da história não deixaram de existir mesmo com o predomínio do paradigma cientificista, pois se tratava de uma disciplina em processo de afirmação e institucionalização e sem consenso absoluto sobre questões metodológicas e epistemológicas. Houve sim o desenvolvimento de um campo de disputas entre diversas correntes histórico-filosóficas predominantemente europeias que pensavam a história em seus mais diversos aspectos (teóricos, metodológicos, acadêmicos, etc.), e que enfrentara duras críticas já na *belle époque* (FALCON, 1997; HARTOG, 2003b; DOSSE, 2010).

Onde estava Anatole France durante todos esses debates? Certamente não participava diretamente das polêmicas postas pelos profissionais da área. No entanto, mantinha uma aproximação grande com a história trabalhando com temas e períodos históricos em seus textos, e eventualmente elaborando reflexões sobre a escrita da história. Marie-Claire Bancquart aponta:

Il est bon qu’Anatole France ait montré, à une époque où l’on fondait les ‘sciences humaines’, qu’un historien, un critique littéraire travaillent sur un objet problématique et n’en donneront jamais une explication complète: c’est justement ce qui fait l’intérêt

de leur étude, et montre les possibilités d'art qu'elle recèle (BANCQUART, 1994, p. 164).⁶

O trecho abaixo, um dos mais emblemáticos sobre história escrito por France, foi retirado do livro *Le Crime de Sylvestre Bonnard* (1881), uma das obras decisivas para o prêmio Nobel de Literatura recebido em 1921 por Anatole France; também foi citado pelo próprio autor no artigo *Les torts de l'histoire* (1888), ao abordar o livro de Louis Bourdeau, *L'histoire et les historiens; essai critique sur l'histoire considérée comme science positive* (1888). Creio válida a longa citação:

E, depois de um momento de silêncio, falamos da Escola, das novas publicações e dos progressos das ciências históricas. Até que entramos nas generalidades. As generalidades são muito produtivas. Tentei inculcar em Gélis um pouco de respeito pela geração de historiadores a que pertença. Disse-lhe:

- A história, que era uma arte e aceitava todas as fantasias da imaginação, tornou-se no meu tempo uma ciência submetida a rigorosos métodos.

Gélis me pediu licença para discordar. Não acredita que a história seja nem venha a se tornar um dia uma ciência.

- Vejamos, em primeiro lugar – declara ele –, o que é a história? A representação escrita dos acontecimentos passados. Mas o que é um acontecimento? Será um fato qualquer? Não! É um fato notável, dirá o senhor. Ora, como o historiador julga o que é um fato notável e o que não é? Julga-o arbitrariamente, segundo seu gosto e seu capricho, segundo sua idéia, como artista, afinal, pois os fatos não se dividem, por sua própria natureza, em fatos históricos e fatos não históricos. De resto, um fato é uma coisa extremamente complexa. Será que o historiador representará os fatos em sua complexidade? Não, isso é impossível. Irá representá-los despidos da maior parte das particularidades que o constituem, em conseqüência, truncados, mutilados, diferentes de como ocorreram. Quanto à relação dos fatos entre si, nem falemos nisso. Se um fato dito histórico é produzido - e existe essa possibilidade – por um ou muitos fatos não históricos, e por isso mesmo, desconhecidos, que meio tem o historiador, diga-me, por favor, para marcar a relação desses fatos entre si? E estou supondo, em tudo isso que digo, senhor Bonnard, que o historiador tenha sob os olhos testemunhos confiáveis, mas, na realidade, ele confia neste ou naquele testemunho levado apenas pelo sentimento. A história não é uma ciência, é uma arte e com ela só se obtém algum sucesso através da imaginação (FRANCE, 2007a, p. 229-230).

Esse diálogo entre Sylvestre Bonnard e Gélis apresenta, no meu entender, a compreensão de Anatole France sobre a história, na medida em que é análoga a outras manifestações do autor em demais trabalhos. Dessa maneira, podemos colocá-lo próximo àqueles que pensavam o ofício do historiador de maneira distinta daquela veiculada pelo paradigma científico, como

⁶ “Anatole France mostrou, em uma época que fundou as ‘ciências humanas’, que um historiador, um crítico literário, trabalham com um objeto problemático e que nunca darão uma explicação completa: é precisamente o que traz interesse ao seu estudo, e mostra as possibilidades da arte que ela contém” (BANCQUART, 1994, p. 164). Marie-Claire Bancquart possui importante contribuição aos estudos sobre Anatole France, em uma época que retomou o escritor e sua obra como objeto. Seus principais títulos são: *Anatole France: polémiste* (1962), *Anatole France, un sceptique passionné* (1984), *Anatole France* (1994).

pretendo mostrar por intermédio dos romances escolhidos.⁷ Os aspectos narrativos e a importância da imaginação para a construção da historiografia, da subjetividade inerente ao historiador, da não cientificidade da história de acordo com os padrões da ciência moderna, especialmente quanto aos conceitos fechados de “fato” e “verdade”, debatidos ainda hoje, são os aspectos destacados por esses autores e levantados nas obras de Anatole France.

Considero relevante para este trabalho o fato de historiadores não terem sido os únicos que expuseram os limites da escrita da história dita *cientificista* no século XIX. Literatos como Anatole France também expressaram posições por intermédio de suas obras de ficção e artigos em jornais. Dada a vocação da história em atrair a atenção do público em geral e as diferentes gerações, o estudo de sua relação com outros campos de conhecimento, e como demais intelectuais caminham ou se aproximam entre si, demonstra relevância para o avanço dos estudos históricos. Anatole France é um autor ainda pouco lido e estudado no Brasil, mas que tem chamado atenção nos últimos anos. Recentemente foram produzidos trabalhos nas Letras, como críticas literárias e teses e dissertações em programas de pós-graduação.⁸ Nesse sentido, as obras selecionadas para essa pesquisa oferecem uma oportunidade de reflexão acerca da crítica social e histórica ainda pouco explorada em nossa área.

É importante enfatizar que pretendo pensar a literatura sob um ponto de vista teórico a fim de localizar zonas de encontro e desencontros entre a escrita da história e da literatura, na medida em que ambas produzem modos de se conhecer e de representar o passado. Interessa investigar como alguém fora do campo da história profissional, nesse caso um literato, está lidando com problemáticas históricas as mais diversas, pensando as várias temporalidades, e ao mesmo tempo questionando e lançando desafios aos historiadores. Para tanto, selecionei o contexto de início da chamada *crise do historicismo* relacionando-o a romances produzidos à

⁷ Ao trabalhar com o romance *La révolte des anges* (publicado por Anatole France em 1914), Ignacio Iñarrea Las Heras coloca uma visão interessante sobre o conceito de história sob France: “Si la desaparición es la meta última del hombre por ley natural, entonces la historia se revela a Anatole France como algo imposible. La muerte aporta una enseñanza incuestionable: toda la evolución de la humanidad se reduce a una progresión inevitable a lo largo de la vida hacia su propio aniquilamiento, y ni tan siquiera el recuerdo escapa a su acción. Todo termina por confundirse en la nada. Esta actitud negativa tiene un elemento de apoyo considerable en la visión profundamente crítica que este autor mantiene con respecto a la historia como disciplina de estudio y al conocimiento humano en general. En su opinión, la ignorancia es un elemento esencial de nuestra existencia, y la ciencia no es capaz de aportarnos más que una exploración muy limitada de la realidad. Por tanto, si el hombre no puede llegar a un grado de sabiduría suficiente como para dar una justificación al sentido de su vida, ésta queda reducida al absurdo. La historia no puede salvarnos de esta situación. Tampoco merece ser llamada ciencia; en todo caso, es más propio considerarla como un arte, pues en ella tiene menos importancia el rigor y la veracidad que la subjetividad del historiador” (LAS HERAS, 1997, p. 118).

⁸ Localizamos dois instigantes trabalhos na área: *Um parágrafo de história na literatura francesa: a representação do Caso Dreyfus em L'Île des pingouins, de Anatole France* (FRAGA, 2007); *Humanismo satírico em Lima Barreto e Anatole France* (ALMEIDA, 2013).

época, com os seguintes objetivos: 1. identificar as diferentes temporalidades (ou elementos de tempos) e indícios de historicidade, enquanto instâncias do passado, presente, futuro mobilizados nas obras do escritor e a relação dessas com sua crítica; 2. investigar a crítica à ciência histórica na obra de Anatole France bem como suas relações com os paradigmas historiográficos do final do século XIX; 3. analisar introdutoriamente as redes de influências e repercussões da ficção de Anatole France na sociedade e seu papel enquanto intelectual nas controvérsias de seu tempo; 4. fomentar as discussões sobre as relações entre história e literatura.

Para complementar esses debates, também serão exploradas as discussões em torno das fronteiras entre a história e literatura, especialmente a dimensão da narrativa, pois “os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção [...] também conferem uma presença ao passado” (CHARTIER, 2010, p. 21) e, especialmente no caso do romance moderno, muitas vezes mais forte do que os livros de história.

O encadeamento entre literatura, história e temporalidade é a base para explorar as obras de Anatole France nessa investigação. Para alcançar essa conexão são pertinentes conceitos-chave como ficção, temporalidade e regimes de historicidade. Alguns autores amparam as reflexões que serão tecidas ao longo dos capítulos, como François Hartog, Luiz Costa Lima, Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck.

François Hartog tem no tempo uma de suas principais questões de discussão, criando, para isso, a ideia de regimes de historicidade, que, como categoria, “pode tornar mais inteligíveis as experiências do tempo” (HARTOG, 2015, p. 13):

Formulada a partir de nossa contemporaneidade, a hipótese do regime de historicidade deveria permitir o desdobramento de um questionamento historiador sobre nossas relações com o tempo. [...] Partindo de diversas experiências do tempo, o regime de historicidade se pretenderia uma ferramenta heurística, ajudando a melhor apreender, não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas principalmente momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro (HARTOG, 2015, p. 37).

Anatole France tece justamente uma crítica ao regime de historicidade ao qual ele mesmo fazia parte, o regime moderno.⁹ Esse ponto crucial será debatido nos capítulos seguintes, pois

⁹ Podemos identificar o regime moderno de historicidade, grosso modo, entre o final dos séculos XVIII e XIX. Hartog apresenta-o como característico do tempo histórico moderno forjado a partir da Revolução Francesa, e que tem como principal característica o foco no tempo futuro. Nele, “o fervor da esperança voltou-se para o futuro, de onde provém a luz”. Seu movimento se dá a partir da “tensão criada entre campo de experiência e

identifiquei que as obras de France apontam e têm como horizonte a dimensão do futuro, o que o localiza dentro do regime moderno. Contudo, esse tempo futuro está posto como crítica a partir da própria experiência histórica, expondo a face pessimista de Anatole France, a despeito das perspectivas aparentemente positivas que suas obras inicialmente parecem indicar.¹⁰ É fundamental a reflexão em que Hartog nos mostra a forma como a literatura faz parte do movimento da história e do tempo, “pois não convém mais ver a obra ‘como um testemunho de uma realidade exterior’, mas como sendo a si mesma ‘sua própria realidade’” (HARTOG, 2017a, p. 153). Trabalhos como *Do lado dos escritores: os tempos do romance* (HARTOG, 2017a) e *Ce que la littérature fait de l’histoire et à l’histoire* (HARTOG, 2013) oferecem momentos importantes de reflexão, considerando que “a literatura apreendeu e foi apreendida pela História”, e que é a partir dela que identificamos os momentos de fissura do regime moderno, especialmente por meio do romance, “capaz de aproximar a realidade da História, pois sua atenção aos detalhes, às incertezas, ao aleatório, [...] pode finalmente produzir um análogo de sua inesgotável complexidade” (HARTOG, 2017a, p. 137).

Outro pensador fundamental nesta discussão é Luiz Costa Lima, que possui uma obra teórica extensa, abordando noções como ficção, mimesis e verdade pelo traçado da história desses conceitos até a contemporaneidade. Duas obras condensam a reflexão do autor em torno dessas problemáticas: *História. Ficção. Literatura.* (COSTA LIMA, 2006) e *Mimesis: desafio ao pensamento* (COSTA LIMA, 2014). Costa Lima reconstrói a noção de ficção, admitindo que:

[...] a ficção não se confunde com o puro falso senão que opera dentro do falso aceitável. [...] Em palavras diretas: a ficção se torna aceitável a partir de um mito domesticador. [...] O falso aceitável, i.e., o relato ficcional, ao invés, presta tributo à verdade (COSTA LIMA, 2014, p. 269).

Nesse sentido, o estudo do autor contribuirá na medida em que procura ampliar a concepção de verdade: “a verdade, de fato, muda de estatuto: deixa de ser imanente às coisas, transcendental ao mundo, estável em algum reino das Ideias, conforme o longo legado platônico, para se tornar sociocultural” (COSTA LIMA, 2014, p. 277). Outro elemento importante na obra de Costa Lima é a noção de mimesis: “a *mimesis* supõe a correspondência entre uma cena primeira, orientadora e geral, e uma cena segunda, particularizada numa obra. Essa encontra naquela os

horizonte de expectativa” (HARTOG, 2015, p. 260), conforme evidenciou Reinhart Koselleck, especialmente em *Futuro Passado* (2006).

¹⁰ Nos referimos aqui aos ideais revolucionários abordados em *Les dieux ont soif*, que trataremos ainda neste capítulo, ao progresso tecnológico capitalista em *L’île des pingouins* e ao horizonte socialista debatido em *Sur la pierre blanche*, que abordaremos nos próximos dois capítulos.

parâmetros que possibilitam seu reconhecimento e aceitação” (COSTA LIMA, 2014, p. 24), configurando as representações. A ideia é pertinente ao trabalharmos textos de ficção, pois permitirá que sejam teorizados por um conceito que não é exclusivo da literatura, mas ultrapassa seu limite e invade o cotidiano, assistindo-nos na interpretação da obra não apenas como representação do mundo, mas também em sua capacidade em criá-lo.

Paul Ricœur e Reinhart Koselleck possuem reflexões que nesse trabalho são complementares. Serão essenciais as obras *Tempo e Narrativa* (RICŒUR, 2010), *Futuro Passado* (KOSELLECK, 2006) e *Estratos do tempo* (KOSELLECK, 2014). Enquanto Paul Ricœur analisa um conjunto de questões para sustentar sua tese da reciprocidade entre narratividade e temporalidade,¹¹ na qual baseamos a proposta deste trabalho, Reinhart Koselleck também vai oferecer uma importante teorização, a partir das categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa, para entendermos o tempo histórico:

As condições da possibilidade da história real são, ao mesmo tempo, as condições do seu conhecimento. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã (KOSELLECK, 2006, p. 308).

Outro aspecto importante a salientar com relação ao estudo das obras selecionadas é de que a intenção aqui não será analisar seus parâmetros linguísticos ou literários, mas proceder uma análise historiográfica a partir de estratégias que estabeleçam um diálogo entre o texto e seu mundo. Apenas a releitura atenta e crítica poderá contribuir para o objetivo do trabalho, que busca ir além da leitura despreziosa de um romance. Para isso, utilizo a noção de *leitor-intérprete* descrita por Jean Starobinski na coletânea *Faire de l’histoire*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora (STAROBINSKI, 1995, p. 132-143). O intérprete é aquele que intermedia uma transação. “O *interpres* garante, portanto, uma *passagem*” [...] a interpretação toma um aspecto mais total; ela não se limita mais a uma tradução ou à passagem de um para outro código. É um ato de conhecimento” (STAROBINSKI, 1995, p. 141). Starobinski chama a atenção para o texto como “uma totalidade relativamente limitada, [...]: ele exige assim uma análise interna cujos resultados [...] são sempre passíveis de um controle bastante preciso” (STAROBINSKI, 1995, p. 139). Com esse propósito o intérprete precisa “colocar-se fora da obra e submetê-la a uma leitura cuidadosa; além disso, para enunciar os fatos observados, é

¹¹ “[...] o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal” (RICŒUR, 2010a, p. 9).

preciso recorrer à linguagem descritiva de uma outra época (a nossa), e de uma outra categoria intelectual (a de nosso saber contemporâneo)”:

Quanto mais nós procuramos atingir as obras na configuração que têm “em si”, mais nós desenvolvemos os laços que as fazem existir “para nós”. Assim, as estruturas intrínsecas só se tornam evidentes se aceitarmos abordá-las de fora, iluminando as suas formas próprias com uma luz extrínseca, fazendo-lhes perguntas que elas estão longe de fazer elas próprias (STAROBINSKI, 1995, p. 138).

1.1 Anatole France: uma vida sem ilusões?¹²

Neste momento será importante voltar-nos para alguns aspectos da trajetória de Anatole France que contribuirão para o debate sobre suas obras.¹³ O escritor é notadamente reconhecido pela crítica literária como céptico, humanista e *dreyfusard*. Esses três aspectos são claramente manifestos na extensão de sua obra, que teve seu valor reconhecido ao receber o Nobel de Literatura em 1921, consagrando-se como um grande expoente do romance realista na *belle époque*. Após a morte de France em 1924, uma grande quantidade de estudos foi publicada, abordando sua biografia e obra.¹⁴ Will Durant (1964) estabelece algumas fases na carreira literária de France: uma primeira fase “conservadora”, em que France ainda está associado aos

¹² O subtítulo faz referência ao livro *Anatole France: uma vida sem ilusões* (AXELRAD, 1946), biografia de Anatole France escrita por Jacob Axelrad, com expressão bastante elogiosa à vida e obra do escritor.

¹³ Também é preciso problematizar a fórmula “Vida & Obra”, ou seja, aquela que vê um paralelo entre a vida e a obra do escritor, de forma que seus livros fossem unicamente explicados pelas suas vivências. É preciso ter um cuidado em não confundir narrativa biográfica e interpretação historiográfica das obras do escritor, transformando-os em uma única proposição, e apresentando France sob as identidades de autor, narrador e personagem de seus próprios livros. A obra não deve ser tratada como uma fonte direta para a vida do escritor, e vice-versa. Também é preciso pensar na distinção em torno das noções de autor e obra, como sugere Michel Foucault: “Ora, é preciso imediatamente colocar um problema: ‘O que é uma obra? O que é pois essa curiosa unidade que se designa com o nome obra? De quais elementos ela se compõe? Uma obra não é aquilo que é escrito por aquele que é um autor?’ Veremos as dificuldades surgirem. Se um indivíduo não fosse um autor, será que se poderia dizer que o que ele escreveu, ou disse, o que ele deixou em seus papéis, o que se pode relatar de suas exposições, poderia ser chamado de ‘obra’?” (FOUCAULT, 2006, p. 269). Além disso: “O nome do autor é um nome próprio; ele apresenta os mesmos problemas que ele. [...] Não é possível fazer do nome próprio, evidentemente, uma referência pura e simples. O nome próprio (e, da mesma forma, o nome do autor), tem outras funções além das indicativas. Ele é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontando para alguém; em uma certa medida, é o equivalente a uma descrição” (FOUCAULT, 2006, p. 272). No caso desse trabalho, é importante percorrer a trajetória, especialmente literária e política, de Anatole France, pois possui uma relação estreita com suas obras e temáticas de representação, não configurando, contudo, mero reflexo uma da outra.

¹⁴ Cito alguns trabalhos produzidos a partir da década 1920 até a atualidade: Jean-Jacques Brousseau, *Anatole France en pantoufles* (1924); Gonzague Truc, *Anatole France: l'artiste et le penseur* (1924); André Delpuech e Maurice Gaffiot, *Les théories d'Anatole France sur l'organisation sociale de son temps* (1928); Léon Carias, *Anatole France* (1931); Ernest Seillière, *Anatole France critique de son temps* (1934); Claude Aveline, *Anatole France 1844-1924* (1948); Marie-Claire Bancquart, *Anatole France, polémiste* (1962); Jean Levaillant, *Essai sur l'évolution intellectuelle d'Anatole France* (1965); Marie-Claire Bancquart, *Anatole France, un sceptique passionné* (1984); Edith Tendron, *Anatole France inconnu* (1995); Boris Foucaud, *Anatole France: à la recherche d'une philosophie du monde par l'écriture du Désir* (Tese de Doutorado, Université d'Angers, 2001); Guillaume Métayer, *Anatole France et le nationalisme littéraire* (2011).

autores parnasianos franceses; uma fase “epicurista” em que se aproxima do sensualismo e da beleza; uma fase “cética”, no que diz respeito a qualquer determinismo na história, ao progresso humano e às verdades absolutas; e, por último, uma fase “socialista”, aquela em que prestou seu apoio ao movimento que crescia no início do século XX.¹⁵ Apesar das fases aparentemente distintas, France conseguiu abordar em suas obras personagens e cenários representativos, por um lado, de sua própria vida e época, por outro, de temas universais, utilizando uma linguagem clara, direta e penetrante:

O estilo de France é clássico na medida em que prima pela clareza e evita utilização de palavras abstratas e de molduras afetadas; seu trabalho busca a clareza, mesmo, e sobretudo, ao construir paradoxos. Embora considere a existência como constituída de contradições de difícil solução, ele não crê ser, por isso, necessário escrever de modo obscuro. Assim, Anatole France é clássico quanto ao espírito e ao estilo, pertencendo a uma tradição adaptada e aplicada a seu tempo (FRAGA, 2007, p. 36-37).

La Revista Blanca, periódico anarquista espanhol sobre temas de “Psicología, Ciencias y Artes”, publicou artigos por ocasião da morte de France. Para David Díaz, um de seus autores, o escritor era considerado uma das grandes figuras por sua atuação, mesmo que breve, a favor de uma sociedade socialista:

Anatolio France, por el contrario, fué un escritor que há soñado em sueño de su vida ante los volúmenes de sua librería; un escritor que pudiéramos llamar *livresco*, si no se hubiera abusado tanto y tan depressivamente de este término. No hay escritor en que las cosas de la realidad reverberasen a través de tanta filosofía, de tanta literatura y de tan profundas meditaciones. [...] Mientras el filósofo sabe no ver más que formas vacías, el artista sabe gozar de la bella plenitude de estas formas. Con Anatolio France desaparece el más glorioso paladín del “arte por el arte”, que si no era anarquista merecía serlo, lo cual me parece el mayor de todos los elogios (DÍAZ, 1924, p. 25-26).¹⁶

¹⁵ Os primeiros passos do escritor foram em direção à poesia parnasiana, época em que frequentava as reuniões do grupo liderado pelo poeta Leconte de Lisle, e que tinha como mote “a beleza é a mais eterna de todas as verdades” (AXELRAD, 1946, p. 66). France começara a contribuir com artigos literários em pequenas revistas, atividade que manteria por toda a sua carreira em diferentes periódicos. Embora tenha se afastado dos parnasianos, não deixou de seguir o seu lema, e sem se aproximar demais dos acontecimentos políticos decisivos de sua juventude pelos quais a França passava na década de 1870. Isso não impediu que fizessem parte de sua experiência enquanto contemporâneo, refletindo em sua produção mais madura, como veremos neste trabalho.

¹⁶ “Anatole France, por outro lado, foi um escritor que sonhou com o sonho de sua vida diante dos volumes de sua biblioteca; um escritor que poderíamos chamar de *livresco*, se não se tivesse abusado tanto e tão depressivamente desse termo. Não há escritor em que as coisas da realidade reverberassem através de tanta filosofia, tanta literatura e meditações tão profundas. [...] Enquanto o filósofo sabe ver apenas formas vazias, o artista sabe aproveitar a bela plenitude dessas formas. Com Anatole France desaparece o mais glorioso paladino da “arte pela arte”, que se ele não fosse um anarquista, ele merecia ser um, o que me parece ser o maior de todos os elogios” (DÍAZ, 1924, p. 25-26).

O conjunto da vida e obra de Anatole France foi observado de forma mordaz pelo crítico brasileiro Otto Maria Carpeaux (1966) em sua obra monumental *História da literatura ocidental*:

Houvera o caso Dreyfus, a tentativa de revogar os princípios de 1789; então, o burguês parisiense, ameaçado na sua liberdade democrática de ler e escrever à vontade, se revoltou. Voltou ao jacobinismo dos seus antepassados; e como o jacobino francês tem a tendência de evoluir cada vez mais para a esquerda, o parnasiano tornou-se radical, socialista e, enfim, comunista. Na obra literária, essa evolução reflete-se menos do que se pensa. Até a magnífica *Affaire Crainquebille*, a obra-prima de “*ironie et pitié*” é menos expressão da revolta de socialista contra opressão policial do proletário do que a indignação de um burguês parisiense, de instintos anarquistas, contra qualquer opressão policial, contra a própria máquina administrativa do Estado. É, doutro lado, o protesto do parnasiano pacífico, perturbado nos seus sonhos de evasão pela realidade social. O autor do *Crime de Silvestre Bonnard* já revelara tanta “*pitié*” como “*ironie*”; e o socialista militante Anatole France não deixou de ser um leitor céptico de livros raros e curiosos. Na sua obra, em conjunto, não há solução da unidade. [...] É France principalmente um estilista. Foi o autor mais admirado da época entre o simbolismo e o modernismo; de uma época menos dedicada à poesia. Depois, foi eclipsado e hostilizado: as censuras violentas contra o seu ceptismo irresponsável não eram justas; e a maioria dos seus inimigos de então acabou depois em dogmatismos políticos inadmissíveis (CARPEAUX, 1966, p. 2587-2588).

A análise contundente de Carpeaux é importante para pensar France como um autor não apenas entre dois séculos, mas entre dois regimes de historicidade, ou mesmo duas eras, no entender de Eric Hobsbawm, e talvez por isso fosse alvo de certa rejeição por parte de seus contemporâneos. Sua escrita estava na esteira do romance de caráter realista firmado no século XIX, período que legou uma das conquistas literárias mais férteis, a da realidade cotidiana, “cuja forma mais difundida foi a do romance (ou do conto) realista” (AUERBACH, 1972, p. 242). Para Eric Auerbach, trata-se do “princípio da mistura dos gêneros, que permite tratar de maneira séria e mesmo trágica a realidade cotidiana, em toda a extensão de seus problemas humanos, sociais, políticos, econômicos, psicológicos (AUERBACH, 1972, p. 242). As obras de France são um símbolo muito claro desse gênero de escrita. Além disso, não se aproximou das correntes modernistas da literatura, permanecendo um expoente do “velho” romance realista, o que por vezes tornava-o anacrônico e “fora de moda”, no entender das novas gerações.¹⁷

Os jovens escritores das vanguardas modernistas, especialmente os simbolistas e surrealistas, à época em que France já alcançara prestígio e era considerado uma das principais

¹⁷ Recentemente a imprensa francesa noticiou o descontentamento dos jovens estudantes franceses que prestavam o *Baccalauréat* (ou simplesmente *Bac*, exame similar ao Enem), em que, ao se depararem com um texto de Anatole France na prova, acharam sua escrita “arcaica”, além de sequer conhecerem a figura do escritor. Cf. AISSAOUI (2016), GOLUB (2016) e LE MONDE (2016). Ver também os artigos: “*Anatole France, l'écrivain le plus insulté de France*” (ANATOLE, 2016) e “*Anatole France, olvidado*” (CORTINA, 2010).

referências literárias da Europa, rejeitavam-no. Por ocasião de sua morte em 1924, houve tanto uma comoção nacional com cortejo oficial em Paris, quanto o festejo por parte desses escritores. Sua morte representava o desaparecimento de um tipo de cultura e escrita clássicas a qual queriam transformar (SUFFEL, 1954; BANCQUART, 1984). Poucos dias após sua morte, um grupo de surrealistas publicou o panfleto *Un Cadavre* (escrito por Louis Aragon, André Breton e outros), pela ocasião do funeral de Anatole France, que reuniu seus admiradores, como Léon Blum e Marcel Proust. O panfleto ficou conhecido como uma espécie de manifesto surrealista, atacando aquilo que a figura de France representava.¹⁸

Em seu discurso de recepção na Academia Francesa em 1927, Paul Valéry, eleito para ocupar a cadeira 38 que havia sido de Anatole France, apresenta críticas ao falecido escritor por meio de irônicos elogios (isso sem mencionar o nome de Anatole France uma única vez!):¹⁹

Par les diverses perfections de ses ouvrages, par la variété et l'étonnante étendue de sa culture, par la suprême liberté de son esprit, votre confrère s'est avancé d'une condition modeste à la situation la plus éclatante, et d'une aube assez grise qui éclaira ses premiers temps, ses travaux, ses talents, son destin, le conduisirent enfin à un crépuscule magnifique (VALÉRY, 1927).²⁰

Ce n'était point un ingénu que mon illustre prédécesseur. Il ne s'attendait point que l'humanité fût dans l'avenir bien différente de ce qu'il paraît qu'elle fut jusqu'à nous-mêmes; ni que des merveilles tout inédites naquissent à présent de la ferveur des êtres et de la recherche de l'absolu. Il n'y avait pas en lui une foi invincible dans l'aventure de l'esprit; mais il avait tant lu et si bien lu qu'il s'était fait comme indépendant du présent et du futur par cette connaissance générale et intime de ce qu'il y a de lisible dans le passé, et même d'illisible.

Il est né dans les livres, élevé dans les livres, toujours altéré de livres. Il connaît tout des livres, papier, type, formats, reliures, ce que l'on sait de l'imprimeur, de l'écrivain, des éditions, de leurs sources, de leur destin. Sa vie le fait successivement libraire, bibliothécaire, juge des livres, auteur; il est l'homme des livres (VALÉRY, 1927).²¹

¹⁸ *Un Cadavre*, 18 de outubro de 1924. Disponível em: <http://www.andrebretton.fr/work/56600100143070>. Acesso em 22 nov. 2018.

¹⁹ *Discours de réception de Paul Valéry, Le 23 juin 1927*. Disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/discours-de-reception-de-paul-valery>. Acesso em 22 nov. 2018.

²⁰ “Pelas várias perfeições de suas obras, pela variedade e extensão surpreendente de sua cultura, pela suprema liberdade de seu espírito, vosso colega avançou de uma condição modesta à mais brilhante situação, e de um amanhecer bastante cinza que iluminou seus primeiros tempos, seus trabalhos, seus talentos, seu destino, finalmente, levou-o a um magnífico crepúsculo” (VALÉRY, 1927).

²¹ “Não foi uma pessoa ingênua meu ilustre antecessor. Ele não esperava que a humanidade fosse no futuro muito diferente do que parece ser a nós mesmos; nem que novas maravilhas nascem agora do fervor dos seres e da busca do absoluto. Não havia fé invencível nele na aventura do espírito; mas lera e lera tão bem que se tornara independente do presente e do futuro por esse conhecimento geral e íntimo do que é legível no passado e até mesmo ilegível.

Nasceu em seus livros, cresceu em seus livros, sempre alterou livros. Ele sabe tudo sobre livros, papéis, tipos, formatos, ligações, o que sabemos sobre o impressor, o escritor, as edições, suas origens, seu destino. Sua vida é sucessivamente livreira, bibliotecária, juiz de livros, autor; ele é o homem dos livros” (VALÉRY, 1927). E ainda: “Ses romans, qui sont bien plutôt des chroniques d'un monde dont il n'a pas laissé de faire paraître tout le mépris qu'il en concevait facilement, sont écrits dans le ton de l'ironie classique qui lui était une manière naturelle, et comme instinctive de s'exprimer, — si constante chez lui que dans les endroits, qui sont rares, où il dépose un instant le sourire, il a l'air d'être moins soi-même ; il n'a pas l'air d'être sérieux.

Apesar de um certo esquecimento após sua morte, Anatole France foi, especialmente após a publicação de *Le Crime de Sylvestre Bonnard* (1881), muito lido em sua época e conhecido no mundo intelectual, como tenho afirmado. Frequentou diversos salões literários e se tornou o favorito de um dos mais famosos, conduzido por Madame de Caillavet.²² Nesse período são publicados os livros que tornam France ainda mais prestigiado: *Thaïs* (1890), *La Rôtisserie de la reine Pédauque* (1892), *Les Opinions de M. Jérôme Coignard* (1893), *Le Lys rouge* (1894). Finalmente, em 1896, foi eleito para a Academia Francesa, reconhecimento importante para o literato na época.

Talvez mais do que os romances, o que de fato atraiu a atenção do público mais geral à figura de France foi seu envolvimento, já mencionado, no conturbado *Affaire Dreyfus* (1894-1906), que dividiu intelectuais e políticos, criando a própria noção de “intelectual” tal como nos servimos desde então. France já possuía uma carreira estável e reconhecida e, aparentemente, não tinha motivos para se envolver no caso (essa seria uma atitude antes quase impensada para um escritor que fora amante da beleza e da arte e um tanto avesso a discussões políticas).²³ Contudo, posicionou-se a favor do capitão judeu do exército francês Alfred Dreyfus e ficou ao lado do escritor Émile Zola quando este escreveu o incendiário *J'accuse*, tornando-se um dos mais importantes *dreyfusards*.²⁴ Por trás da controvérsia encarniçada entre *dreyfusards* e *antidreyfusards* existiam discordâncias políticas mais profundas quanto à situação política e social da França naquele momento, sobretudo a respeito dos poderes da Igreja e sua relação com o Estado, o militarismo e o antissemitismo. As notícias diárias e as discórdias entre políticos e intelectuais publicadas em jornais dão uma ideia “da paixão desencadeada pelo caso Dreyfus” (WINOCK, 2000, p. 60):

Il faut avouer que la société de ce temps-là, qui se prolonge dans le nôtre, lui offrait une riche et favorable matière. Il trouvait en soi et autour de soi un mélange des plus impurs de circonstances et d'idées, qui pouvait inspirer les jugements les plus sceptiques” (VALÉRY,1927). “Il ne fut pas de ceux qui tendent leurs attentions vers les choses qui pourraient être, qui espèrent en celles qui naissent, et dont l'oreille extrêmement sensible veut entendre l'herbe qui pousse. Ce désir engendre parfois quelque hallucination de l'ouïe...

Mais lui, — que son ombre m'excuse, — il ne s'est pas montré si anxieux de pressentir. Comme il ne croyait pas aux prophètes, il n'obtint pas le don de prophétie, ou du moins, ne fut-il qu'un 'prophète du passé'” (VALÉRY,1927). “La crédulité, pensai-je, n'est pas difficile. Elle consiste à ne pas l'être. Il lui suffit d'être ravi. Elle s'emporte dans les impressions, les enchantements, et toute dans l'instant même, elle appelle la surprise, le prodige, l'excès, la merveille et la nouveauté. Mais un temps vient, quoiqu'il ne vienne pas pour tout le monde, que l'état plus délié des esprits leur suggère d'être exigeants. De même que les doctrines et les philosophies qui se proposent sans preuves trouvent dans la suite des temps plus de mal à se faire croire, et suscitent plus d'objections tellement qu'à la fin on ne retienne plus pour vrai que ce qui est vérifiable, ainsi vait-il dans l'ordre des arts. Au doute philosophique ou scientifique, vient à correspondre une manière de doute littéraire” (VALÉRY,1927).

²² A relação de France com Léontine Caillavet duraria até a morte desta, em 1910. Sobre o salão de Madame de Caillavet, ver POUQUET (1926).

²³ Sobre o envolvimento de France no *Affaire*, ver especialmente Axelrad (1946, p. 379).

²⁴ Grupo a favor da revisão do processo judicial que condenou Dreyfus, considerado fraudulento.

A firmeza dos argumentos de ambos os lados conferia dignidade ao debate, nem sempre limitado a essa disputa filosófica. Muito ao contrário. Do lado *dreyfusard*, a crise encorajou a paixão antimilitarista, até antipatriótica, o que fazia o jogo dos nacionalistas. No meio nacionalista, o antiindividualismo virou ódio contra os judeus, contra os estrangeiros e contra o regime republicano estabelecido. [...] O dreyfusismo, apesar de suas falhas, professava a universalidade da lei moral: era preciso respeitar o homem, o gênero humano, em cada homem. O nacionalismo recusava essa universalidade, em nome do grupo, da nação, da tribo; trazia consigo esse ódio das raças, essa xenofobia, que se manifestava, violenta, no anti-semitismo. [...] As lutas do caso Dreyfus revelaram, entre outras coisas, os impasses da moderação, quando são desrespeitados os princípios que fundamentam o querer-viver-juntos (WINOCK, 2000, p. 81).

A atitude de France apoiando Dreyfus publicamente por meio de petições, escrevendo artigos, participando de reuniões e proferindo discursos demonstrou um passo decisivo a favor de ideais políticos, lhe custando parte de seus amigos, que se manifestaram contra Dreyfus, mas ganhando novos companheiros. Na verdade, o posicionamento de France sobre o *Affaire* resulta de ideais já expostos em suas obras: prevenção contra o clericalismo, aversão ao catolicismo, condenação de uma justiça militar, censura contra o antissemitismo. Já a adesão ao socialismo se deveu especialmente à amizade com o famoso político socialista da época, Jean Jaurès, e corresponde a uma radicalização que levou o escritor a se tornar militante durante algum tempo, recusando usar a roseta da Legião de Honra e deixando de comparecer às sessões da Academia Francesa, onde era o único a favor de Dreyfus (WINOCK, 2000, p. 83-85). A quadrilogia *Histoire Contemporaine*, composta pelos livros *L'Orme du mail* (1897), *Le Mannequin d'osier* (1897), *L'Anneau d'améthyste* (1899) e *Monsieur Bergeret à Paris* (1901), foi uma amostra desta fase do escritor, em que abordou a atualidade francesa daquele tempo.²⁵ É preciso também levar em consideração que era um momento delicado para a Europa como um todo. As posições políticas extremavam-se cada vez mais e a eminência de uma guerra pairava no ar. France não ficou indiferente a tudo isso, daí a radicalização de suas posições, inclusive durante a guerra.

²⁵ A respeito do envolvimento dos escritores e da repercussão do *affaire* em suas obras, Assia Kettani observa: “Réunissant autour d’un même combat idéologique des écrivains d’esthétiques divergentes voire opposées, l’affaire Dreyfus a ainsi été l’occasion d’un dialogue, d’une relecture et d’une réécriture commune qui au croisement des regards et des sensibilités a donné naissance à cette ‘littérature dreyfusarde’, à la fois polémique et littéraire, poétique et politique, oscillant entre le combat idéologique et la fiction ou encore la dérision. En marge de leur engagement, Anatole France, Emile Zola, Charles Péguy, Octave Mirbeau ou encore Marcel Proust ont donné à l’affaire Dreyfus une postérité littéraire à travers des témoignages, interprétations et réflexions autour du même événement qui se croisent et parfois se répondent à plus de trente ans d’intervalle” (KETTANI, 2010, p. 8). “Reunindo em torno de um combate ideológico comum escritores de estéticas divergentes e até opostas, o caso Dreyfus foi a ocasião de um diálogo, de uma releitura e de uma reescritura comum de uma articulação que no cruzamento de olhares e sensibilidades deu à luz esta ‘literatura dreyfusista’, de uma só vez polêmica e literária, poética e política, oscilando entre o combate ideológico e a ficção ou ainda o escárnio. À margem do seu compromisso, Anatole France, Emile Zola, Charles Péguy, Octave Mirbeau ou ainda Marcel Proust deram ao Caso Dreyfus uma posteridade literária através de testemunhos, interpretações e reflexões em torno do mesmo evento que se cruzam e às vezes se respondem com mais de trinta anos de diferença” (KETTANI, 2010, p. 8).

No entanto, estas oscilações podem ser encaradas como contradições próprias do escritor, mas que fundamentalmente estavam de acordo com os seus mais profundos ideais humanistas. France jamais abandonou seu ceticismo, mesmo quanto ao socialismo e a Revolução Russa, a democracia e a liberdade. Mais cedo ou mais tarde, retirou-se da cena política propriamente dita, para dedicar-se apenas à literatura. Algumas de suas obras seguiram com um tom mais engajado, sem deixar de se aproximar de sua vida pessoal e de temas universais sobre a condição humana.²⁶

Relembramos que Anatole France também demonstrou sua posição frente ao debate historiográfico, de forma indireta, em sua prosa de ficção, e eventualmente em seus artigos. Outros pensadores apontaram a posição do autor frente a essas discussões:

Además, la convicción sobre la maldad inherente al hombre lleva a Anatole France a negar toda posibilidad de progreso o mejora a su existencia, marcada siempre por el odio, la envidia y la desdicha. La historia humana se desarrolla de modo cíclico, puesto que está constituida por una sucesión de nacimientos y desapariciones de distintas civilizaciones. [...] Esta concepción de la historia sitúa a Anatole France en una posición totalmente contraria a la que mantuvieron los intelectuales a los que cabría considerar como historiadores oficiales de la Tercera República francesa. Hombres como Ernest Lavisse, Charles-Victor Langlois, Charles Seignobos, Alphonse Aulard, Gabriel Monod o Gustavo Lanson defendieron, a lo largo de una época situada entre el final del siglo XIX y el comienzo del XX, una visión del hecho histórico y de la disciplina que lo estudia con la que Anatole France no podía estar en mayor desacuerdo (LAS HERAS, 1997, p. 119).²⁷

Diversos críticos assinalam uma forte desconfiança de Anatole France contra as pretensões da história à exatidão, especialmente Marie-Claire Bancquart:

C'est faire là, nous semble-t-il, un travail d'historien, même si les reconstitutions du passé ne doivent pas être présentées pour eles-mêmes, mais insérées dans des romans. Et, cependant, scrupuleux comme il est, Anatole France refuse de penser que ses recherches le mèneront à une vérité indiscutable. C'est la raison pour laquelle il parle

²⁶ Anatole France também participou, a partir de 1919, da fundação do grupo *Clarté*, como resposta ao desastre no pós-guerra e a favor da revolução socialista. O movimento fundou uma revista com o mesmo nome, que publicou de 1921 a 1928 e atraiu diversos intelectuais, como Gorki, Einstein, Mann, Shaw. Após a morte de Anatole France, e a aproximação do movimento com os surrealistas, a revista rejeita a herança de France, visto como símbolo de um mundo em decadência (RACINE-FURLAUD, 1967; CUÉNOT, 2014; MORAGA VALLE, 2015).

²⁷ “Além disso, a convicção sobre o mal inerente ao homem leva Anatole France a negar qualquer possibilidade de progresso ou melhoria de sua existência, sempre marcada por ódio, inveja e miséria. A história humana se desenvolve de modo cíclico, uma vez que é constituída por uma sucessão de nascimentos e desaparecimentos de diferentes civilizações. [...] Essa concepção de história coloca Anatole France em uma posição totalmente contrária àquela dos intelectuais que poderiam ser considerados historiadores oficiais da Terceira República Francesa. Homens como Ernest Lavisse, Charles-Victor Langlois, Charles Seignobos, Afonso Aulard, Gabriel Monod e Gustavo Lanson defenderam, ao longo de um período entre o final do século XIX e o início do século XX, uma visão do fato histórico e da disciplina que o estuda a qual Anatole France não poderia estar em maior desacordo” (LAS HERAS, 1997, p. 119).

solvente de l'histoire, à la fois pour dire son amour pour elle et pour mettre en doute son infaillibilité (BANCQUART, 1994, p. 162).²⁸

Identificamos nas obras de France, por um lado, essa suspeita sobre a metodologia e objetivos da historiografia, por outro, uma proposta para uma história menos acadêmica aos moldes do século XIX. Esses aspectos reforçam a importância do estudo de seus textos para a compreensão do desenvolvimento do conhecimento histórico no início do século XX.

Como veremos a seguir, outros aspectos da ciência histórica chamaram atenção de Anatole France e foram representados em seus romances, como *Les dieux ont soif*, de 1912. Esse romance é reconhecido por muitos críticos literários como um romance histórico, e representa o passado da Revolução Francesa, especialmente o período do Terror (1793-1794), pensando uma Revolução rediscutida no contexto da Terceira República francesa. Não se trata apenas de uma representação do passado: temos a Revolução debatida a partir do olhar contemporâneo de France, que aponta problemáticas de sua época como o abrandamento do período do Terror revolucionário, questão grave no início do século XX que reconhecia a aproximação de regimes autoritários em sua realidade.²⁹

1.2 O passado revisitado em *Les Dieux Ont Soif*

Nous voulons des contes que nous puissions croire, l'histoire de la Révolution française, par exemple. Laissez-nous le roman de l'histoire. S'il n'est pas vrai tout entier, il contient quelque vérité (FRANCE, 1888, p. 123-124).³⁰

Anatole France publicou os três romances aqui estudados em um momento bastante politizado de sua carreira, incorporando temas polêmicos de seu tempo dentro de suas narrativas. A publicação de *Les dieux ont soif* em 1912 teria um papel importante, pois seria um romance escrito por um autor abertamente socialista a respeito da Revolução Francesa. A Revolução era

²⁸ “Este fazer, nos parece, um trabalho de historiador, mesmo se as reconstruções do passado não devem ser apresentadas por eles mesmos, mas inserido em romances. E, contudo, escrupuloso como é, Anatole France recusa a acreditar que suas pesquisas o levarão a uma verdade indiscutível. É por isso que ele fala frequentemente de história, tanto para expressar seu amor por ela quanto questionar sua infalibilidade” (BANCQUART, 1994, p. 162).

²⁹ Em 2014 iniciei uma pesquisa sobre a obra *Les dieux ont soif*, que resultou no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Prof. Temístocles Cezar. A pesquisa me levou a outros aspectos de interesse na obra de Anatole France, sobretudo aqueles voltados para a história e a dimensão temporal.

³⁰ “Queremos histórias em que possamos acreditar, a história da Revolução Francesa, por exemplo. Deixe-nos o romance da história. Se não é inteiramente verdadeiro, contém alguma verdade” (FRANCE, 1888, p. 123-124).

um período extremamente significativo e que passava por uma reabilitação sob os republicanos e socialistas da Terceira República:

Quando acabou por instalar-se [a IIIª República], vitoriosa enfim, na década de 1870, foi porque os Republicanos dominaram os próprios demônios que os agitavam internamente e porque tinham apresentado uma versão pacificada de seus grandes ancestrais, purificada do espectro da guilhotina (FURET; OZOUF, 1989, p. 155).

De fato, *Les dieux ont soif* causou polêmicas dentro dos círculos socialistas franceses da época, pois discordava em aspectos importantes daqueles comumente veiculados. O romance apresentava uma posição crítica da ala jacobina, rompendo com uma

[...] tradicional veneração de uma República que nunca logra vencer por completo o seu complexo em relação ao período jacobino, à ditadura sangrenta do Terror e à guilhotina como mácula na origem mesma da democracia francesa, mácula que os governantes pós-1870 tentaram exorcizar apresentando o regime terrorista *sans-culotte* como um parêntese horrível, mas necessário de “salvação pública”, ainda que procurassem vencer esses demônios fundadores do republicanismo apresentando uma versão pacificada (MEDINA, 2005, p. 28).

Na obra Anatole France voltará seu olhar justamente para o lado obscuro e propositalmente pouco explorado da Revolução: o período do Terror.

O romance apresenta as experiências de Évariste Gamelin na Paris durante os anos dominados pelo Terror na Revolução Francesa (1793-1794). Trata-se de um fanático das causas revolucionárias que se tornará jurado no Tribunal Revolucionário. France nos mostra a rapidez de sua ascensão e queda ao longo da narrativa, recheada de personagens representativos dos diversos segmentos, como o *ci-devant* Maurice Brotteaux des Ilettes, o comerciante oportunista Jean Blaise e sua filha Élodie, a aristocrata Louise Masché de Rochemaure e o religioso Louis de Longuemare.

Ao pensar a representação do passado que a obra configura, a experiência temporal aparece como um elemento chave para compreender essa representação. Falamos de uma experiência temporal que exprime uma nova forma de se relacionar com o tempo, de vivenciá-lo, demarcando uma nova experiência, característica dos “novos tempos”, do tempo revolucionário, que significa, em última instância, a modernidade. Essa nova experiência está engendrada a uma aceleração do tempo, ou seja, uma alteração da velocidade com a rapidez da sua passagem. A Revolução traz consigo um sentimento de mudança e aceleração muito fortes: são os novos tempos que mudam o regime, os políticos, o calendário, os valores, os costumes, e com isso, a própria forma de encarar o tempo. Os anos dominados pelo Terror (1793-1794), são a marca distintiva desta nova experiência, radicalizada durante aproximadamente um único

ano. Um ano que, em *Les dieux ont soif*, apresentará Évariste Gamelin como pintor frustrado, enamorado, jurado do Tribunal Revolucionário, alzo de sua família e amigos, e finalmente, sua queda e fim, tal como aqueles a quem condenara. O presente se dilui, pois o futuro agora representava o principal tempo, aquele que deveria ser cultivado, através do presente:

[...] o tempo que se acelera em si mesmo, isto é, a nossa própria história, abrevia os campos da experiência, rouba-lhes sua continuidade, pondo repetidamente em cena mais material desconhecido, de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não-experimentável (KOSELLECK, 2006, p.36).

As experiências vividas por Évariste representam as principais características desse período, através da rapidez de sua ascensão, radicalização e queda³¹. A história inicia em maio de 1793 em meio à guerra nas fronteiras contra as potências estrangeiras, o começo da guerra na Vendéia e a criação do Comitê de Salvação Pública³². Ao longo de toda a história, o leitor é confrontado com as mudanças e as permanências geradas pela Revolução e o período do Terror.

Até aqui podemos observar o que Paul Ricœur chamou de *entrecruzamento entre a história e ficção*. Para Ricœur, “a história e a ficção só concretizam suas respectivas intencionalidades tomando de empréstimo a intencionalidade da outra” (RICŒUR, 2010c, p. 311). Assim, teremos de um lado a *ficcionalização da história*, pois esta necessita da ficção para representar o passado, e a *historicização da ficção*, quando a narrativa de ficção busca imitar a narrativa histórica (RICŒUR, 2010c). E desse entrecruzamento temos o *tempo humano*, “onde se conjugam a representância³³ do passado pela história e as variações imaginativas da ficção (RICŒUR, 2010c, p. 328). Esse tempo humano está plenamente representado em *Les dieux ont soif*, no decorrer das ações de cada personagem, evidenciando o “quase passado” que a ficção pode criar, e detectando “*possíveis escondidos no passado efetivo*.”

³¹ Notamos que as questões mais trabalhadas pelos críticos desta obra são a representação da violência e intolerância acarretadas pela radicalização da Revolução e o fanatismo representado pelo personagem principal. Ver DURANT, 1964; BANCQUART, 1989; MEDINA, 2005.

³² De maneira geral, France é bastante fiel aos acontecimentos históricos da Revolução e mesmo sua cronologia. Algumas adaptações foram feitas quando necessário, mas sem modificações profundas.

³³ Ricœur chama de representância (*représentance*) “a capacidade do discurso histórico de representar o passado” (RICŒUR, 2007, p. 250). “A palavra “representância” condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos. [...] Diferentemente do pacto entre um autor e um leitor de ficção que se baseia na dupla convenção de suspender a expectativa de qualquer descrição de um real extralinguístico e, em contrapartida, reter o interesse do leitor, o autor e o leitor de um texto histórico convencionam que se tratará de situações, acontecimentos, encadeamentos, personagens que existiram realmente anteriormente, isto é, antes que tenham sido relatados, o interesse ou o prazer de leitura resultando como que por acréscimo. A pergunta agora colocada visa saber se, como e em que medida o historiador satisfaz à expectativa e à promessa de subscritas nesse pacto” (RICŒUR, 2007, p. 289).

O que “poderia ter acontecido” – o verossímil segundo Aristóteles – abarca tanto as potencialidades do passado “real” como os possíveis “irreais” da pura ficção” (RICŒUR, 2010c, p. 327).

Acerca da temporalidade, Reinhart Koselleck assinala em seu livro *Futuro Passado*, a transformação na forma de percepção do tempo, particularmente a partir da experiência revolucionária, tomando como exemplo um dos discursos de Robespierre:

[...] a transformação da estrutura temporal, nesse período, é o nosso tema aqui. Em 10 de maio de 1793, em seu famoso discurso sobre a Constituição revolucionária, Robespierre declara: “É chegada a hora de conclamar cada um para seu verdadeiro destino. O progresso da razão humana preparou esta grande Revolução, e vós sois aqueles sobre os quais recai o especial dever de acelerá-la.” A providencial fraseologia de Robespierre não é capaz de dissimular que o horizonte de expectativa alterou-se em relação à situação inicial. [...] Para Robespierre, a aceleração do tempo é uma tarefa do homem, que deverá introduzir os tempos da liberdade e da felicidade, o futuro dourado (KOSELLECK, 2006, p. 25).

Em outro trabalho, investigando a abreviação do tempo, aceleração e secularização e sua afinidade com o surgimento da modernidade, Koselleck (2003) aponta que com o Iluminismo, o futuro deveria necessariamente trazer um tempo de felicidade e liberdade por intermédio da ação humana, que aceleraria esse tempo. Apenas o homem poderia impor essa aceleração, que transforma a sociedade e a liberta de toda a forma de dominação. O caráter inovador da experiência revolucionária francesa é justamente a prática dessa aceleração de forma visível na história, que se tornou a proposição da experiência histórica da modernidade (KOSELLECK, 2003, p. 64).³⁴

A tarefa de acelerar o tempo e nele instaurar os tempos da liberdade e da felicidade comunitária será perseguida pelo jovem Évariste que, embevecido dos discursos do Incorruptível, mergulhará nas abstrações aludidas por Robespierre em seus discursos, e demonstrará, através de suas atitudes, um verdadeiro fanatismo por tais princípios, como assinalam vários críticos de *Les dieux ont soif*:

Sans doute Gamelin présente-t-il dès lors les caractères du fanatique: il a toujours adhéré aux principes extrêmes de la Révolution, principes devenus de plus en plus radicaux et s’incarnant en des personnalités différentes; il est puritan en art comme en

³⁴ Koselleck aponta que diversos contemporâneos da Revolução notaram essa abreviação do tempo - que irrompia mesmo antes da década revolucionária – a partir da sucessão dos acontecimentos, especialmente pela modificação constitucional e estatal em apenas um decênio: “Como anotó una vez Niebuhr en una mirada retrospectiva a la Revolución Francesa, ya la historia europea en su conjunto ha transcurrido, desde el último tercio del siglo XVIII, más deprisa. Esta percepción subjetiva no se refería sólo al acontecer político, sino al último acto de la época preindustrial” (KOSELLECK, 2003, 65).

amour; vertueux lui-même, il professe envers les autres la même exigence de rigidité qu'envers lui (BANCQUART, 1989, p. 25).³⁵

Esse fanatismo, essa adesão cega àquilo que consideravam como “princípios revolucionários” (na verdade jacobinos), parte também do reconhecimento de que, diferentemente do Antigo Regime, esse tempo da ignorância em que o homem comum, o povo, não passavam de expectadores da história, a Revolução colocara em cena outros personagens, novos homens, e que todos, inclusive Évariste, um pequeno e jovem pintor, poderiam interferir em seu curso. Contudo, Évariste deveria afastar-se da humanidade, desviar-se do curso natural de sua própria vida, para construir a história, o futuro. Isso porque participar do processo de ruptura com o Antigo Regime o exigia, era preciso cortar toda a vinculação com aquele passado, e enfrentar todas as oposições e hesitações. A felicidade nasceria no momento em que estes homens revolucionários estivessem, por fim, inscritos no passado.

É possível perceber na obra a representação de trajetórias aceleradas que fazem parte de um fenômeno maior que foi encarnado pela Revolução Francesa: a própria modernidade. Além disso, o romance discutiu alguns pressupostos da própria Revolução, uma vez que abordou seu período mais crítico e de difícil entendimento aos seus contemporâneos, e que por muito tempo disputaram sua memória. France demonstrou sua posição, lembrando a seus leitores o Terror, e que essa etapa faz parte da história da França. Mostrou de forma singular e irônica como a suspensão provisória dos Direitos do homem foi autorizada a favor da salvação pública, e pela “exigência superior de fundar-se a sociedade no alicerce da virtude dos cidadãos” (FURET; OZOUF, 1989, p. 574). Embora o autor faça uma crítica contra o Terror, a obra não deve ser lida como contrarrevolucionária, mas como um apelo em favor da tolerância política e contra o mito republicano da Revolução.

Vimos também como o presente do escritor esteve conectado com sua obra, demonstrando como esta dimensão mantém-se vinculada aos romances históricos, mesmo que evoquem antes de tudo o passado. Observamos esse presente de France durante a representação dos julgamentos de processos fraudulentos no Tribunal Revolucionário, que sugerem o caso Dreyfus; no embate entre o catolicismo e o governo, que retoma de certa forma a posição de France a favor da separação da Igreja e do Estado (fato que ocorreu na França em 1905). O próprio clima de hostilidade entre os países que protagonizariam a Primeira Guerra já podia ser

³⁵ “Sem dúvida Gamelin apresenta a partir de então características de um fanático: ele sempre aderiu aos princípios extremos da Revolução, princípios que se tornaram cada vez mais radicais e encarnavam em diferentes personalidades; ele é puritano na arte como no amor; virtuoso, ele professa para os outros a mesma exigência de rigidez que o envolve” (BANCQUART, 1989, p. 25).

sentido durante a escritura do romance, e nele repercutir. Podemos inferir que Anatole France já entrevia os anos de muitas batalhas que estavam à frente da Europa. Sua postura de moderação e tolerância, desta forma, está justificada dentro do romance que trata da Revolução Francesa, e portanto, de um período de mudanças extremas.

Desse modo, a literatura é capaz de produzir e vincular conhecimento sobre o mundo, permitindo um acesso voltado a zonas obscuras da história. Logo, seu alcance seria de proporcionar uma inteligibilidade à experiência humana, algo que toca os limites do conhecimento histórico, já que a literatura ultrapassaria as fronteiras do conhecimento do possível. História e literatura não disputam a primazia de representação da realidade, embora tenham elementos em comum em suas narrativas, e não se confundem. Mantêm diferentes recursos e liberdades e podem trabalhar em conjunto em benefício do conhecimento que temos acerca do passado e de nosso próprio presente.

Embora muitos dos ideais revolucionários fossem louváveis, os crimes cometidos pelos representantes do Terror em nome da Revolução, encabeçados especialmente por Robespierre, não poderiam ser esquecidos. *Les dieux ont soif* tratou de garantir uma reflexão a respeito desses acontecimentos que “tingiram de vermelho” os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, tão caros aos primeiros revolucionários, e retomados durante a Terceira República por seus herdeiros. Marie-Claire Bancquart esclarece como Anatole France se insere no debate que retoma a Revolução e faz um uso político dessa:

La perspective n'était pas la même pour les partisans de la IIIe République, qui, depuis sa fondation, se réclamaient directement de l'héritage révolutionnaire. Pendant l'affaire Dreyfus, cet héritage avait été plus encore revendiqué, puisque les royalistes avaient tenté de prendre le pouvoir. On avait de la Révolution une vision en noir ou en blanc. Pour les uns, nostalgiques de l'Ancien Régime comme Taine, elle avait été initialement une erreur, et avait produit de véritables monstres pendant la Terreur. Pour les autres, elle avait été fondamentalement bonne, et les excès commis devaient être imputés aux nécessités de la défense nationale [...]. Qu'ils déplorent ces excès tout en les expliquant, [...] la Révolution était toujours présentée globalement comme bienfaisante par les républicains. [...] Quand en 1912 on fête officiellement le bicentenaire de Rousseau, inspirateur des idées révolutionnaires, c'est dans cet esprit d'admiration généralisée. Une foi de plus, Anatole France, en écrivant *Les dieux ont soif*, s'est placé dans une position inconfortable parce qu'elle était “non conforme”: il se refusait à faire l'amalgame de tous les moments de la Révolution. [...] En fait, il posait une question qui se pose toujours : comment une société qui a perdu l'idée de la divinité peut-elle prétendre trouver une certitude, sans tomber dans le culte aberrant d'un homme, d'une idéologie? (BANCQUART, 1994, p. 93-94).³⁶

³⁶ “A perspectiva não era a mesma para os partidários da Terceira República, que, desde sua fundação, reivindicavam diretamente a herança revolucionária. Durante o caso Dreyfus, esta herança havia sido ainda mais reivindicada, já que os monarquistas tentaram tomar o poder. Tivemos uma visão preto e branco da Revolução. Para alguns, nostálgicos do Antigo Regime como Taine, ela inicialmente tinha sido um erro, e havia produzido verdadeiros monstros durante o Terror. Para outros, ela havia sido fundamentalmente boa, e os excessos cometidos deveriam ser imputados às necessidades da defesa nacional [...]. Que eles deploram esses excessos enquanto os explicam, [...] a Revolução sempre foi apresentada globalmente como benéfica pelos republicanos.

Ou seja, em um período de reabilitação e culto da Revolução e da figura de Robespierre, Anatole France focará seu romance no lado sombrio dos acontecimentos revolucionários, sublinhando os horrores de um regime totalitário, que usa da força e da supressão de direitos civis para governar.

É preciso lembrar que *Les dieux ont soif* foi publicado apenas dois anos antes da Primeira Guerra Mundial. Se não fosse possível prever uma guerra daquela magnitude, era certamente visível o clima hostil entre as potências europeias. Também é importante salientar que “o nacionalismo radical do final do século XIX e início do século XX contribuiu para a I Guerra Mundial e para a ascensão do fascismo após a guerra; ele foi a sementeira do nacionalismo totalitário” (PERRY, 2002, p. 457). Além disso, “[o nacionalismo radical] atacou e solapou a tradição iluminista. [...] negaram a igualdade, desprezaram a tolerância, repudiaram a idéia da unidade entre os seres humanos e fizeram do mito e da superstição forças vitais na vida política” (PERRY, 2002, p. 465). A Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) também havia deixado marcas e instabilidade na nação francesa. Diante de todos esses cenários, era temerário venerar a Revolução esquecendo suas marcas visivelmente antidemocráticas nesse período. O romance de Anatole France pode ser lido como um alerta cuidadoso aos republicanos sobre os riscos de um governo autoritário, mesmo que de orientação democrática.

Em vista disso, o passado desempenha aqui um papel de ligação e ensinamento ao presente, com vistas a um futuro possível/imaginado. France parece querer realizar uma reinscrição dos acontecimentos históricos da Revolução, e para isso utiliza sua narrativa e seus personagens. Perpassa os sentimentos humanos inseparáveis da política, como paixão, razão e crença. Évariste Gamelin encarnará esses sentimentos, como um jovem pintor fracassado que vê suas emoções canalizadas para a radicalização revolucionária, atuando com toda sua verve e fanatismo também como membro da seção do *Pont-Neuf* de Paris, do Comitê Militar e do Conselho Geral da Comuna. Cairá junto de seu ídolo maior, Robespierre, sem não antes levar para o cadafalso boa parte de seus amigos.

Entendo *Les dieux ont soif* como uma verdadeira demonstração da capacidade da escrita ficcional em produzir conhecimento não apenas sobre a época em que foi concebido. France retoma e reinscreve o passado para criticar seu presente e alertar sobre o futuro. Isso mostra

[...] Quando em 1912 celebra-se oficialmente o bicentenário de Rousseau, que inspirou as ideias revolucionárias, é neste espírito de admiração generalizada. Uma vez mais, Anatole France, escrevendo *Os deuses têm sede*, colocou-se numa posição desconfortável porque ela era ‘não conforme’: ele se recusou a fazer o amálgama de todos os momentos da revolução. [...] Na verdade, ele levantou uma questão que se coloca sempre: como uma sociedade que perdeu a ideia de divindade pode pretender encontrar uma certeza, sem cair no culto absurdo de um homem, de uma ideologia?” (BANCQUART, 1994, p. 93-94).

como a literatura mobiliza essa experiência de passado e a transforma em conhecimento pela literatura (KOSELLECK, 2014), possibilitando a construção de uma nova consciência histórica para sua contemporaneidade, como pretendeu Anatole France (LORIGA, 2017, p. 29).

2 A HISTÓRIA SATÍRICA DA EUROPA EM *L'ILE DES PINGOUINS*

O futuro? Mas, meu pobre amigo, não há futuro – não há nada. Tudo vai recomeçar como antes mais uma vez – as pessoas vão construir coisas e destruí-las, e assim por diante, para todo o sempre (FRANCE, *apud* WILSON, 1987, p. 68).

Publicado em 1908, *L'île des pingouins* é um dos livros mais estudados e comentados de Anatole France. Um dos motivos de seu reconhecimento é a figuração do Caso Dreyfus no capítulo “*L'affaire des quatre-vingt mille bottes de foin*” do romance. *L'île* não é o único livro de France a representar o Caso, também ficcionalizado em *Crainquebille* e, quase como crônica, em *Histoire Contemporaine*.³⁷ Para além do Caso, o que mais chama a atenção no romance é sua forma que simula um livro de história, apresentando uma divisão bastante “tradicional”, dividido em eras: as origens, os tempos antigos, a idade média, a renascença, os tempos modernos e, curiosamente, os tempos futuros. France utiliza de uma narrativa satírica ao tratar da história da ilha dos pinguins para representar, na verdade, uma metáfora da história da França e mesmo do Ocidente, uma “*parodie furieuse du passé et du présent*” (BANCQUART, 1994, p. 81).³⁸

Além de ironizar a própria história europeia, o autor satiriza os métodos da *Nouvelle Sorbonne*, conforme aponta Marie-Claire Bancquart (BANCQUART, 1994, p. 163). O narrador da história se apresenta como o historiador que realizou uma longa pesquisa e agora apresenta as memórias da “ilha dos pinguins”, tratando-se do objetivo de sua vida. Tudo começa com um grupo de aves que fora batizado por engano por São Maël e, para consertar o erro do santo, foram transformados em humanos por Deus. Assim, saindo “de la zoologie pour entrer dans l’histoire et dans la théologie” (FRANCE, 1909, p. V)³⁹, os pinguins criam uma civilização que passa por diversos estágios até chegar na fase capitalista do início do século XX.⁴⁰ France vai mostrar os traços que acompanham as civilizações ao longo de seu desenvolvimento considerando os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, e dando especial atenção

³⁷ Em 2007, *L'île des pingouins* foi objeto de uma interessante dissertação de mestrado no Brasil intitulada “Um parágrafo de história na literatura francesa: a representação do Caso Dreyfus em *L'île des pingouins*, de Anatole France”, Denise Fraga.

³⁸ “Paródia furiosa do passado e do presente” (BANCQUART, 1994, p. 81).

³⁹ “Saindo da ‘zoologia para entrar na história e na teologia’” (FRANCE, 1909, p. V).

⁴⁰ Não localizei a primeira edição do livro, de 1908. Por isso utilizarei a edição de 1909 que consta na plataforma *Gallica*.

ao caráter violento desses “avanços”. A sociedade dos pinguins atinge seu ápice com o pleno desenvolvimento do capitalismo, esbanjando a riqueza de poucos e a miséria de muitos. A partir daí, com os “os tempos futuros”, as cidades abarrotadas de pessoas, seus proletários e suas indústrias, edifícios gigantescos e o ar poluído, o futuro dos pinguins é sombrio. France apresenta um grupo de anarquistas que literalmente detona toda a capital de Alca, transformando a Pinguínia em ruínas. De volta aos tempos primitivos, a sociedade evoluiria novamente no mesmo caminho de volta às ruínas pós-capitalistas, numa história sem fim.

A forma como Anatole France tece a história dos pinguins e apresenta sua narrativa por meio de uma sátira historiográfica, demonstra o caráter crítico de *L’île des pingouins*. Como aponta Pauline Bruley,

L’Île des Pingouins est de la veine d’un *Ubu roi*, qui serait composé dans le style du Dictionnaire philosophique. Dans cette parodie de l’histoire de France, parue en 1908, le fil rouge est une imposture généralisée, tant chez les acteurs de l’histoire que chez les historiographes (BRULEY, 2011, p. 143).⁴¹

As imposturas no livro estão voltadas tanto na recusa de uma história cristã, que se manifesta especialmente nos mitos de origens dos povos, quanto à historiografia dita “positivista”, no seu “culto” aos documentos. Essa historiografia do século XIX, marcadamente progressiva e linear, formada dentro do regime moderno de historicidade, será outro elemento criticado dentro do romance por Anatole France. François Hartog ajuda a pensar o papel da literatura dentro do regime moderno, atuando fora dos marcos da historiografia profissional:

Regime moderno de historicidade e romance andam [...] de mãos dadas? Sim e não [...]. Sim, pois tudo começa por essa experiência irrefutável e comum das sociedades europeias tomadas por um novo tempo. E não, pois a literatura concentrar-se-á de preferência nas fissuras do regime moderno, em captar seus fracassos, apreender a heterogeneidade das temporalidades em curso, para daí extrair um dispositivo dramático e a ocasião de um questionamento da ordem do mundo (HARTOG, 2017a, p. 128).

Ao mesmo tempo em que o romance faz parte do regime moderno, apresenta suas fissuras ao analisar as condições desse regime de prosperar. É preciso lembrar que ao longo do século XIX e parte do XX historiadores e romancistas negociaram com o regime moderno, muitas vezes favorecendo as falhas e discordâncias de temporalidades (HARTOG, 2016).

Utilizando a expressão de Hartog, Anatole France parece querer “vacinar” seus contemporâneos a respeito do futuro que pode se desenrolar em um horizonte catastrófico a partir da experiência histórica contemporânea ponderada por ele. É preciso lembrar que esse

⁴¹ “A Ilha dos Pinguins é da veia de um *Ubu roi*, que seria composto no estilo do Dicionário Filosófico. E nesta paródia da história da França, publicada em 1908, o fio vermelho é uma impostura generalizada, tanto entre os atores da história quanto entre os historiadores” (BRULEY, 2011, p. 143).

regime futurista moderno olha a partir futuro na tentativa de iluminar o presente e explicar o passado, guiando as experiências históricas para que os homens soubessem o caminho já percorrido e o que ainda precisava ser realizado (HARTOG, 2016). As histórias nacionais modernas foram escritas a partir desse modelo, satirizado, inclusive pelo seu método, em *L'île des pingouins*. A ideia de sátira é importante para entender a crítica de France exercida por meio da ironia, que dá a tônica em quase todos os seus romances. A crença na História (construída mediante seus métodos) e em história, apontada para um futuro feliz, cai por terra no romance. O capítulo final é um exemplo importante, em que estão representadas explosões organizadas por anarquistas que se insurgem contra o estágio capitalista a que a Pinguínia havia chegado e à aceleração temporal decorrente. Mais uma vez, há uma descrença de France no homem e sua capacidade de lidar com os avanços científicos e promover progressos na humanidade de fato. Sua natureza, afinal, sempre será animal, e a violência sua característica principal.⁴² Veremos a seguir como o romance arranja esses debates e acomoda a história da França na pequena ilha dos pinguins.

2.1 Uma história a partir do sumário

Uma boa maneira de nos aproximarmos inicialmente do romance é analisando com atenção seu sumário. Façamos isso:

PREFACE

LIVRE PREMIER

LES ORIGINES

CHAPITRE I^{er}. — Vie de saint Maël.

II. — Vocation apostolique de saint Maël

III. — La tentation de saint Maël

IV. — Navigation de saint Maël sur l'océan de Glace

V. — Baptême des pingouins

VI. — Une assemblée au Paradis

VII. — Une assemblée au Paradis (*suite et fin*)

VIII. — Métamorphose des pingouins

LIVRE II

LES TEMPS ANCIENS

CHAPITRE I^{er}. — Les premiers voiles

II. — Les premiers voiles (*suite et fin*)

III. — Le bornage des champs et l'origine de la propriété

IV. — La première assemblée des États de Pingouinie

V. — Les noces de Kraken et d'Orberose

⁴² Há uma metáfora no romance para isso: os pinguins, após serem transformados por Deus em homens, mantém ainda algumas características físicas das aves. Ou seja, para eles nunca será possível desfazer-se de sua condição primitiva de animal e civilizar-se por completo.

- VI. — Le dragon d'Alca
- VII. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- VIII. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- IX. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- X. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- XI. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- XII. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- XIII. — Le dragon d'Alca (*suite et fin*)

LIVRE III

LE MOYEN ÂGE ET LA RENAISSANCE

- CHAPITRE I^{er}. — Brian le Pieux et la reine Glamorgane
- II. — Draco le Grand. — Translation des reliques de sainte Orberose
- III. — La reine Crucha
- IV. — Les lettres: Johannès Talpa
- V. — Les arts: les primitifs de la peinture pingouine
- VI. — Marbode
- VII. — Signes dans la lune

LIVRE IV

LES TEMPS MODERNES

TRINCO

- CHAPITRE I^{er}. — La Rouquine
- II. — Trinco
- III. — Voyage du docteur Obnubile

LIVRE V

LES TEMPS MODERNES

CHATILLON

- CHAPITRE I^{er}. — Les révérends pères Agaric et Cornemuse
- II. — Le prince Crucho
- III. — Le conciliabule
- IV. — La vicomtesse Olive
- V. — Le prince des Boscénos
- VI. — La chute de l'émiral
- VII. — Conclusion

LIVRE VI

LES TEMPS MODERNES

L'AFFAIRE DES QUATRE-VINGT MILLE BOTTES DE FOIN

- CHAPITRE I^{er}. — Le général Greatauk, duc du Skull
- II. — Pyrot
- III. — Le comte de Maubec de la Dendulynx
- IV. — Colomban
- V. — Les révérends pères Agaric et Cornemuse
- VI. — Les sept cents pyrots
- VII. — Bidault-Coquille et Maniflore. Les socialistes
- VIII. — Le procès Colomban
- IX. — Le père Douillard
- X. — Le conseiller Chaussepied
- XI. — Conclusion

LIVRE VII

LES TEMPS MODERNES

MADAME CÉRÈS

- CHAPITRE I^{er}. — Le salon de madame Clarence
- II. — L'œuvre de Sainte-Orberose
- III. — Hippolyte Cérés
- IV. — Le mariage d'un homme politique
- V. — Le cabinet Visire

VI. — Le sofa de la favorite
 VII. — Les premières conséquences
 VIII. — Nouvelles conséquences
 IX. — Dernières conséquences
 L' APOGÉE DE LA CIVILISATION PINGUINE

LIVRE VIII

LES TEMPS FUTURS

L'HISTOIRE SANS FIN

§ I. — *On ne trouvait jamais les maisons assez hautes...*

§ II. — *Dans la partie sud-ouest de la ville...*

§ III. — *À compter de ce jour les attentats...*

§ IV. — *Les autres villes de la fédération...*

(FRANCE, 1909, p. 417-419).⁴³

Como podemos ver, a história dos pinguins é apresentada de forma progressiva e linear. Começando pelas origens, o narrador expõe os mitos que fundaram a Pinguínia: a viagem do santo Maël, levado pelo Diabo (disfarçado) a navegar por mares próximos à Bretanha até chegar a uma ilha desconhecida, habitada por pinguins. O santo, não reconhecendo as aves, devido ao gelo e a forte luz sobre os seus olhos, identifica nelas homens vivendo em pleno estado de natureza e paganismo, e decide realizar sua vocação apostólica batizando-os e evangelizando-os:

- Habitants de cette île, leur dit-il, quoique vous soyez de petite taille, vous semblez moins une troupe de pêcheurs et de marinières que le sénat d'une sage république. Par

⁴³ “PREFÁCIO; LIVRO PRIMEIRO; AS ORIGENS; Capítulo I. – Vida de São Maël; II. – Vocação apostólica de São Maël; III. – A tentação de São Maël; IV. – Navegação de São Maël pelo oceano de Gelo; V. – Batismo dos pinguins; VI. – Uma assembleia no céu; VII. – Uma assembleia no céu (*continuação e fim*); VIII. – Metamorfose dos pinguins; LIVRO II; OS TEMPOS ANTIGOS; Capítulo I. – Os primeiros véus; II. – Os primeiros véus (*continuação e fim*); III. – A demarcação dos campos e a origem da propriedade; IV. – A primeira assembleia dos Estados Pinguins; V. – O casamento de Kraken e Orberose; VI. – O dragão de Alca; VII. – O dragão de Alca (*continuação*); VIII. – O dragão de Alca (*continuação*); IX. – O dragão de Alca (*continuação*); X. – O dragão de Alca (*continuação*); XI. – O dragão de Alca (*continuação*); XII. – O dragão de Alca (*continuação*); XIII. – O dragão de Alca (*continuação e fim*); LIVRO III; A IDADE MÉDIA E O RENASCIMENTO; CAPÍTULO I. – Brian o Pio e a rainha Glamorgane; II. – Draco o Grande – Translado de relíquias de Santa Orberose; III. – A rainha Crucha; IV. – As letras: Johannes Talpa; V. – As artes: os primitivos da pintura pinguina; VI. – Marbode; VII. – Sinais na lua; LIVRO IV; OS TEMPOS MODERNOS; TRINCO; CAPÍTULO I. – A ruiva; II. – Trinco; III. – Viagem do doutor Obnubile; LIVRO V; OS TEMPOS MODERNOS; CHATILLON; CAPÍTULO I. – Os reverendos padres Agaric e Cornemuse; II. – O príncipe Crucho; III. – O conciliábulo; IV. – A viscondessa Olive; V. – O príncipe de Boscénos; VI. – A queda do almirante; VII. – Conclusão; LIVRO VI; OS TEMPOS MODERNOS; O CASO DOS OITENTA MIL FARDOS DE FENO; CAPÍTULO I. – O general Greatauk, duque de Skull; II. – Pyrot; III. – O conde de Maubec da Dentdulynx; IV. – Colomban; V. – Os reverendos padres Agaric e Cornemuse; VI. – Os setecentos Pyrots; VII. – Bidault-Coquille e Maniflore. Os socialistas; VIII. – O processo Colomban; IX. – O padre Douillard; X. – O conselheiro Chaussepied; XI. – Conclusão; LIVRO VII; OS TEMPOS MODERNOS; MADAME CÉRÈS; CAPÍTULO I. – O salão de Madame Clarence; II. – A obra de Santa Orberose; III. – Hippolyte Cérés; IV. – O casamento de um homem político; V. – O gabinete Visire; VI. – O sofá da favorita; VII. – As primeiras consequências; VIII. – Novas consequências; IX. – As últimas consequências; O APOGÉU DA CIVILIZAÇÃO PINGUINA; LIVRO VIII; OS TEMPOS FUTUROS; A HISTÓRIA SEM FIM; § I. – *Os edifícios nunca eram considerados altos o suficiente...*; § II. – *Na parte sudoeste da cidade...*; § III. – *A partir desse dia os ataques...*; § IV. – *As outras cidades da federação...*” (FRANCE, 1909, p. 417-419).

votre gravité, votre silence, votre tranquille maintien, vous composez sur ce rocher sauvage une assemblée comparable aux Pères-Conscrits de Rome délibérant dans le temple de la Victoire, ou plutôt aux philosophes d'Athènes disputant sur les bancs de l'Aréopage. Sans doute, vous ne possédez ni leur science ni leur génie; mais peut-être, au regard de Dieu, l'emportez-vous sur eux. Je devine que vous êtes simples et bons. En parcourant les bords de votre île, je n'y ai découvert aucune image de meurtre, aucun signe de carnage, ni têtes ni chevelures d'ennemis suspendues à une haute perche ou clouées aux portes des villages. Il me semble que vous n'avez point d'arts, et que vous ne travaillez point les métaux. Mais vos coeurs sont purs et vos mains innocentes. Et la vérité entrera facilement dans vos âmes (FRANCE, 1909, p. 21-22).⁴⁴

Vemos como a origem dessa história é marcada pela presença de figuras da tradição cristã, como santos, o Diabo e, como veremos a seguir, pelo próprio Deus. Os elementos cristãos são acentuados em várias obras de Anatole France, que as utiliza para tecer suas críticas à Igreja e à moral católica que, em seu ponto de vista, aprisionam o homem. A presença do Diabo pode representar o lado humano que não admite suas falhas, e as transfere para uma figura que concentra o mal, eximindo-se da culpa pelos descaminhos da própria humanidade. Além disso, o Diabo sempre incorpora a figura de um religioso na história, como os padres Samson, Magis e Régimental, disfarçando-se para desviar os homens do melhor caminho, o que indica também a corrupção dos indivíduos ligados ao sacerdócio, na visão reiterada de France.

A única forma de remediar o engano do santo Maël ao batizar os pinguins foi concedendo, a partir de uma assembleia no céu, uma transformação das aves em homens. A aprovação dessa mutação não aconteceu sem grande debate entre vários santos, como São Patrício, Santo Agostinho, Santa Catarina e Deus, que teria a palavra final. A solução foi dada por Santa Catarina ao sugerir que lhes fossem concedidas cabeças e busto humanos, e uma alma imortal para que o sacramento do batismo pudesse ser válido. E assim foi decidido:

- N'en délibérons plus [...]. Ces oiseaux seront changés en hommes. Je prévois à cela plusieurs inconvénients. Beaucoup entre ces hommes se donneront des torts qu'ils n'auraient pas eus comme pingouins. Certes, leur sort, par l'effet de ce changement, sera bien moins enviable qu'il n'eût été sans ce baptême et cette incorporation à la famille d'Abraham (FRANCE, 1909, p. 43).⁴⁵

⁴⁴ “- Habitantes desta ilha, disse ele, embora vocês sejam pequenos, parecem menos uma tropa de pescadores e marinheiros do que o senado de uma república sábia. Por sua gravidade, seu silêncio, sua postura tranquila, vocês compõem nesta rocha selvagem uma assembléia comparável aos Padres Conscritos de Roma deliberando no templo da Vitória, ou melhor, aos filósofos de Atenas disputando os bancos do Areópago. Sem dúvida, vocês não possuem nem sua ciência nem seu gênio; mas talvez, aos olhos de Deus, tome sobre eles. Eu acho que vocês são simples e bons. Enquanto atravessava as margens de sua ilha, descobri que não havia imagem de assassinato, nenhum sinal de carnificina, nem cabeças nem cabelos de inimigos suspensos com um mastro alto ou pregados nas portas das aldeias. Parece-me que vocês não têm artes e que não trabalham os metais. Mas seus corações são puros e suas mãos são inocentes. E a verdade entrará facilmente em suas almas” (FRANCE, 1909, p. 21-22).

⁴⁵ “- Não vamos deliberar mais [...]. Essas aves serão transformadas em homens. Eu antecipo muitas desvantagens. Muitos desses homens sofrerão por não serem mais como pinguins. Certamente seu destino, pelo efeito dessa

São Maël foi então informado de seu erro e da decisão tomada por Deus, e viu as aves se transformarem em homens e adquirirem os hábitos humanos ditos civilizados a partir do momento em que são trajados e precisam se comportar de acordo com a moral cristã, embora isso não ocorresse de fato, pois apenas encobririam a sua corrupção, antes inexistente. E assim como os demais humanos, foram despossuídos de sua primitiva harmonia, para lançarem-se em guerras e contendas violentas ao longo dos séculos de história de sua nação pinguina.

No capítulo “*Le bornage des champs et l’origine de la propriété*” somos apresentados à criação dos princípios da civilização pinguina, o direito e a propriedade privada, a partir das explicações de Bulloch, um dos frades que acompanha São Maël. O santo não compreende a forma como as antigas aves se batem umas às outras de forma violenta e cometem os maiores crimes. Para Bulloch, os assassinatos e roubos são na verdade guerras de conquista pela propriedade, que deve ser tomada à força. Aquele que a conquista deve ser louvado e considerado nobre. Assim, estão sendo criadas as bases da sociedade e do estado na Pinguínia a partir do estabelecimento dos princípios das civilizações ocidentais, considerados universais. A criação dos impostos não foi esquecida, estabelecendo mais uma das bases da desigualdade nessa sociedade: quem contribui de fato são os pobres, e não a nobreza. Para que fosse “igual para todos”, o imposto foi fixado sobre o que se come e bebe, e não sobre o que se possui, afinal todos comem e bebem (!).

A histórias das origens da Pinguínia também dá conta de mostrar a ascensão de uma santa, sua padroeira, e da formação da primeira dinastia. Ao longo dos diversos capítulos sobre o dragão de Alca, cidade da Ilha, o narrador expõe como se forjou a figura da santa, que nasce de uma história mítica arquitetada pela própria mulher que se tornaria santa Orberose, e seu amante Kraken. Orberose, uma linda jovem da cidade, havia desaparecido para viver com Kraken em sua caverna, afastados dos demais pinguins. Concomitantemente, espalhava-se um boato, baseado em testemunhos os mais contraditórios possíveis, de que um dragão era o responsável por todos os males que assolavam a cidade, cometendo roubos e raptos, quando na verdade tratava-se de Kraken o criminoso. Era tomado por um dragão por causa da vestimenta que usava para causar medo e poder cometer os atos de forma mais livre sem ser reconhecido. A população aconselhava-se com São Maël, que destacou que somente por meio da intervenção de uma donzela virgem o dragão seria domado. A essa proposição, Orberose vira uma oportunidade de fortuna e fama para o casal, sugerindo a Kraken que eles simulassem a queda

mudança, será muito menos invejável do que teria sido sem esse batismo e incorporação na família de Abraão” (FRANCE, 1909, p. 43).

do dragão pelas de suas próprias mãos: Orberose desempenharia o papel da virgem, subjugando um falso dragão, e Kraken seria aquele que, pela de sua espada, colocaria fim à fera. O plano teve pleno sucesso, e dessa forma Orberose se tornou a padroeira da ilha, e Kraken, a quem a população passou a pagar tributo, fundador da primeira dinastia real dos pinguins, chamada Dracônida, em homenagem ao desventurado dragão de Alca.

A partir desse mito de origem, empregado como dispositivo de enaltecimento da nação, a história da Pinguínia entra em sua idade média e renascimento:

Les rois d'Alca issus de Draco, fils de Kraken, portaient sur la tête une crête effroyable de dragon, insigne sacré dont la seule vue inspirait aux peuples la vénération, la terreur et l'amour. Ils étaient perpétuellement en lutte soit avec leurs vassaux et leurs sujets, soit avec les princes des îles et des continents voisins. Les plus anciens de ces rois ont laissé seulement un nom. Encore ne savons-nous ni le prononcer ni l'écrire. Le premier Draconide dont on connaisse l'histoire est Brian le Pieux, estimé pour sa ruse et son courage aux guerres et dans les chasses (FRANCE, 1909, p. 109).⁴⁶

Reis e rainhas são descritos em seus sentimentos pios, exaltados em sua fé cristã, ao mesmo tempo que cometiam crimes e atrocidades por meio de guerras. O papel da Igreja é também importante na sociedade pinguina, que se torna perene com o passar dos séculos:

On ne saurait trop admirer que, durant ces longs âges de fer, la foi ait été conservée intacte parmi les Pingouins. La splendeur de la vérité éblouissait alors les âmes qui n'étaient point corrompues par des sophismes. C'est ce qui explique l'unité des croyances. Une pratique constante de l'Église contribua sans doute à maintenir cette heureuse communion des fidèles: on brûlait immédiatement tout Pingouin qui pensait autrement que les autres (FRANCE, 1909, p. 124).⁴⁷

Como podemos ver, em muitas passagens o paralelismo com a história ocidental é evidente, especialmente ao adentrar os “tempos modernos”.⁴⁸ Nesse período a história dos pinguins será

⁴⁶ “Os reis de Alca de Draco, filho de Kraken, carregavam em suas cabeças uma assustadora crista de dragão, uma insígnia sagrada cuja única visão inspirava as pessoas à veneração, terror e amor. Eles estavam lutando perpetuamente com seus vassalos e súditos, ou com os príncipes das ilhas vizinhas e continentes. O mais antigo desses reis deixou apenas um nome. Nós não sabemos como pronunciá-lo ou escrevê-lo. O primeiro Dracônida cuja história é conhecida é Brian o Piedoso, estimado por sua astúcia e sua coragem em guerras e caçadas” (FRANCE, 1909, p. 109).

⁴⁷ “Não pode admirar que, durante essas longas eras de ferro, a fé tenha sido preservada intacta entre os pinguins. O esplendor da verdade então deslumbrou as almas que não foram corrompidas pelos sofismas. Isso explica a unidade de crenças. Uma prática constante da Igreja contribuiu, sem dúvida, para manter esta feliz comunhão dos fiéis: queimava-se imediatamente qualquer pinguim que pensasse diferente dos outros” (FRANCE, 1909, p. 124).

⁴⁸ Em 1934 o crítico francês Ernest Seillière (1866-1955) publicou a obra “*Anatole France, critique de son temps*”. Nela o escritor retoma, ponto a ponto, as referências históricas presentes em *L'île des pingouins*, o que dá uma amostra da extensão do conhecimento histórico de Anatole France a respeito da história da França, necessário à escritura do romance enquanto paródia “fiel” dessa.

marcada pela figura de grandes homens e suas intrigas, abrangendo quatro capítulos. Neles são apresentadas as formações da moderna Pinguínia, a partir da nação republicana após a sua “Revolução Francesa”, responsável por extinguir a monarquia. No capítulo “Trinco” reconhecemos boa parte das guerras de conquistas perpetradas por um jovem homem de guerra que conquista imensos territórios para a Pinguínia, e da mesma forma os perde; trata-se de uma clara alusão às guerras napoleônicas. Após esse período, a ilha mergulha no mais fundo capitalismo a partir do século XIX, desenvolvendo as classes sociais modernas, e revestida por um regime político aparentemente democrático. Tentativas de retomada da monarquia por meio de intrigas envolvendo membros da antiga nobreza e da igreja também ocorrem, sem sucesso.

A representação do Caso Dreyfus desenrola-se no livro sexto da obra, “*L’affaire des quatre-vingt mille bottes de foin*”, em que os segredos de guerra aos quais o capitão Dreyfus havia sido acusado injustamente de vender são substituídos, na narrativa, pelo roubo de oitenta mil fardos de feno. O personagem Pyrot, judeu como Dreyfus, encarna a figura do acusado do crime de vender os fardos de fenos aos grandes inimigos dos pinguins, os marsuínos. Tratava-se, portanto, da mais alta traição. Mais uma vez verificamos o envolvimento de membros da igreja católica no Caso, que se transformou em questão nacional. Anatole France aproveita o embate para debater o antissemitismo presente na França, acirrado com o Caso. Creio válida a longa citação:

Toute la Pinguinie apprit avec horreur le crime de Pyrot; en même temps, on éprouvait une sorte de satisfaction à savoir que ce détournement, compliqué de trahison et confinant au sacrilège, avait été commis par un petit juif. Pour comprendre ce sentiment, il faut connaître l’état de l’opinion publique à l’égard des grands et des petits juifs. Comme nous avons eu déjà l’occasion de le dire dans cette histoire, la caste financière, universellement exécrée et souverainement puissante, se composait de chrétiens et de juifs. Les juifs qui en faisaient partie, et sur lesquels le peuple ramassait toute sa haine, étaient les grands juifs; ils possédaient d’immenses biens et détenaient, disait-on, plus d’un cinquième de la fortune pingouine. En dehors de cette caste redoutable, il se trouvait une multitude de petits juifs d’une condition médiocre, qui n’étaient pas plus aimés que les grands et beaucoup moins craints. Dans tout État policé, la richesse est chose sacrée; dans les démocraties elle est la seule chose sacrée. Or l’État pingouin était démocratique; trois ou quatre compagnies financières y exerçaient un pouvoir plus étendu et surtout plus effectif et plus continu que celui des ministres de la république, petits seigneurs qu’elles gouvernaient secrètement, qu’elles obligeaient, par intimidation ou par corruption, à les favoriser aux dépens de l’État, et qu’elles détruisaient par les calomnies de la presse, quand ils restaient honnêtes. Malgré le secret des caisses, il en paraissait assez pour indigner le pays, mais les bourgeois pingouins, des plus gros aux moindres, conçus et enfantés dans le respect de l’argent, et qui tous avaient du bien, soit beaucoup, soit peu, sentaient fortement la solidarité des capitaux et comprenaient que la petite richesse n’est assurée que par la sûreté de la grande. Aussi concevaient-ils pour les milliards israélites comme pour les milliards chrétiens un respect religieux et, l’intérêt étant plus fort chez eux que l’aversion, ils eussent craint autant que la mort de toucher à un seul des cheveux de ces grands juifs qu’ils exétraient. Envers les petits, ils se sentaient moins vérécondieux, et s’ils voyaient quelqu’un de ceux-là à terre, ils le trépingnaient. C’est

pourquoi la nation entière apprit avec un farouche contentement que le traître était un juif, mais petit. On pouvait se venger sur lui de tout Israël, sans craindre de compromettre le crédit public.

Que Pyrot eût volé les quatre-vingt mille bottes de foin, personne autant dire n'hésita un moment à le croire. On ne douta point, parce que l'ignorance où l'on était de cette affaire ne permettait pas le doute qui a besoin de motifs, car on ne doute pas sans raisons comme on croit sans raisons. On ne douta point parce que la chose était partout répétée et qu'à l'endroit du public répéter c'est prouver. On ne douta point parce qu'on désirait que Pyrot fût coupable et qu'on croit ce qu'on désire, et parce qu'enfin la faculté de douter est rare parmi les hommes; un très petit nombre d'esprits en portent en eux les germes, qui ne se développent pas sans culture. Elle est singulière, exquise, philosophique, immorale, transcendante, monstrueuse, pleine de malignité, dommageable aux personnes et aux biens, contraire à la police des États et à la prospérité des empires, funeste à l'humanité, destructive des dieux, en horreur au ciel et à la terre. La foule des Pinguins ignorait le doute: elle eut foi dans la culpabilité de Pyrot, et cette foi devint aussitôt un des principaux articles de ses croyances nationales et une des vérités es-sentielles de son symbole patriotique (FRANCE, 1909, p. 242-244).⁴⁹

Anatole France mescla muito bem, especialmente nesse trecho de uma narrativa extremamente satírica, os elementos contemporâneos verificados nas democracias modernas imbricadas ao capitalismo no contexto do século, ao mesmo tempo em que traz o problema filosófico da dúvida e aponta para o ceticismo que permeia invariavelmente suas obras. O antissemitismo,

⁴⁹ “Toda Pinguínia olhou com horror o crime de Pyrot; ao mesmo tempo, sentia-se uma satisfação em saber que esse desvio, agravado pela traição e beirando o sacrilégio, fora cometido por um pequeno judeu. Para entender esse sentimento, é preciso conhecer o estado da opinião pública em relação aos grandes e aos pequenos judeus. Como já tivemos ocasião de dizer nesta história, a casta financeira, universalmente execrada e supremamente poderosa, consistia de cristãos e judeus. Os judeus que faziam parte dela, e sobre os quais o povo vertia todo o seu ódio, eram os grandes judeus; eles possuíam propriedades imensas e detinham, dizia-se, mais de um quinto da fortuna dos Pinguins. Além dessa formidável casta, havia uma multidão de pequenos judeus de condição medíocre, que não eram mais amados do que os grandes e muito menos temidos. Em qualquer estado policiado, a riqueza é sagrada; nas democracias é a única coisa sagrada. O estado pinguim era democrático; três ou quatro empresas financeiras exerciam o mais amplo poder e, sobretudo, mais eficaz e contínuo do que o de Ministros da República, senhores mesquinhos que governavam secretamente, a quem obrigavam, por intimidação ou corrupção, a lhes favorecer às expensas do Estado, e que eles destruíram pelas calúnias da imprensa, quando permaneciam honestos. Apesar do sigilo dos cofres, aparecia o suficiente indignar o país, mas os pinguins burgueses, dos maiores aos menores, concebidos e crescidos sob o respeito do dinheiro, e que todos os tinham bons, muito ou pouco, sentiram fortemente a solidariedade do capital e compreendiam que a pequena riqueza só era garantida pela segurança dos grandes. Então eles conceberam para os milhões de israelitas, como para os milhões de cristãos, um respeito religioso e, sendo o interesse mais forte do que a aversão contra eles, eles teriam temido tanto quanto a morte de tocar apenas um dos cabelos desses grandes judeus que eles odiavam. Para os pequenos, eles sentiam menos reservas, e se eles vissem qualquer um deles no chão, eles o batiam. É por isso que toda a nação entendeu com grande satisfação que o traidor era um judeu, mas pequeno. Podia-se vingar sobre ele e todo Israel, sem medo de comprometer o crédito público.

Que Pyrot havia roubado os oitenta mil fardos de feno, ninguém disse tanto ou hesitou por um momento em acreditar. Não havia dúvida, porque a ignorância deste caso não permitia dúvida, o que precisa de razões, pois não se duvida sem motivos, como se acredita sem razão. Não havia dúvida porque a coisa foi repetida em todos os lugares e, para o público, repetir é provar. Não havia dúvida porque se queria que Pyrot fosse culpado e acredita-se no que se quer, e porque finalmente a faculdade da dúvida é rara entre os homens; um número muito pequeno de espíritos carrega sua semente, que não se desenvolve sem cultura. É singular, requintada, filosófica, imoral, transcendente, monstruosa, cheio de maldade, prejudicial às pessoas e aos bens, contrária à polícia dos estados e à prosperidade dos impérios, desastrosa para a humanidade, destrutiva dos deuses, em horror ao céu e à terra. A multidão de pinguins ignora a dúvida: tinha fé na culpa de Pyrot, e essa fé tornou-se imediatamente um dos principais artigos de suas crenças nacionais e uma das verdades essenciais de seu símbolo patriótico” (FRANCE, 1909, p. 242-244).

também representado na narrativa, e inflamado nesse período, associou-se aos ideais ditos patrióticos, nacionalistas e militaristas dos grupos anti-Pyrot/Dreyfus. A entrada de personagens socialistas na narrativa, a favor da inocência de Pyrot, confere nova etapa ao Caso e às questões políticas que o envolviam. Há um debate em torno do envolvimento dos partidos socialistas, ou sua abstenção. Alguns líderes apelavam para a diferença entre a justiça social, a qual requeria o Caso Pyrot, e a justiça revolucionária, a qual desejavam os socialistas.

Assim como ocorre na França, o processo acaba sendo revisado, e Pyrot inocentado, o que leva, posteriormente, a uma fragmentação dos grupos que lhe apoiavam. Aqui podemos perceber um certo enquadramento de Anatole France à questão a partir do personagem de Eugène Bidault-Coquille, astrônomo e escritor socialista que se apega ferrenhamente à inocência de Pyrot, retirando-se da reclusão de seus estudos e se tornando um dos porta-vozes da honestidade de Pyrot. Após a conclusão do Caso, Bidault-Coquille reflete acerca das ilusões desfeitas e da dificuldade de enfrentar as injustiças sociais:

Tu te figurais que les injustices sociales étaient enfilées comme des perles et qu'il suffisait d'en tirer une pour égrener tout le chapelet. Et c'est là une conception très naïve. Tu te flattais d'établir d'un coup la justice en ton pays et dans l'univers. Tu fus un brave homme, un spiritualiste honnête, sans beaucoup de philosophie expérimentale. Mais rentre en toi-même et tu reconnaîtras que tu as eu pourtant ta malice et que, dans ton ingénuité, tu n'étais pas sans ruse. Tu croyais faire une bonne affaire morale. Tu te disais: **“Me voilà juste et courageux une fois pour toutes. Je pourrai me reposer ensuite dans l'estime publique et la louange des historiens.”** Et maintenant que tu as perdu tes illusions, maintenant que tu sais qu'il est dur de redresser les torts et que c'est toujours à recommencer, tu retournes à tes astéroïdes. Tu as raison; mais retournes-y modestement, Bidault-Coquille! (FRANCE, 1909, p. 311, grifos meus).⁵⁰

O período de crença na realização prática do socialismo durou pouco, pois a dúvida e o ceticismo, especialmente em matéria de política, são elementos de maior força no pensamento do France.

Outra tópica recorrente aos romances do escritor é a ascensão e queda das civilizações, e encontramos-la figurada nos capítulos finais *“L'apogée de la civilisation pingouine”* e *“Les*

⁵⁰ “Você imaginou que as injustiças sociais eram costuradas como pérolas e que bastava tirar uma para revelar o rosário inteiro. Esta é uma concepção muito ingênua. Você se lisonjeava em estabelecer a justiça em seu país e no universo de uma só vez. Você era um homem valente, um espiritualista honesto, sem muita filosofia experimental. Mas volte para dentro de si mesmo e você reconhecerá sua malícia e que, em sua ingenuidade, não estava sem astúcia. Você pensou que estava fazendo uma boa coisa moral. Você dizia a si mesmo: **“Aqui estou eu, justo e corajoso de uma vez por todas. Eu posso então descansar na estima pública e no louvor dos historiadores.”** E agora que você perdeu suas ilusões, agora que você sabe que é difícil corrigir os erros e que é preciso sempre recomeçar, você volta aos seus asteroides. Você tem razão; mas volte modestamente, Bidault-Coquille!” (FRANCE, 1909, p. 311, grifos meus).

temps futurs l’histoire sans fin”. Atingindo o ápice da sátira na narrativa, Anatole France apresenta o apogeu da Pinguínia, datado, ao que tudo indica, no período histórico da *Belle Époque*, ou seja, na França contemporânea de France, e para além. A ênfase é dada ao estágio do capitalismo industrial e financeiro em que se encontrava a Europa nesse período. Seus termos são claramente materialistas: a riqueza não restava com aqueles que a produziam, mas entre aqueles que possuíam os meios para produzi-la. A cultura intelectual e artística se tornara precária e as cidades não tinham mais o aspecto que antes, era o “apogeu” de seu progresso:

Les progrès de la civilisation s’y manifestaient par l’industrie meurtrière, la spéculation infâme, le luxe hideux. Sa capitale revêtait, comme toutes les grandes villes d’alors, un caractère cosmopolite et financier: il y régnait une laideur immense et régulière. Le pays jouissait d’une tranquillité parfaite. C’était l’apogée (FRANCE, 1909, p. 389).⁵¹

O que poderia seguir ao apogeu capitalista-financeiro-industrial da Pinguínia? Aqueles que julgariam Anatole France um ferrenho escritor socialista que representaria em seus romances, não apenas em *L’île des pingouins*, panfletos elogiosos a um futuro possível à Europa pós-capitalista, se enganaram. Como mencionei acima, o ceticismo e a razão duvidosa do autor, aliado ao seu pessimismo, parecem tê-lo levado a questionar seus próprios ideais. É factível identificar em seu pensamento um viés humanitário, democrático e mesmo socialista. Mas seus romances refletirão para além das propostas dos partidos políticos à época. Como veremos a seguir, ao tecer uma espécie de prognóstico, France coloca o quão distópico o futuro poderia ser, mesmo que pelas mãos daqueles que o desejariam mais humanitário, democrático e mesmo socialista. É possível traçar um paralelo com a Revolução Francesa, quando Koselleck coloca que “a Revolução traria à luz do dia [...] as implicações terroristas de seus desejos virtuosos” (KOSELLECK, 2014, p. 131). Nota-se, da mesma forma, a representação nas obras de France dessas “implicações” ou “desvios” que parecem quase inevitáveis no curso das revoluções, muito embora tenham princípios ideais democráticos como máxima. No que diz respeito ao capítulo final dos “tempos futuros” de *L’île des pingouins*, a narrativa utópica cumprirá uma função de advertência àqueles que acreditavam na história futura como resultando de um grande progresso da humanidade, ou seja, da própria história (KOSELLECK, 2014, p. 138), como veremos na próxima sessão.

⁵¹ “O progresso da civilização foi manifestado pela indústria assassina, a especulação infame, o luxo medonho. Sua capital, como todas as grandes cidades da época, tinha um caráter cosmopolita e financeiro: reinava uma imensa e regular fealdade. O país gozava de perfeita tranquilidade. Foi o apogeu” (FRANCE, 1909, p. 389).

2.2 As fissuras do regime moderno nos “tempos futuros” da “história sem fim”

Em *L'île des pingouins* vemos como Anatole France utiliza das experiências do passado, por intermédio da história europeia, para se voltar ao tempo futuro, elaborando um prognóstico catastrófico, como abordarei a seguir. Dessa forma, “o futuro já não serve mais – como fazia até então – para garantir ou incrementar a posteridade ou para dosar de forma literária os castigos: o futuro é evocado no presente por meio do argumento histórico” (KOSELLECK, 2014, p. 128). Seguindo os traços expostos por Koselleck a respeito da temporalização da utopia, *L'île des pingouins* pode ser entendida como uma “paródia ao historicismo e à crença no progresso”, caracterizando-se como uma utopia temporal negativa (KOSELLECK, 2014, p. 131). Ou seja, não se trata do caso “positivo” da utopia futurística que trabalha com a ideia do antiapocalipse. Utilizando o exemplo de uma das obras de Carl Schmitt, Koselleck sublinha que

O conteúdo dessa paródia [*Die Buribunken*, 1918], ou melhor, dessa sátira, pode ser caracterizado como utopia negativa. A crítica implícita visa àqueles elementos utópicos contidos na devoção histórica aos fatos e em sua exaltação histórico-filosófica. [...] Nesse sentido, a crítica de Carl Schmitt se volta contra toda a fundamentação espiritual da modernidade, quando elaborada e realizada como progresso histórico (KOSELLECK, 2014, p. 131).

Creio que esses dados de crítica assinalados por Koselleck, embora se baseiem em uma obra escrita por um nazista como Carl Schmitt, se aproximam do romance que estamos tratando neste capítulo, em virtude de a sátira na narrativa envolver uma crítica em torno da ideia de civilização e progresso histórico no contexto europeu. Analisarei no próximo tópico as figurações destas críticas ao historicismo e do progresso histórico destacadas por Koselleck.

Neste momento, no entanto, gostaria de chamar novamente a atenção para o aspecto da temporalidade mencionado acima. O gênero romance foi e é um dos responsáveis pela anunciação de conflito de temporalidades presentes nas sociedades modernas. Esse é um dos motivos pelos quais optei por trabalhar aqui somente com romances de Anatole France, ou seja, fazendo uma seleção dentro de sua obra ficcional. Nela seria possível identificar a presença desses tempos divergentes que fazem parte do mesmo regime moderno, indicando seu possível fracasso. Anatole France coloca em cena as fissuras do regime moderno de historicidade, calcado na ideia de futuro e progresso, a partir da própria visão crítica da experiência de tempo contemporânea. É retraçada uma conexão entre passado, presente e futuro no romance, que expõe como o passado francês não foi tão glorioso como os historiadores o apresentavam. Já o

presente se mostraria extremamente problemático, e o futuro, tendo em vista o passado e o presente, não os levaria para uma situação de progresso afortunado. É possível ler os romances como um apelo para a releitura das três dimensões temporais de forma crítica, com o objetivo de repensar alguns mitos de origem e destrinchar as narrativas modernas que impedem os contemporâneos de vislumbrar criticamente sua própria história. O recurso à narrativa utópica/distópica coloca em xeque justamente esse conflito de temporalidades.

No livro *História & Distopia*, o historiador Julio Bentivoglio analisa as relações deste gênero literário com a história e a historiografia no contexto do século XXI, pois acredita que

[...] o conceito de distopia e a produção de narrativas distópicas podem ser bastante úteis para pensarmos os sintomas da crise do cronótopo moderno de história, bem como indicar uma chave de compreensão para a natureza da história em meio ao debate historiográfico contemporâneo (BENTIVOGLIO, 2017, p. 84).

O autor se refere ao contexto atual, em que há uma radicalização da crise do regime moderno, ou mesmo, como avalia François Hartog em vários textos, a emergência de uma nova ordem do tempo, o regime presentista, com o crescimento rápido da categoria do presente, impondo sua onipresença (HARTOG, 2015). O regime presentista considera o passado tendo em vista o presente, e o futuro se torna pessimista. Ou seja, alterou-se nossa relação de tempo, do futurismo para o presentismo. “A valorização do presente contra o passado transpassa os inícios do século XX: a vida e o presente contra o passado associado à morte” (HARTOG, 2003a, p. 25).

Contra o passado, que é também a morte coloca-se na frente a vida e o presente. Concernem a esta larga corrente, primeiramente, as *Considérations intempêtes* (1874) de Nietzsche, mas, também, *L'immoraliste* (1902) de Gide ou a Hedda Gabler de Ibsen ou, ainda, as reflexões dos anos 30 de Valéry sobre ou contra a História (HARTOG, 1997, p. 11).

Hartog remonta ao próprio século XIX o início das fissuras do regime, indicando que há permanência e divergências dentro de uma mesma ordem de tempo.

As utopias e distopias, conforme apontou Bentivoglio, ajudam justamente a pensar essas divergências. Identifico os romances de Anatole France aqui trabalhados como casos representativos de uma certa resistência ao regime moderno. É possível localizar em *L'île des pingouins* os traços de uma distopia, considerando que

[...] a distopia seria uma utopia negativa, um mau lugar. Observando, contudo a etimologia do termo e sua relação com o problema da historicidade cheguei a conclusões diferentes. A distopia não é uma *antiutopia*, ela é um *deslugar*, que não se encontra exatamente no futuro, mas, que pode estar em qualquer lugar, inclusive no presente e no passado. Ela não seria um espaço desejável ou sonhado, mas um mau

lugar, de contrariedade e privação. A distopia seria, portanto, a desfiguração da própria possibilidade de utopia (BENTIVOGLIO, 2017, p. 85).

O futuro oscilará entre uma utopia negativa e uma utopia fracassada. No livro oitavo “*Les temps futurs l’histoire sans fin*” somos apresentados a essa utopia negativa, ou mesmo, distopia. O cenário da cidade de Alca representa o avanço tecnológico que não levou a um desenvolvimento positivo de sua própria civilização. Identificamos esse cenário com a visão do futuro do capitalismo e suas consequências em grande medida desastrosas. Alca era uma rica cidade, com altos edifícios e modernas indústrias. Contudo, a minoria da população concentrava a riqueza, e aos pobres restava a miséria e o desprezo. A violência se tornara algo socialmente aceito e, somada às más condições de vida, desemprego, fome, catástrofes, doenças, o estado social encontrava-se em plena decadência. As artes, também afetadas por esse estado de coisas, deixam de exercer seu papel social. As classes trabalhadoras não conseguiam avançar em suas lutas em meio à cupidez generalizada.

Caroline Meslier e Georges Clair são dois personagens anarquistas responsáveis por uma série de atentados que ocorrerão na cidade, como incêndios e explosões. Esses atos, embora fossem deplorados por parte da população, especialmente pela camada rica da cidade, eram motivo de indiferença por seus operários. Ao expor a história futura, o narrador mostra que a destruição da capital era inevitável. E assim sucedeu. Mas não era exatamente seu fim, mas um recomeço sem fim, um reinício de sua história, numa “história sem fim”, retomando seu curso desde as origens. Anatole France marca essa circularidade repetindo exatamente o mesmo parágrafo que iniciou o último capítulo, ao final do livro:

On ne trouvait jamais les maisons assez hautes; on les surélevait sans cesse et l’on en construisait de trente à quarante étages, où se superposaient bureaux, magasins, comptoirs de banques, sièges de sociétés, et l’on creusait dans le sol toujours plus profondément des caves et des tunnels. Quinze millions d’hommes travaillaient dans la ville géante (FRANCE, 1909, p. 416).⁵²

Para Ernest Seillière, estamos diante da negação das esperanças fomentadas pelos ideais socialistas utópicos: “l’histoire se recommence toujours: tel est le leit-motiv de ces pages mélancoliques” (SEILLIÈRE, 1934, p. 183). Para outros críticos, como Marcel Le Goff, autor

⁵² “Os edifícios nunca eram altos o suficiente; eles eram constantemente erguidos e acrescidos trinta a quarenta andares, com escritórios, lojas, agências bancárias, escritórios corporativos, e eram cavados cada vez mais ao fundo no solo porões e túneis. Quinze milhões de homens trabalhavam na cidade gigante” (FRANCE, 1909, p. 416).

do livro “*Anatole France à la Béchellerie*” (1924), esse capítulo pode representar a ideia de eterno retorno:

Cette idée de recommencement constant, continuel de tout, fut une des opinions favorites de Monsieur France. La destruction de tout, l'éternelle renaissance de tout, sans raison, sans but, sans fin, pour rien, parce que c'est ainsi, parce qu'il ne saurait en être autrement, voilà l'idée familière par laquelle Monsieur France s'apparente à la race dont l'Ecclésiaste est issu, et à laquelle il a manifesté une si constante, une si inébranlable sympathie (LE GOFF, 1924, p. 123).⁵³

A ideia também é retomada por Édith Tendron. Para a crítica, “l'homme n'a pas l'air d'avoir compris les causes des ses échecs. Il n'est plus question de palingénésie, mais de redite inéluctable des erreurs humaines”, logo “l'éternel retour des civilisations ne signifie pas cette fois qu'il va s'effectuer dans de meilleures conditions” (TENDRON, 1995, p. 213).⁵⁴ Dessa forma, verificamos como Anatole France utiliza diversos mecanismos para exercer o poder de crítica por meio de sua narrativa. Até aqui encontramos uma avaliação voltada à face externa da História, em seu conteúdo. Veremos a seguir, como o questionamento do próprio método da História será pautado em *L'île des pingouins*, abrindo caminhos para sua avaliação sobre a disciplina.

2.3 O narrador-historiador e as críticas à ciência histórica

Conforme mencionado acima, nesta seção pretendo discutir de que forma Anatole France traça em *L'île des pingouins* uma crítica ao historicismo e à disciplina histórica. Essas críticas demonstrarão em última instância, um exame do próprio regime moderno de historicidade, eis que a História e o regime moderno estão particularmente imbricados:

No que respeita à historiografia, a expressão moderno regime significa um período em que o ponto de vista do futuro domina. A palavra-chave é Progresso, História é entendida como processo e Tempo como se direcionando a um fim (progressão) (HARTOG, 2003a, p. 1).

Ao longo de todo o século XIX, enquanto se profissionalizava e ambicionava se apresentar como uma ciência (baseada no modelo das ciências da natureza), a história

⁵³ “Esta ideia de uma constante e contínua renovação de tudo era uma das opiniões favoritas do Sr. France. A destruição de tudo, o eterno renascimento de tudo, sem razão, sem propósito, sem fim, por nada, porque assim é, porque não poderia ser de outra forma, aqui está a idéia familiar pela qual o Sr. France assemelha-se à raça da qual Ecclésiastes nasce e à qual manifestou uma simpatia tão constante e inabalável” (LE GOFF, 1924, p. 123).

⁵⁴ “O homem parece não ter entendido as causas de seus fracassos. Não é mais uma questão de palingenesia, mas da inevitável repetição de erros humanos”, logo, “o eterno retorno das civilizações não significa que desta vez seja feito em melhores condições” (TENDRON, 1995, p. 213).

apoiou-se sobre e colocou em prática um tempo histórico - linear, cumulativo e irreversível - correspondendo a uma história política, na qual os príncipes são substituídos por nações, como atores da história, e onde o progresso vinha substituir a salvação (HARTOG, 2006, p.17).

Pela leitura atenta dos romances percebemos que são justamente esses aspectos citados por Hartog, característicos da História no Oitocentos, que permeiam as entrelinhas de suas narrativas, especialmente *L'île des pingouins*.

É preciso ressaltar que a própria história da disciplina é feita de tensões e dicotomias, presentes na formação do campo (KOSELLECK, 2013; RICŒUR, 2007). Há algum tempo a ciência história do século XIX já não é mais lida como um bloco homogêneo de uma comunidade de historiadores (predominantemente europeus) preocupados unicamente com o rigor das fontes, a objetividade fria da pesquisa e escrita, e a aproximação com o modelo das ciências duras. Sabemos que a crítica à memória disciplinar foi e é importante para desnudar as batalhas dentro de um campo ainda em formação naquele momento, do não consenso mesmo entre historiadores de uma mesma “escola”:

A consolidação do paradigma científico no século XIX, no entanto, não se fez de modo rápido, muito menos consensual. Assim, se, por um lado, não é difícil traçar um paralelo entre o que diz Luciano e o postulado definido por Ranke, aquele que instruíra o historiador a “mostrar como algo realmente aconteceu” (*wie es eigentlich gewesen*, Ranke, 1824, p. VII), ou a trabalhos como o de W. Humboldt, o de G. Monod, o de C. V. Langlois e C. Seignobos, cujas obras tornaram-se referências para a definição de uma história científica (sobretudo o levantamento exaustivo de fontes e um texto objetivo), por outro, é preciso considerar que as regras e princípios metodológicos que vinham sendo estabelecidos por uma disciplina que tentava se instaurar não eram seguidos incondicionalmente. A vitória da ciência foi precedida por inúmeras controvérsias, entre as quais as formas de narrar a história. Um exemplo significativo é o debate em torno da noção da cor local pelos chamados historiadores narrativistas da primeira metade do século XIX (CEZAR, 2004, p. 19).

O conhecimento histórico produzido no XIX também é associado ao historicismo, uma das maneiras de se pensar e fazer a História, em sua forma mais acabada entre os historiadores alemães:

É corrente entre os historiadores a concepção de que o historicismo é a forma científica da História e do conhecimento histórico surgida na primeira metade do século XIX. A definição mais aceita atualmente é a proposta por Friedrich Jaeger e Jörn Rüsen em 1992: historicismo é uma forma determinada do pensamento histórico e da correspondente concepção da história como ciência. Trata-se de um modo de pensar que considera a história como um conhecimento específico dos tempos passados, distintos do conhecimento do tempo presente, mas que coloca aqueles em perspectiva com este e com o tempo futuro (MARTINS, 2008, p. 17).

Vemos como a narrativa de Anatole France pode ser lida dentro de uma lógica historicista, pois essa “consiste no reconhecimento da especificidade de tempos passados em comparação com o presente, de modo a elaborar uma correlação de interdependência do tempo passado com o tempo presente” (MARTINS, 2008, p. 17). Para Estevão Martins “essa correlação se estabelece mediante a elaboração reflexiva da sucessiva experiência própria das formas humanas de viver, na linha do tempo” (MARTINS, 2008, p. 17). O problema está nas categorias-mestras do historicismo: “a individualidade e o progresso (originalmente pensado como evolução da individualidade para o melhor, à maneira do aperfeiçoamento para o bem característico do Iluminismo” (MARTINS, 2008, p. 17). Embora Anatole France configure sua narrativa a partir de nexos historicistas, interligando passado, presente e futuro, o pressuposto de que esse futuro leva necessariamente a uma humanidade mais desenvolvida enquanto raça humana não se verifica em suas obras. *L’île des pingouins* figura de forma bastante evidente essa proposição.⁵⁵

Para além do fato de se tratar da história de uma comunidade de pinguins - acontecimento irônico por si só - a narrativa da trajetória das aves está disposta no formato de um livro de história, composto pelo historiador, que também é o autor e narrador do livro, utilizando de elementos da escrita dos historiadores do XIX. A partir da ironia e da sátira que perpassam as 419 páginas desta obra, a ridicularização do ofício do historiador e a da própria história da França darão a tônica da narrativa, iniciando já pelo prefácio.

Como nos livros de história, o prefácio tem um papel importante de apresentação da figura daquele que produziu a obra, de suas intenções e objetivos, demonstrando sua autoridade perante a comunidade de historiadores e estabelecendo certa distância, como aponta Hartog:

La préface (avec ses diverses fonctions récemment inventoriées par Gérard Genette) est, en effet, le lieu où l'historien est autorisé, s'autorise à être présent et à dire *je*. [...] Assez vite toutefois, la piste de la préface tourne court. Car, la préface, moment de “présence” fortement marqué auquel va succéder l’ “absence”, est une façon pour l'historien de poser une distance par rapport à son objet: propos de méthode souvent, elle est, selon le jeu de mots dumézilien, regard sur le chemin après qu'on l'a parcouru; façon aussi de mettre une distance, temporelle cette fois, entre son objet et

⁵⁵ Sabemos que a concepção de historicismo é de difícil delimitação tendo em vista a própria história do conceito, sem consenso em sua definição (e mesmo na tradução de *historismus*, do alemão), pois remonta a formas de pensar e fazer História características do século XIX. Francisco Falcon (1997) sublinha alguns aspectos do conceito que nos ajudam a pensar a crítica de Anatole France: a busca por uma história que “espelhe” a realidade histórica (tomada como realidade ontológica e teleologicamente orientada) a partir de seu rigor factual e narrativo capaz de desvendar suas leis gerais, universais e racionais. Tratava-se de produzir um conhecimento científico a partir da história enquanto horizonte de referência comum, suprimindo as especulações filosóficas. Esse historicismo em sentido metodológico e institucionalizado parece ser o que mais perturbava France, além do pressuposto de que a história “evolui/desenvolve-se no tempo conforme uma lógica interna que lhe imprime sua própria direção ou ‘sentido’ – o “progresso” (FALCON, 1997, p. 10).

lui: placée à l’initial, elle équivaut, notait Certeau, à um “en ce temps-là”, par rapport au temps de l’auteur (HARTOG, 1988, p. 2-3).⁵⁶

O narrador-historiador se apresenta em primeira pessoa no início do romance e aponta o lugar da história dos pinguins em sua própria vida:

Malgré la diversité apparente des amusements qui semblent m’attirer, ma vie n’a qu’un objet. Elle est tendue tout entière vers l’accomplissement d’un grand dessein. J’écris l’histoire des Pingouins. J’y travaille assidument, sans me laisser rebuter par des difficultés fréquentes et qui, parfois, semblent insurmontables (FRANCE, 1909, p. I).⁵⁷

Expõe ainda as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa, especialmente para o período anterior aos vestígios escritos, ou pré-histórico:

J’ai creusé la terre pour y découvrir les monuments ensevelis de ce peuple. Les premiers livres des hommes furent des pierres. J’ai étudié les pierres qu’on peut considérer comme les annales primitives des Pingouins. J’ai fouillé sur le rivage de l’océan un tumulus inviolé; j’y ai trouvé, selon la coutume, des haches de silex, des épées de bronze, des monnaies romaines et une pièce de vingt sous à l’effigie de Louis-Philippe Ier, roi des Français (FRANCE, 1909, p. I).⁵⁸

Para “les temps historiques”, as crônicas serão a principal fonte. Contudo a tarefa da escrita se torna extremamente difícil quando as fontes são numerosas, pois os testemunhos serão sempre contraditórios, levando o historiador a fazer escolhas. E como essas escolhas se dão?

Sans doute les raisons scientifiques de préférer un témoignage à un autre sont parfois très fortes. Elles ne le sont jamais assez pour l’emporter sur nos passions, nos préjugés, nos intérêts, ni pour vaincre cette légèreté d’esprit commune à tous les hommes

⁵⁶ “O prefácio (com suas diversas funções inventariadas recentemente por Gérard Genette) é, de fato, o lugar onde o historiador é autorizado, se permite estar presente e dizer *eu*. [...] Muito rapidamente, no entanto, a pista do prefácio se torna curta. Pois, no prefácio, momento marcante de ‘presença’, o qual a ‘ausência’ vai suceder, é uma maneira do historiador se distanciar de seu objeto: um método muitas vezes, de acordo com o jogo de palavras *dumézilien*, olha o caminho depois de ter sido percorrido; maneira também de colocar uma distância, temporal desta vez, entre seu objeto e ele: colocado na inicial, equivale, observou Certeau, ao ‘naquele tempo’, em relação ao tempo do autor” (HARTOG, 1988, p. 2-3).

⁵⁷ “Apesar da aparente diversidade de diversões que parecem me atrair, minha vida tem apenas um propósito. Está totalmente comprometida com a realização de um grande projeto. Eu escrevo a história dos pinguins. Eu trabalho assiduamente, sem me incomodar pelas frequentes dificuldades que às vezes parecem intransponíveis” (FRANCE, 1909, p. I).

⁵⁸ “Eu cavei a terra para descobrir os monumentos enterrados deste povo. Os primeiros livros dos homens foram as pedras. Eu estudei as pedras que podem ser consideradas como os primitivos anais dos Pinguins. Eu procurei na costa do oceano um túmulo inviolado; encontrei ali, segundo o costume, machados de sílex, espadas de bronze, moedas romanas e um pedaço de vinte *sous* com a effigie de Luís Filipe I, rei dos franceses” (FRANCE, 1909, p. I).

graves. En sorte que nous présentons constamment les faits d'une manière intéressée ou frivole (FRANCE, 1909, p. II).⁵⁹

Vemos, portanto, que o narrador-historiador demonstra alguma lucidez e bom senso ao abordar o ofício do historiador. Reconhecendo os obstáculos do empreendimento que se propôs ao buscar escrever a história da ilha dos pinguins, desde suas origens até o período contemporâneo e projetando o futuro, o narrador decide buscar os conselhos dos velhos historiadores da Academia de Ciências Morais. A recomendação dada por esses é de simplesmente copiar os antigos trabalhos de história e não inventar nada novo:

- À quoi bon, mon pauvre monsieur, vous donner tant de peine, et pourquoi composer une histoire, quand vous n'avez qu'à copier les plus connues, comme c'est l'usage? Si vous avez une vue nouvelle, une idée originale, si vous présentez les hommes et les choses sous un aspect inattendu, vous surprendrez le lecteur. Et le lecteur n'aime pas à être surpris. Il ne cherche jamais dans une histoire que les sottises qu'il sait déjà. Si vous essayez de l'instruire, vous ne ferez que l'humilier et le fâcher. Ne tentez pas de l'éclairer, il criera que vous insultez à ses croyances.

Les historiens se copient les uns les autres. Ils s'épargnent ainsi de la fatigue et évitent de paraître outrecuidants. Imitez-les et ne soyez pas original. Un historien original est l'objet de la défiance, du mépris et du dégoût universels.

Croyez-vous, monsieur, ajoute-t-il, que je serais considéré, honoré comme je suis, si j'avais mis dans mes livres d'histoire des nouveautés? Et qu'est-ce que les nouveautés? Des impertinences. [...]

Si vous voulez que votre livre soit bien accueilli, ne négligez aucune occasion d'y exalter les vertus sur lesquelles reposent les sociétés: le dévouement à la richesse, les sentiments pieux, et spécialement la résignation du pauvre, qui est le fondement de l'ordre. Affirmez, monsieur, que les origines de la propriété, de la noblesse, de la gendarmerie seront traitées dans votre histoire avec tout le respect que méritent ces institutions. Faites savoir que vous admettez le surnaturel quand il se présente. À cette condition, vous réussirez dans la bonne compagnie (FRANCE, 1909, p. IV-V).⁶⁰

⁵⁹ “Sem dúvida, as razões científicas para se preferir um testemunho a outro são algumas vezes muito fortes. Elas nunca são suficientes para superar nossas paixões, nossos preconceitos, nossos interesses, nem para superar a leveza do espírito comum a todos os homens sérios. Então apresentamos constantemente os fatos de maneira interessada ou frívola” (FRANCE, 1909, p. II).

⁶⁰ “- Para que, meu pobre senhor, se dar tanto trabalho, e por que compor uma história, quando você só precisa copiar as mais conhecidas, como é o costume? Se você tiver uma nova visão, uma ideia original, se apresentar os homens e as coisas de um modo inesperado, surpreenderá o leitor. E o leitor não gosta de ser surpreendido. Ele nunca procura em uma história além dos absurdos que ele já conhece. Se você tentar ensiná-lo, você só irá humilhá-lo e irritá-lo. Não tente esclarecê-lo, ele gritará que você insulta suas crenças.

Historiadores copiam uns aos outros. Eles se salvam da fadiga e evitam parecer rudes. Imite-os e não seja original. Um historiador original é objeto de desconfiança, desprezo e repulsa universais.

- Acredita, senhor, acrescentou ele, que eu seria considerado, honrado como sou, se tivesse colocado novidades em meus livros de história? E o que é o novo? Impertinência. [...]

Se você quer que seu livro seja bem recebido, não negligencie nenhuma oportunidade de exaltar as virtudes em que as sociedades se apoiam: a dedicação à riqueza, os sentimentos piedosos e, especialmente, a resignação dos pobres, que é a base da ordem. Afirme, senhor, que as origens da propriedade, da nobreza, e da polícia serão tratadas em sua história com todo o respeito que essas instituições merecem. Deixe-se saber que você admite o sobrenatural quando ele se apresenta. Nesta condição, você terá sucesso em boa companhia” (FRANÇA, 1909, IV-V).

Esses são os conselhos recebidos dos “sábios” historiadores pelo narrador, que afirma levar consigo. Meditando a respeito dessas advertências, o narrador demonstra estar ciente de que a parcialidade fará parte do ofício, pois a narrativa do historiador não está isenta de apresentar suas paixões, preconceitos e interesses (FRANCE, 1909, p. II). O método da escrita da história também o preocupa, pois parece-lhe baseado em grande medida em incertezas e subjetividades, e que depende em grande medida da argúcia e da boa-fé do historiador:

Il est extrêmement difficile d’écrire l’histoire. On ne sait jamais au juste comment les choses se sont passées; et l’embarras de l’historien s’accroît avec l’abondance des documents. Quand un fait n’est connu que par un seul témoignage, on l’admet sans beaucoup d’hésitation. Les perplexités commencent lorsque les événements sont rapportés par deux ou plusieurs témoins; car leurs témoignages sont toujours contradictoires et toujours inconciliables (FRANCE, 1909, p. II).⁶¹

O narrador apresentará alguns desses casos, revelando ao longo do texto que as “fontes” e os “fatos”, cobertas por uma áurea de verdade “científica”, são falsos em grande parte da história dos pinguins, como por exemplo a farsa do mito de origem do dragão de Alca e sua padroeira, Santa Orberose. Outros elementos fantásticos serão apontados como uma maneira de apresentar a farsa da história, que preenche “lacunas” com o sobrenatural, como a transformação dos pinguins em homens, ou a transposição da ilha para próximo do continente Europeu com a ajuda de uma corda (!). Ao longo dos capítulos são narrados casos de contradições, falseamentos e mal-entendidos na história dos pinguins, justificando a cautela do narrador quanto a uma verdade “pura” que possa existir a partir dos vestígios. Além disso, salienta que a sua história é do gênero antigo, escrita a partir das memórias que foram conservadas. Nesses moldes, a “velha Clio” está mais próxima da arte que da ciência, pois não possui elementos científicos, sobretudo uma *multitude de statistiques* que a tornaria mais exata (FRANCE, 1909):

Le présent ouvrage appartient, je dois le reconnaître, au genre de la vieille histoire, de celle qui présente la suite des événements dont le souvenir s’est conservé, et qui indique, autant que possible, les causes et les effets; **ce qui est un art plutôt qu’une science**. On prétend que cette manière de faire ne contente plus les esprits exacts et que **l’antique Clio passe aujourd’hui pour une diseuse de sornettes**. Et il pourra bien y avoir, à l’avenir, une histoire plus sûre, une histoire des conditions de la vie, pour nous apprendre ce que tel peuple, à telle époque, produisit et consumma dans tous les modes de son activité. Cette histoire sera, non plus un art, mais une science, et elle affectera l’exactitude qui manque à l’ancienne. Mais, pour se constituer, elle a besoin d’une multitude de statistiques qui font défaut jusqu’ici chez tous les peuples

⁶¹ “É extremamente difícil escrever história. Nunca sabemos como as coisas exatamente se passaram; e as dificuldades do historiador começam com a abundância de documentos. Quando um fato é conhecido apenas por um único testemunho, nós o admitimos sem muita hesitação. As perplexidades começam quando os acontecimentos são relatados por dois ou mais testemunhos; pois os testemunhos são sempre contraditórios e sempre inconciliáveis” (FRANCE, 1909, p. II).

et particulièrement chez les Pingouins. Il est possible que les nations modernes fournissent un jour les éléments d'une telle histoire. En ce qui concerne l'humanité révolue, il faudra toujours se contenter, je le crains, d'un récit à l'ancienne mode. L'intérêt d'un semblable récit dépend surtout de la perspicacité et de la bonne foi du narrateur (FRANCE, 1909, p. VIII-IX, grifos meus).⁶²

Mais uma vez o autor coloca em cena sua ideia de que a história não é uma ciência, mas uma arte. Acrescenta que, para se tornar uma ciência, necessitaria da produção de grande quantidade de dados estatísticos. Como veremos no próximo capítulo, na utopia socialista em *Sur la pierre blanche*, Anatole France mostra que nessa sociedade futura os historiadores seriam substituídos pelos estatísticos, que traçariam a história das sociedades apenas em termos numéricos. Essa seria a única forma de transformar a história em uma ciência exata. Enquanto os estudos históricos forem produzidos unicamente a partir de fontes escritas e da narrativa do historiador, permanecerá como uma arte dependente do caráter de seu escritor.

Ao final do prefácio Anatole France deixa entrever o que considero um dos objetivos de sua paródia por meio das palavras de Jacques, *le Philosophe*, cronista da história da Pinguínia. Retomado pelo narrador, Jacques escreve um discurso moral representando de maneira cômica as ações dos pinguins. Indagado sobre os possíveis benefícios de uma “história adulterada” e “cômica”, o filósofo responde que haverá um benefício muito grande, pois “lorsqu'ils verront leurs actions ainsi travesties et dépouillées de tout ce qui les flattait, les Pingouins en jugeront mieux et, peut-être, en deviendront-ils plus sages” (FRANCE, 1909, p. XII).⁶³ Mais uma vez Anatole France utiliza da figura de um filósofo para entrar no romance e partilhar suas próprias críticas.⁶⁴ Ele espera narrar uma história da França despojada de seu brilho e grandiosidade, apresentada em seus aspectos mais ordinários, tecidos por crimes, misérias e loucuras, na esperança de que, assim, os franceses enxerguem de forma mais realista e crítica sua própria história. Esse, me parece, é o objetivo de *L'île des pingouins*.

⁶² “O presente trabalho pertence, devo admitir, ao gênero da velha história, aquele que apresenta a sequência de eventos cuja memória foi preservada e que indica, na medida do possível, as causas e os efeitos; **que é uma arte e não uma ciência**. Diz-se que este modo de fazer as coisas não satisfaz mais as mentes exatas, **e que a antiga Clio agora passa por uma contadora de mentiras**. Poderá haver, no futuro, uma história mais segura, uma história das condições de vida, para nos ensinar o que o povo, naquele tempo, produzia e consumia em todos os modos de sua atividade. Esta história não será mais uma arte, mas uma ciência, e oferecerá a exatidão que falta à antiga. Mas para se constituir, precisa de uma infinidade de estatísticas que faltam até agora entre todos os povos e particularmente entre os pinguins. É possível que as nações modernas algum dia forneçam os elementos para tal história. Quanto à humanidade passada, é preciso se contentar, temo, com uma narrativa ao modo antigo. O interesse de tal narrativa depende principalmente da perspicácia do narrador e de sua boa-fé” (FRANCE, 1909, p. VIII-IX, grifos meus).

⁶³ “Quando eles verem suas ações assim disfarçadas e despojadas de tudo o que as lisonjeia, os Pinguins as julgarão melhor e, talvez, se tornarão mais sábios” (FRANCE, 1909, p. XII).

⁶⁴ Digo mais uma vez pois em outros livros France utilizou desse mesmo recurso como, por exemplo, em *Les dieux ont soif*, por meio do personagem de Brotteaux des Ilettes, também filósofo.

O prefácio que acompanhamos, localizado logo no início do romance como de praxe, é datado de 1º de setembro de 1907, em Quiberon. Esta ilha, que faz parte da região da Bretanha, foi de fato frequentada por Anatole France no início do século XX, e possivelmente lhe inspirou em suas paisagens a imaginar a ilha dos pinguins. Os anais da cidade fazem referência à estadia de France e a citação da cidade no romance.⁶⁵ Fica evidente, portanto, a presença do escritor dentro da própria narrativa por meio da inserção de elementos factuais no prefácio do romance, tornando ainda mais manifesta a relação da crítica que conduz no livro com suas reais posições. Conforme já foi apontado, a discordância com a ciência histórica preconizada em sua época é não apenas acerca de seu conceito, mas também por seus métodos.

L'île des pingouins é também uma sátira acerca dos métodos da história aplicados pelos historiadores da Terceira República (BANCQUART, 1994; LAS HERAS, 1997). Embora ciente das limitações da ciência histórica, o narrador-historiador insiste em buscar uma história a mais positiva possível. Para isso procura guarnecer sua narrativa com citações e notas de rodapé, indicando suas “fontes”. Há, por exemplo, alguns títulos citados que de fato podemos encontrar nas bibliotecas, como “*Au pays des manchots*” (1904), de Georges Lecointe, “*Journal de l'Expédition antarctique française*” (1903-1905), de Jean Charcot, “*Naturalis Historia*” (49-77 d.C.), de Plínio, o Antigo, e “*Le Censeur Politique et Littéraire*” (1907), de J. Ernest-Charles. Há também referência a estudos de paleografia que atestam a veracidade de crônicas utilizadas em sua narrativa. A maior parte da história dos pinguins é baseada em crônicas e manuscritos pinguins que apresentam relatos os mais despropositados, como “*De Gestis Pinguinorum*”, de Johannes Talpa, as “*Antiquités d'Alca*”, de autor desconhecido, e os “*Annales de la Pingouinie*”, do historiador Ovidius Capito, todos citados no livro. Contudo, tratam-se de fontes escritas, logo, como duvidar de seu conteúdo?⁶⁶

Como sabemos, Anatole France viveu em uma época em que os historiadores procuravam estabelecer a história como ciência:

⁶⁵ Conforme a página da prefeitura de Quiberon. Disponível em: http://www.quiberon.com/files/quiberon/files/brochures/pdf/historique_de_la_presqu.pdf Acesso em 10 nov. 2018.

⁶⁶ Algumas críticas levantadas por Anatole France lembram muito essa ciência histórica em sua fase “tradicional” descrita por Michel Foucault: “esta [a história], na verdade, sob sua forma tradicional, se atribuía como tarefa definir relações (de causalidade simples, de determinação circular, de antagonismo, de expressão) entre fatos ou acontecimentos datados: sendo dada a série, tratava-se de precisar a vizinhança de cada elemento” (FOUCAULT, 2012, p. 9). As interrogações também são semelhantes: “as velhas questões de análise tradicional (Que ligação estabelecer entre acontecimentos díspares? Como estabelecer entre eles uma sequência necessária? Que continuidade os atravessa ou que significação de conjunto acabamos por formar? Pode-se definir uma totalidade ou é preciso limitar-se a reconstituir encadeamentos?) são substituídas, de agora em diante, por interrogações de outro tipo” (FOUCAULT, 2012, p. 4).

Anatole France a donc écrit toute son oeuvre au moment de ces efforts pour réunir des documents si complets et si rigoureux, pour être si objectif en les exposant, que le résultat puisse être indiscutable et définitif.

Efforts qui méconnaissent nos capacités et la vraie raison d'être de l'histoire, dit Anatole France. [...]

Anatole France reprend à son propre compte ces considérations dans *Le Temps* de 1888. Il fait en outre remarquer que les témoignages recueillis sur le moindre incident contemporain divergent: il en fut de même évidemment dans le passé. Comment choisir? Anatole France souhaite que l'historien, tout en recherchant de son mieux, mais sans illusion, l'exactitude, tienne compte surtout des vies quotidiennes dont l'histoire a été tissée, et qu'il ne fasse pas de celle-ci une sorte de Moloch, une entité fonctionnant par elle-même et dévorant les êtres (BANCQUART, 1994, p. 162-163).⁶⁷

As considerações apontadas por Bancquart levam a pensar em alguns paralelos possíveis. Pensadores como François Simiand, Friedrich Nietzsche, George M. Trevelyan e Charles Péguy, para citar alguns exemplos, são identificados como autores que pensaram e escreveram sobre os limites e insuficiências da ciência história no limiar do século XX, e mesmo um anti-historicismo que levaria, posteriormente, à crise da modernidade e o advento da pós-modernidade (FALCON, 1997).

Neste sentido, os fundadores de uma nascente disciplina, a sociologia, contestaram a primazia da história política e da narrativa na historiografia profissional. François Simiand (1873-1935) lançou em 1903 um ensaio intitulado “Método histórico e ciência social” em que articula críticas à historiografia de sua época, referindo-se em especial ao trabalho com os documentos. Simiand vai condenar o que chamou de “os ídolos da tribo dos historiadores” (SIMIAND, 2003, p. 110-116), quais sejam: o “ídolo político” (o estudo predominante dos fatos políticos), o “ídolo individual” (o hábito inveterado de conceber a história como história de *indivíduos* e não como estudos dos *fatos*), o “ídolo cronológico” (o hábito de perder-se nos estudos das origens). Seu objetivo era o estabelecimento de uma ciência positiva dos fenômenos sociais. Nesse momento, eram os historiadores considerados “positivistas” ou “metódicos”, grosso modo, que estavam sofrendo as críticas mais agudas.

Nietzsche (1844-1900) fará uma crítica ao historicismo e à ciência histórica em suas *II Considerações Intempestivas*, também sob o título “*Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*”, de 1874. Para o filósofo é necessário que o conhecimento histórico sirva

⁶⁷ “Anatole France escreveu toda a sua obra em uma época desses esforços para reunir documentos tão completos e rigorosos, para serem tão objetivos ao revelá-los, que o resultado possa ser indiscutível e definitivo.

Esforços que ignoram nossas habilidades e a verdadeira razão de ser da história, diz Anatole France. [...]

Anatole France leva em conta em suas considerações em *Le Temps* de 1888. Ele também aponta que os testemunhos coletados sobre o menor incidente contemporâneo divergem: ocorria o mesmo, claro, no passado. Como escolher? Anatole France deseja que o historiador, enquanto procura seu melhor, mas sem ilusão, precisão, e que leve em conta especialmente o cotidiano cuja história foi tecida, e que não faça dela um tipo de Moloch, uma entidade funcionando por si mesma e devoradora de seres” (BANCQUART, 1994, p. 162-163).

à vida, que a história seja “animada e inspirada pelo sopro vivificante do presente”, e não apenas conservada (NIETZSCHE, 2005, p. 95). O conhecimento do passado deve “servir ao futuro e ao presente, não para enfraquecer o presente ou para cortar as raízes de um futuro vigoroso (NIETZSCHE, 2005, p. 99). Além disso, “os estudos históricos se opõem à arte: somente quando admite ser transformada em obra de arte, ou seja, numa pura criação de arte, é que a história pode eventualmente preservar ou mesmo despertar os instintos (NIETZSCHE, 2005, p. 129). Nietzsche também argumentou contra o excesso de sentido da história, sua concepção enquanto processo universal e as noções de causalidade, linearidade e a fé no progresso, características elementares dos estudos históricos no século XIX (NIETZSCHE, 2005, p. 18).

No contexto inglês, podemos observar as indagações levantadas por G. M. Trevelyan (1876-1962) sobre a cientificidade da história. Para o historiador britânico “history is not a scientific deduction, but an imaginative guess at the most likely generalisations” (TREVELYAN, 1913, p. 9).⁶⁸ As emoções, a imaginação e as qualidades narrativas deveriam fazer parte do método da história. Em suma:

I conclude, therefore, that the analogy of physical science has misled many historians during the last thirty years right away from the truth about their profession. There is no utilitarian value in knowledge of the past, and there is no way of scientifically deducing causal laws about the action of human beings in the mass. In short, the value of history is not scientific. Its true value is educational. It can educate the minds of men by causing them to reflect on the past (TREVELYAN, 1913, p. 12).⁶⁹

O estudo do passado deve nos lembrar que o futuro é incerto, pois a história não é capaz de criar prognósticos sobre ele, mas pode educar os homens com relação aos problemas políticos que podem ser enfrentados, capacitando-os a entender as relações humanas e mesmo estimular o sentimento de empatia, destruindo preconceitos. Trevelyan aproxima história e literatura, pois “history and literature cannot be fully comprehended, still less fully enjoyed, except in connection with one another” (TREVELYAN, 1913, p. 24).⁷⁰

Charles Péguy (1873-1914) foi, no cenário francês, um dos ferrenhos críticos da história, especialmente quanto ao método apresentado por Charles-Victor Langlois (1863-1929) e

⁶⁸ “História não é uma dedução científica, mas uma suposição imaginativa sobre as generalizações mais prováveis” (TREVELYAN, 1913, p. 9).

⁶⁹ “Concluo, portanto, que a analogia da ciência física enganou muitos historiadores durante os últimos trinta anos sobre a verdade de sua profissão. Não há valor utilitário no conhecimento do passado, e não há como deduzir cientificamente as leis causais sobre a ação dos seres humanos em massa. Em suma, o valor da história não é científico. Seu verdadeiro valor é educacional. Pode educar as mentes dos homens, levando-os a refletir sobre o passado” (TREVELYAN, 1913, p. 12).

⁷⁰ “História e a literatura não podem ser plenamente compreendidas, ainda menos desfrutadas, exceto em conexão uma com a outra” (TREVELYAN, 1913, p. 24).

Charles Seignobos (1854-1942), historiadores da *Nouvelle Sorbonne*. Em *Clio*, Péguy opõe a história “essencialmente longitudinal” à memória, “essencialmente vertical” (HARTOG, 2015, p. 167):

Péguy não deixava evidentemente de refletir sobre o *Affaire*: “Eu dizia, pronunciava, enunciava, transmitia um certo caso Dreyfus, o caso Dreyfus real, no qual nós, desta geração, nunca paramos de imergir” [PÉGUY, 1988, p. 1309]. No fim das contas, para retomar seu vocabulário, a história é “inscrição”, enquanto memória é “rememoração”. Estamos em plena contestação do regime moderno de historicidade (HARTOG, 2015, p. 167).

O que Péguy critica nos historiadores modernos é a busca excessiva por documentos como garantia da construção de uma história supostamente objetiva e completa (GERBOD, 2002, p. 18):

Aux yeux de Péguy, telle qu’elle a été codifiée par Langlois et Seignobos, telle qu’elle est pratiquée dans les universités, l’histoire dite “scientifique” est coupable de trois péchés capitaux. D’abord, les historiens “méthodiques” avec leur érudition et leurs boîtes à fiches, en chassant de leur champ la mémoire, jugée mouvante et incertaine, non seulement étouffent la vie, mais ils ont dénaturé la connaissance historique. Chez eux, faute d’imagination et d’intuition, il n’y a plus qu’un passé mort. D’autre part, n’accepter comme sources que les archives écrites constitue une usurpation, une perversion, voire une fraude intellectuelle et morale vis-à-vis du passé. Dans cette histoire historisante, devenue “une simple énumération des faits, une simple narration des événements”, on a officiellement “banni tout jugement et, dans le jugement, toute évaluation”, on a “élimine tout portrait, proscrit toute morale, toute conclusion” (BÉDARIDA, 2002, p. 103).⁷¹

Chamei atenção para esses exemplos dos contextos francês, inglês e alemão para evidenciar esse cenário de questionamentos à história, tendo em vista ser o período de sua institucionalização e estabelecimento de determinados parâmetros científicos, mesmo que sem consenso. Sabemos que a disciplina continuará sofrendo ataques, ainda mais radicais, sobretudo na França com os *Annales* a partir dos anos 1920. Não será possível nos limites desse trabalho discutir os méritos de cada objeção elencada acima, pois para além das questões teórico-

⁷¹ “Aos olhos de Péguy, como foi codificada por Langlois e Seignobos, praticada nas universidades, a assim chamada história ‘científica’ é culpada de três pecados capitais. Em primeiro lugar, os historiadores ‘metódicos’, com sua erudição e suas caixas de fichas, afastando a memória de seu campo, considerada inconstante e incerta, não apenas abafam a vida, mas distorcem o conhecimento histórico. Com eles, por falta de imaginação e intuição, há apenas um passado morto. Por outro lado, aceitar como fontes apenas os arquivos escritos constitui uma usurpação, uma perversão, até mesmo uma fraude intelectual e moral vis-à-vis ao passado. Nessa história historicizante, tornada ‘uma mera recitação de fatos, uma simples narração de eventos’ em que foi oficialmente ‘banido todo o julgamento, e no julgamento, qualquer avaliação,’ ‘eliminamos qualquer retrato, proscrita toda moral, toda conclusão” (BÉDARIDA, 2002, 103).

metodológicas, os impasses acadêmicos e políticos também estão em disputa dentro e no entorno do campo. Gostaria apenas de mencionar um dos estudos que retomam as injustiças de alguns desses ataques. No artigo “*Charles Seignobos revisité*” (PROST, 1994) Antoine Prost desconstrói alguns dos argumentos contra os historiadores da chamada “Escola Metódica”, devido à falta de fundamento de algumas dessas críticas, como por exemplo, o suposto fetichismo pelos documentos:

En vingt ans, sa réflexion s’est pourtant approfondie. Le champ des sciences sociales s’est profondément transformé. Les historiens n’ont plus à se situer par rapport à leurs devanciers plus littéraires, mais par rapport aux autres sciences et notamment à la sociologie. Seignobos consacre alors en 1896-1897 avec Langlois un cours à la théorie de l’histoire, dont sortira aussitôt la célèbre *Introduction...* puis il tente une confrontation méthodologique avec la sociologie dans un cours au Collège libre des sciences sociales dont il tire *La méthode historique appliquée aux sciences sociales* (1901), son livre le plus intéressant.

L’importance du document se trouve alors fondée par la nature même de l’histoire, qu’il définit comme “une connaissance par traces”. Le fait historique ne se définit pas par son caractère passé: “Être présent ou passé n’est pas une différence de caractère interne, tenant à la nature d’un fait; ce n’est qu’une différence de position par rapport à un observateur donné... Il n’y a donc pas de faits historiques par leur nature; il n’y a de faits historiques que par *position*. Est historique tout fait qu’on ne peut plus observer directement parce qu’il a cessé d’exister. Il n’y a pas de caractère historiques inhérent aux faits, il n’y a d’historique que la façon de les connaître. L’histoire n’est pas une science, elle n’est qu’un procédé de connaissance” [SEIGNOBOS, 1901, p. 3] (PROST, 1994, p. 108).⁷²

Quanto à Anatole France, gostaria de destacar novamente sua visão bastante realista quanto à história e sua capacidade de construir o conhecimento. France não era da opinião que a história fosse uma ciência, como já apontamos, por não ser objetiva e pela incerteza de seu método e de suas fontes, mas uma arte, em que a imaginação e a narrativa desempenham papéis importantes. A própria teoria darwiniana teria considerável influência sobre o escritor e “independente das dúvidas que tinha a respeito dessa doutrina, France assimilou, a partir dela, a ideia de que o homem não pode ser considerado fora do contexto universal, do qual ele é

⁷² “Em vinte anos, sua reflexão ainda se aprofundou. O campo das ciências sociais mudou profundamente. Os historiadores não precisam mais se situar em relação aos seus predecessores mais literários, mas com outras ciências, particularmente com a sociologia. Seignobos então dedica em 1896-1897 com Langlois um curso à teoria da história, de onde sairá a famosa *Introdução...* ele tenta um confronto metodológico com a sociologia em um curso no *Collège* livre de Ciências Sociais de onde tira *O método histórico aplicado às ciências sociais* (1901), seu livro mais interessante.

A importância do documento é então fundada pela própria natureza da história, que define como ‘um conhecimento por traços’. O fato histórico não é definido pelo seu caráter passado: ‘Ser presente ou passado não é uma diferença de caráter interno, devido à natureza de um fato; é apenas uma diferença de posição em relação a um determinado observador... Portanto, não há fatos históricos por sua natureza; há fatos históricos apenas por *posição*. É histórico todo fato que não pode mais ser observado diretamente porque deixou de existir. Não há caráter histórico inerente aos fatos, só é histórica a forma de conhecê-los. A história não é uma ciência, é apenas um processo de conhecimento’” [SEIGNOBOS, 1901, p. 3] (PROST, 1994, p. 108).

apenas um aspecto” (FRAGA, 2007, p. 73). Desta forma, a história do homem sempre estaria ligada a uma história universal. O que perpassa todo o seu pensamento é a crença na relatividade e contingência do conhecimento humano, característica de seu ceticismo, mas também de um pessimismo quanto ao que se considerava a evolução da humanidade e uma busca pela verdade. Daí sua inclinação à arte, ao belo, àquilo que pode de alguma forma elevar a vida: para o escritor haveria “apenas uma possibilidade de o homem suportar a maldição irremediável que pesa sobre sua natureza: a criação da beleza por meio de nossa inteligência, que é, concomitantemente, nossa tortura e nossa salvação” (FRAGA, 2007, p. 74).

3 O FUTURO NA UTOPIA DE *SUR LA PIERRE BLANCHE*

Ó, herdeiros do proletariado; ó, gerações vindouras, filhos dos novos tempos: lutareis! E por mais cruéis que sejam os reveses, não duvideis nunca do êxito de vossa causa! Recobrai a confiança e repeti as palavras do nobre Everhard: “Aprendemos muitas coisas. Amanhã a Causa se levantará mais forte, mais sábia e mais disciplinada” (FRANCE, 2003, p. 11).

Sur la pierre blanche foi publicado pela primeira vez em folhetim no jornal *L’Humanité* em 1904 e como livro pela editora Calmann-Lévy já no ano seguinte, 1905. O texto abriu o primeiro número do periódico socialista fundado por Jean Jaurès com a ajuda de Octave Mirbeau, Jules Renard e do próprio Anatole France, escritores importantes e próximos da causa socialista (SIRINELLI, 1995). Apropriado para a ocasião, o escrito apresenta uma utopia: num cenário futuro, a Europa passara por uma revolução de caráter socialista, transformando-se em uma sociedade fundamentalmente proletária. Como veremos, o contexto político de produção desta utopia literária será particularmente importante para compreender o papel das categorias de tempo e historicidade na composição desse interessante livro. Nos referimos aqui especificamente aos acontecimentos da Revolução de 1905 na Rússia e da conjuntura socialista/comunista no espaço europeu.

O título *Sur la pierre blanche* faz referência à epígrafe da abertura do romance: “Tu sembles avoir dormi sur la pierre blanche, au milieu du peuple des songes” (FRANCE, 1905), retirada da obra *Philopatris* (“O patriota”), atribuída a Luciano de Samósata. A mesma citação é retomada no capítulo VI quanto Hippolyte Dufresne, personagem-autor da utopia que, ao finalizar a leitura de seu conto utópico, é interpelado por Nicole Langelier: “Tu sembles, lui dit-il, avoir dormi sur la pierre blanche, au milieu du peuple des songes, puisque tu as fait un si long rêve durant une nuit si courte” (FRANCE, 1905, p. 317).⁷³ O significado da obra de Luciano não é preciso, embora pareça se tratar de um ataque ao cristianismo, em favor do politeísmo. Contudo, a citação chama atenção para o elemento do sonho, pois “c’est par le biais des rêves qu’Anatole France nous révèle sa vision de l’avenir” (TENDRON, 1995, p. 175).⁷⁴ O recurso ao sonho também é utilizado em outros romances, como *Histoire Contemporaine* e *L’île des pingouins*, e é a partir dele que Anatole France nos apresentará sua utopia socialista.

⁷³ “Tu pareces, disse ele, ter dormido sobre pedra branca, em meio aos sonhos das pessoas, desde que tu tiveste um sonho tão longo durante uma noite tão curta” (FRANCE, 1905, p. 317).

⁷⁴ “É através dos sonhos que Anatole France nos revela sua visão do futuro” (TENDRON, 1995, p. 175).

3.1 Temporalidade, historicidade e utopia literária

Para identificar as dimensões de tempo e os traços de historicidade presentes em *Sur la pierre blanche*, e como esses são mobilizados pelo autor ao trabalhar questões de sua contemporaneidade, o entrecruzamento das noções de tempo histórico e utopia é fundamental para situar o estudo. Isto porque a obra mobiliza justamente as três dimensões temporais - presente, passado e futuro -, por meio da utopia enquanto gênero literário.

A utopia existe enquanto ideia e enquanto texto, misturando o inverossímil a detalhes plausíveis e que historicamente tem precedentes na história (PRÉVOST, 2015, p. 439). André Prévost nos apresenta uma interessante reflexão acerca da utopia enquanto gênero literário a partir do livro canônico *A Utopia* (1516) de Thomas More e das utopias da modernidade. Tratam de exercícios da inteligência ao mesmo tempo que são um jogo de imaginação, prevendo um pacto de convivência com o leitor (PRÉVOST, 2015, p. 439). Enquanto romances, situam os acontecimentos no tempo e no espaço e geralmente apresentam uma viagem espacial ou temporal até o local em que se situa a utopia. Essa não deixa de ser também uma elaboração abstrata que evoca a ideia presente no próprio vocábulo *utopia*, “o país que não existe” (PRÉVOST, 2015, p. 440).⁷⁵ Para Prévost, trata-se de uma contradição interna enquanto estrutura da própria obra, como dialética do discurso utópico (PRÉVOST, 2015, p. 441).

Outro importante guia para o estudo das utopias é o *Dictionnaire des Utopies*, editado por Michèle Riot-Sarcey e publicado pela primeira vez em 2002 (RIOT-SARCEY, 2006). A obra não traz um conceito fechado de utopia, mas introduz um debate interessante acerca das utopias em suas formas plurais, além dos verbetes com conceitos relacionados ao tema. A autora traz uma reflexão mais atual, chamando atenção para as temporalidades que perpassam as obras: “les utopies puisent leurs critiques dans le présent du passé, toujours conflictuel, d’où émerge l’idéal” (RIOT-SARCEY, 2006, p. VII).⁷⁶ Ou seja, há uma tensão permanente entre um passado, às vezes esquecido, e um futuro incerto:

⁷⁵ Michèle Riot-Sarcey aponta que a palavra *utopia* foi criada por Thomas More por meio de uma construção analógica a partir de raízes da língua grega. Seu significado remete à dúvida: *bon lieu, non-lieu* ou *nulle part*. “Le signifiant égare, car le sens est ailleurs, au coeur de l’écriture, dans la forme d’exposition du projet critique et dans l’énonciation d’un autre monde possible. L’ambiguïté apparente de l’utopie est tout entière comprise dans la fonction allégorique du texte. De critique politique qu’elle était, l’*Utopia* est devenue la référence d’un genre dont l’analyse est soustraite à l’histoire” (RIOT-SARCEY, 2006, p. X). “O significante engana, porque o sentido está em outro lugar, no coração da escrita, na forma de uma exibição do projeto crítico e na enunciação de outro mundo possível. A aparente ambiguidade da utopia está inteiramente incluída na função alegórica do texto. De crítica política que era, *A Utopia* tornou-se a referência de um gênero cuja análise é subtraída da história” (RIOT-SARCEY, 2006, p. X).

⁷⁶ “As utopias extraem suas críticas do presente do passado, sempre conflituoso, das quais emerge o ideal” (RIOT-SARCEY, 2006, p. VII).

L'utopie dérange et, surtout, les utopies déroutent le lecteur soucieux d'identifier une pensée à partir de références, signes et symboles reconnus. Por l'essentiel, elles échappent à l'histoire qui fait sens d'un point de vue téléologique. Et, pourtant, le grand intérêt des textes utopiques se découvre dans le détour du temps, le contour de l'espace, les ruses de l'écriture, la forme irrationnelle de la fiction, l'excès de mots, la profusion de règles pour rendre compte du bonheur promis. Le texte peut figurer la fuite du temps ou condenser la critique de l'ordre social. Au coeur du mouvement de l'histoire, les utopies ont cependant été mises à l'écart de son écriture. Inscrites dans le temps, sans disposer de place au présent des sociétés contestées, elles n'ont pu accéder au statut de faits historiques, ne serait-ce que textuels, comme si, après chaque échec des possibles espérés, l'ordre rétabli ne pouvait intégrer, même par incise, ces espoirs dits utopiques (RIOT-SARCEY, 2006, p. X).⁷⁷

Ao mesmo tempo em que as utopias estão inscritas na história, estão também situadas entre o ideal e o real. São construções que estão dentro e fora do tempo e que servem, sobretudo, como um espelho, uma forma da sociedade se ver, de olhar para si, não a partir de seus próprios caracteres, mas através do diferente, da possibilidade que se dá no futuro da utopia.

Esse tema também foi trabalhado por Reinhart Koselleck em seu livro *Estratos do tempo*, particularmente a partir do elemento temporal identificado pelo autor. Koselleck propunha “a irrupção do futuro na utopia, ou, em outras palavras, a incorporação da utopia na filosofia da história, a qual, em sentido estrito, só existe desde a segunda metade do século XVIII. Ou seja: a temporalização da utopia” (KOSELLECK, 2014, p. 122). Koselleck sublinha que as utopias literárias inicialmente possuíam um caráter marcadamente espacial no que diz respeito ao modo de representação e espaço de experiência. A partir do século XVIII, autores como Louis-Sébastien Mercier alteram o status da utopia para um romance futurístico:

[...] toda utopia do futuro vive dos pontos de contato com um presente que pode ser resgatado não apenas fictícia, mas também empiricamente. O que o futuro oferece é, em poucas palavras, a compensação da miséria atual, seja ela de natureza social, política, moral, literária ou qualquer outra que o coração sensível ou a razão esclarecida possam desejar. Expressado de outra forma: a perfeição fingida do contramundo até então espacial é temporalizada. Com isso, a utopia se insere diretamente nos objetivos dos filósofos iluministas (KOSELLECK, 2014, p. 126).

⁷⁷ “A utopia perturba e, acima de tudo, as utopias desconcertam o leitor ansioso por identificar um pensamento a partir de referências, signos e símbolos reconhecidos. Na maioria das vezes, eles escapam da história que faz sentido do ponto de vista teleológico. E, ainda, o grande interesse dos textos utópicos descobertos no desvio do tempo, o contorno do espaço, os truques de escrita, a forma irracional da ficção, o excesso de palavras, a profusão de regras para dar conta da felicidade prometida. O texto pode representar a fuga do tempo ou condensar críticas à ordem social. No coração do movimento da história, as utopias foram, no entanto, separadas de seus escritos. Inscritas no tempo, sem dispor de lugar no presente das sociedades contestadas, eles não poderiam atingir o status de fatos históricos, não seriam mais que textuais, como se depois de cada fracasso de espera possível, a ordem restabelecida não poderia integrar, mesmo por incisão, estas esperanças ditas utópicas” (RIOT-SARCEY, 2006, p. X).

Até meados do século XVIII, as utopias eram voltadas apenas para o passado, que de certa maneira era idealizado. A partir dos novos autores iluministas, volta-se para outro tempo, pois “se a utopia já não podia mais ser estabelecida nem na nossa Terra presente nem no além, era preciso recuar para o futuro” (KOSELLECK, 2014, p. 124). Além disso, participava do movimento das filosofias da história, que traziam o elemento teleológico como marca, refletindo também como qualidade das utopias. Na mesma linha, podemos entender *Sur la pierre blanche* a partir das mudanças da utopia de caráter espacial, para a utopia temporal apontadas por Koselleck, em que “a primeira mudança diz respeito à função do autor” que se torna o “próprio produtor de sua utopia”;⁷⁸ a segunda mudança aponta que “toda utopia futurística precisa pressupor continuidades temporais” pelas sucessões geracionais, logo a utopia está ancorada no presente, que é seu ponto de partida. Dessa forma, “deduzir do presente ruim um futuro melhor é o padrão que determina a configuração dessa utopia” (KOSELLECK, 2014, p. 124-126).

Essa proposição sobre o futuro é essencial para entendermos o conceito de utopia, que agora admite essa dimensão temporal como seu eixo principal e, portanto, estabelece um vínculo com o presente. A utopia estaria então ancorada aos três eixos temporais: pelo passado, uma vez que o autor da utopia a baseia nas experiências pretéritas para criar a sua utopia; no presente, pois a utopia parte temporalmente de seu presente, sendo, portanto, contemporânea do seu próprio criador; e no futuro, pois ele é seu caminho; a utopia enquanto projeto se desenrola agora no tempo futuro. Nesse sentido, experiência e expectativa são elementos formadores da própria noção de temporalização da utopia:

[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político (KOSELLECK, 2006, p. 308).

O tempo histórico, se seguirmos Reinhart Koselleck, é produzido pela distância criada entre o campo da experiência, de um lado, e o horizonte da expectativa, de outro: ele é gerado pela tensão entre os dois lados. É essa tensão que o regime de historicidade propõe-se a esclarecer (HARTOG, 2015, p. 39).

Há ainda mais uma abordagem que gostaria de trazer, ancorada principalmente nas propostas de Henrique Estrada Rodrigues, nos textos em que interroga a relação entre utopia,

⁷⁸ “O futuro não pode ser observado nem verificado, não pode ser alcançado pela experiência. Por isso, a utopia futurística é, dentro do repertório da criação ficcional, um feito genuíno e puro da consciência do autor” (KOSELLECK, 2014, p. 124).

temporalidade e história (RODRIGUES, 2009; 2015). Retomando Miguel Abensour (1990), Rodrigues aponta duas matrizes do pensamento utópico:

[...] de um lado, utopistas do século XIX como William Morris ou Pierre Leroux, autores de ensaios, panfletos, epístolas e romance que conjugaram imaginário utópico e imaginação literária; de outro, filósofos como Ernst Bloch ou Walter Benjamin, cujas obras buscaram dar dignidade filosófica ao conceito de utopia. Malgrado as diferenças, essas duas matrizes comungariam um traço específico: a lembrança de que promessas de emancipação poderiam se converter em novas formas de dominação (RODRIGUES, 2009, p. 154).

Essa dimensão de *promessas de emancipação que podem se converter em novas formas de dominação* pode ser observada em *Sur la pierre blanche* e em outras obras de Anatole France, como *Histoire contemporaine*, *L’Affaire Crainquebille*, *Les dieux ont soif*, e *La Révolte des anges*. Por trás da ironia e sátira que perpassam seus romances, desnuda-se uma postura humanista muito clara na recusa a qualquer forma de subjugação, seja por autoridades estatais ou espirituais que historicamente atravessam a história das sociedades. A escolha da utopia como gênero literário para expor uma possibilidade de futuro, ou mesmo um prognóstico, demonstra a capacidade inventiva de France ao entrecruzar a narrativa com componentes temporais (pois a ênfase não está no espaço, que aparece em segundo plano), pois “embora as definições sobre a utopia não sejam inequívocas, a irrupção do tempo é uma questão central na história desse conceito” (RODRIGUES, 2015, p. 3). A utopia criada por France aparece como um exemplo instigante desse desenvolvimento das utopias contemporâneas. Para Boris Foucaud (2014) France arquiteta um verdadeiro sistema utópico através do qual pretende a mudança da própria realidade, colocando em seu horizonte literário a discussão dos mitos da modernidade:

L’utopie francienne ne passe dès lors que par une vision marxisante du système social, ce qui est conforme aux sentiments de gauche pour lesquels Anatole France milite dans la vie réelle. L’utopie développée dans *Sur la pierre blanche* s’appuie ainsi cette particularité d’un monde unitaire, emprunt de justice sociale, et où les richesses sont disponibles pour tous. Cette satiété sociale à laquelle Anatole France aspire est l’une des facettes de l’assouvissement du Désir, qu’il ne voit pas possible dans le réel. *Sur la pierre blanche* est entièrement fondé par cette question, directement issue d’une appréhension darwinienne du réel (FOUCAUD, 2014).⁷⁹

⁷⁹ “A utopia franciana, portanto, passa apenas por uma visão marxista do sistema social, que está de acordo com os sentimentos de esquerda pelos quais Anatole France milita na vida real. A utopia desenvolvida em *Sur la pierre blanche* constrói, assim, essa peculiaridade de um mundo unitário, dotado da justiça social e onde a riqueza está disponível para todos. Essa sociedade social para a qual Anatole France aspira é uma das facetas da satisfação de Desejo, que ele não vê na realidade. *Sur la pierre blanche* é inteiramente fundada por esta questão, diretamente resultante de uma apreensão darwiniana do real” (FOUCAUD, 2014).

Esse assunto será detalhado adiante quando analisarei especificamente o conto utópico. Nesse momento gostaria de trabalhar outras questões que são abordadas em *Sur la pierre blanche* em seus capítulos iniciais, a partir da condução da narrativa ao passado europeu através das ruínas do fórum romano.

3.2 Antes da utopia, uma visita ao passado

Sur la pierre blanche está dividido em seis capítulos. Os quatro primeiros são compostos por diálogos filosóficos de um círculo de amigos intelectuais: Joséphin Leclerc, M. Goubin, Nicole Langelier, Jean Boilly, Hippolyte Dufresne e Giacomo Boni.⁸⁰ A divisão do livro em diálogos filosóficos seguido de um relato sobre o espaço utópico pode ser lida como um dispositivo retórico. Esse formato foi inaugurado por Thomas More em *A Utopia*, obra pioneira e paradigmática do gênero (RODRIGUES, 2015). A narrativa de Anatole France está, portanto, inscrita na tradição utópica inaugurada por More (FOUCAUD, 2014).

O grupo de personagens se encontra nas ruínas do antigo fórum romano, em visita organizada pelo arqueólogo italiano Giacomo Boni. O autor não fornece informações sobre o período em que se passa a história, mas podemos supor, ao longo de sua leitura, que se dá na atualidade de France. Despertados pelos monumentos que visitavam, o grupo discute temas relacionados à história da humanidade por meio de comentários sobre as antigas civilizações. Não abordarei detalhadamente os diálogos, pois meu foco será sobre o capítulo que contém a utopia. Contudo, deve-se chamar atenção para alguns momentos em que podemos identificar a introdução de alguns tópicos a partir das conversas do grupo que serão depois tematizados e transformados no conto utópico, como pretendo mostrar a seguir. O grupo aborda questões gerais e pontuais da história no período da Antiguidade até a Modernidade, chamando atenção algumas tópicos recorrentes ao longo do romance, como o cristianismo, antissemitismo, guerras, progresso, colonialismo, raça e o futuro dos povos. A tônica do romance de fato é o futuro da humanidade, por isso Anatole France salta, por intermédio de seus personagens, de

⁸⁰ Na abertura do romance temos uma breve descrição dos personagens: “Quelques Français, liés d’amitié, qui passaient le printemps à Rome, se rencontraient solvant dans le Forum désenseveli. C’étaient Joséphin Leclerc, attaché d’ambassade en congé; M. Goubin, licencié ès lettres, annotateur; Nicole Langelier, de la vieille famille parisienne des Langelier, imprimeurs et humanistes; Jean Boilly, ingénieur; Hippolyte Dufresne, qui avait des loisirs et aimait les arts. [...] le commandeur Giacomo Boni, directeur des fouilles” (FRANCE, 1905, p. 1-2). “Alguns amigos franceses, que passavam a primavera em Roma, reuniram-se no Fórum desenterrado. Eles eram Joséphin Leclerc, embaixador em licença; Sr. Goubin, licenciado em Letras, comentarista; Nicole Langelier, da antiga família parisiense de Langelier, impressores e humanistas; Jean Boilly, engenheiro; Hippolyte Dufresne, que tinha lazeres e amava as artes. [...] o comandante Giacomo Boni, diretor das escavações” (FRANCE, 1905, p. 1-2).

um século a outro tocando questões sensíveis a diferentes épocas e que o são ainda em seu período contemporâneo.

Gostaria de chamar a atenção para alguns pontos. O primeiro é a conversação travada entre os personagens em torno da noção de raça no capítulo I, intitulado “*Quelques Français liés d’amitié, qui passaient le printemps à Rome*”. A partir da observação de vestígios arqueológicos do passado antigo, Giacomo Boni expõe a pretensa grandeza dos povos arianos, assumindo uma ideia de raça pura e superior:

Si l’on pouvait reconstruire ces ossements calcinés, vous verriez apparaître les pures formes aryennes. En ces crânes larges et vigoureux, en ces têtes carrées comme la première Rome que devaient fonder leurs fils, vous reconnaîtrez les aïeux des patriciens de la république, la souche longtemps vigoureuse qui produisit les tribuns, les pontifes et les consuls, vous toucheriez le superbe moule de ces robustes cerveaux qui construisirent la religion, la famille, l’armée, le droit public de la cité la plus fortement organisée qui fut jamais (FRANCE, 1905, p. 21).⁸¹

Contudo, Nicole Langelier a seguir se coloca contra a ideia de diferentes raças, que poderiam ser perceptíveis por características físicas ou pelo desenvolvimento de sua história. Há apenas uma raça, a humana, e nela homens brancos, amarelos e negros. Além disso, o homem criou a ideia de raça a partir do seu orgulho e ódio, e a utiliza para propósitos políticos, como testemunhou-se na França em 1871 com a Guerra Franco-Prussiana, e o próprio antissemitismo imposto contra os judeus, como se fossem uma raça separada (FRANCE, 1905).

Outro tema muito discutido ao longo do livro é a guerra como um suposto instrumento de progresso, colocado como uma condição ontológica do próprio mundo e da condição humana. A riqueza só seria alcançada pelas armas, e os povos sempre tiveram necessidade de fazer uso delas para sobreviver e se desenvolver, a despeito das demais sociedades. Apesar de amarem a guerra, segundo M. Goubin, para Jean Boilly há sempre uma razão concreta para que esta ocorra, de acordo com as ambições de cada povo (FRANCE, 1905). Veremos a seguir como a extinção da própria ideia de guerra será essencial para que ocorra a revolução socialista no conto utópico.

No segundo capítulo acompanhamos a leitura de um conto escrito e lido por Nicole Langelier, intitulado “*Gallion*”. O conto narra uma curiosa história envolvendo Gallion, procônsul romano no século I na província de Achaïe, e São Paulo, o “judeu fanático”,

⁸¹ “Se pudéssemos reconstruir esses ossos calcinados, você veria a aparência de formas arianas puras. Nesses crânios grandes e vigorosos, nessas cabeças quadradas como a primeira Roma que devia fundar seus filhos, você reconheceria os antepassados dos patrícios da república, a longa e vigorosa estirpe que produzia os tribunos, os pontífices e os cônsules, você tocaria o soberbo molde daqueles cérebros robustos que construíram a religião, a família, o exército, o direito público da cidade mais fortemente organizada que já existiu” (FRANCE, 1905, p. 21).

ilustrando a rivalidade entre judeus e cristãos no início do milênio. Gallion havia sido requisitado a julgar em seu tribunal uma causa envolvendo São Paulo, acusado de pregar dentro das sinagogas da região a fé em Cristo. Embora tenha se interessado inicialmente pela questão, Gallion por fim se nega a julgar a causa, pois os judeus e cristãos eram execrados no Império Romano, considerados como inimigos adoradores de um único deus ou de uma outra figura ainda não muito conhecida, Jesus. A forma como os sírios, como também eram chamados os judeus, eram tratados nesse período de cristianismo primitivo, como seres inferiores e desordeiros, fica muita clara na fala de Gallion, quando é chamado à causa:

- À vrai dire, j'ai une raison particulière d'examiner cette affaire par mes yeux. Je ne dois négliger aucune occasion de surveiller ces Juifs de Kenchrées, race turbulente, haineuse, contemptrice des lois, qu'il n'est pas facile de contenir. Si jamais la paix de Corinthe est troublée, ce sera par eux. Ce port, où viennent mouiller tous les navires de l'Orient, cache dans un amas confus de magasins et d'auberges une foule innombrable de voleurs, d'eunuques, de devins, de sorciers, de lépreux, de violeurs de sépulcres et d'homicides. C'est le repaire de toutes les infamies et de toutes les superstitions. On y vénère Isis, Eschmoun, la Vénus Phénicienne et le dieu des Juifs. Je suis effrayé de voir ces Juifs immondes se multiplier, plutôt à la manière des poissons qu'à celle des hommes. Ils pullulent dans les rues fangeuses du port comme des crabes dans les rochers (FRANCE, 1905, p. 91-92).⁸²

Esse trecho expõe como os judeus, que faziam parte de uma “raça corrompida”, sofriam todo tipo de hostilidade e discriminação, baseados no ódio e medo dos romanos. Para Gallion Roma é eterna e inabalável, e os romanos e suas leis portadores de toda verdade possível. Não seria possível a ele imaginar um futuro diferente para a civilização que fazia parte. Dessa forma Anatole France apresenta aspectos do futuro antissemitismo e como essa questão associa religião e raça, culminando em guerras políticas e religiosas.

Após a leitura do conto sobre Gallion, os capítulos III e IV encaminham a narrativa para discussões sobre o futuro e suas formas de previsão, dirigidas à contemporaneidade dos personagens. À Gallion não foi possível ver que o futuro passava pelo seu tribunal por meio da figura de São Paulo que representava o cristianismo em formação. Talvez até mesmo ao santo fosse impossível prever o futuro da religião que pregava pois, como sentencia Joséphin Leclerc, “l'avenir est caché même à ceux qui le font” (FRANCE, 1905, p. 178).⁸³ Por outro lado, é

⁸² “Para dizer a verdade, tenho um motivo especial para examinar esse caso com meus próprios olhos. Não devo negligenciar qualquer oportunidade de ficar de olho nesses judeus de *Kenchrées*, raça turbulenta, odiosa, desdenhosa das leis, que não é fácil de conter. Se alguma vez a paz de Corinto for perturbada, será através deles. Este porto, onde todos os navios do Oriente vêm ancorar, esconde num amontoado confuso de lojas e pousadas uma multidão inumerável de ladrões, eunucos, adivinhadores, magos, leprosos, violadores de túmulos e homicidas. É o antro de toda infâmia e superstição. Nós veneramos Ísis, Eschmoun, a Vênus fenícia e o deus dos judeus. Estou com medo de ver esses judeus imundos se multiplicarem, mais à maneira dos peixes que dos homens. Eles abundam nas ruas enlameadas do porto como caranguejos nas rochas” (FRANCE, 1905, p. 91-92).

⁸³ “O futuro está escondido até mesmo para quem o faz” (FRANCE, 1905, p. 178).

interessante a posição de Langelier de que a ciência é profética e pode sim oferecer previsões confiáveis. Por meio das falas desse personagem Anatole France apresenta uma série de autores preocupados com o futuro da Europa, e que escreveram sobre ele suas considerações à época de France, como Maurice Spronck, Camille Mauclair e Daniel Halévy.⁸⁴ Menciona, inclusive, autores de utopias, como Thomas More, Tommaso Campanella, Sébastien Mercier, William Morris e H. G. Wells. Assim como sugere a história de Gallion, para Langelier todos esses autores ou profetas confiam ao futuro a realização de seus sonhos. Esse futuro que almejam não é por eles antecipado em suas narrativas, mas conjurado (FRANCE, 1905, p. 187): uma vez que sequer temos um conhecimento preciso do passado, teremos menos ainda acerca do futuro.

Uma menção à guerra Russo-Japonesa (1904-1905), que ainda não havia chegado a seu termo, leva Langelier a discursar sobre a barbárie das políticas e guerras coloniais. O personagem, no entanto, acredita que é possível à humanidade alcançar um tempo de paz em que todas as nações, a partir da liderança intelectual da França, possam trabalhar conjuntamente para o desenvolvimento de cada nação de forma ordenada. Jean Boilly, contudo, será o personagem que fará o contrassenso a esta visão, trazendo dados da realidade que lhe são indispensáveis para olhar o futuro: da Alemanha armamentista aos Estados Unidos imperialista, ambos em ascensão em suas políticas atuais. Ou seja, com tantas rivalidades em marcha, o estado de guerra será permanente, e “l’extermination est le résultat fatal des conditions économiques dans lequel se trouve aujourd’hui le monde civilisé...” (FRANCE, 1905, p. 238).⁸⁵

Na próxima sessão poderemos examinar com mais detalhe como esses temas inscritos no passado europeu estão ainda ativos e animam as discussões com relação ao futuro. O sistema utópico de Anatole France, o qual veremos em suas particularidades, desmantela os referenciais sociopolíticos que se conhece no início do século XX, dando lugar a uma perspectiva coletivista de sociedade, ainda desconhecida para o período (FOUCAUD, 2014).

3.3 “Par la porte de corne ou par la porte d’ivoire” ou o futuro passado da Europa

⁸⁴ Anatole France tinha contato pessoal com alguns desses autores, como Daniel Halévy (1872-1962), por intermédio do salão de Madame Straus, conforme aponta Marie-Claire Bancquart (BANCQUART, 1984, p.260). Halévy foi um importante historiador francês, autor de “*Essai sur l’accélération de l’histoire*”, de 1948, e também de um romance utópico, “*Histoire de quatre ans, 1997-2001*”, publicado em 1903.

⁸⁵ “O extermínio é o resultado inevitável das condições econômicas nas quais se encontra hoje o mundo civilizado...” (FRANCE, 1905, p. 238).

O quinto capítulo, intitulado “*Par la porte de corne ou par la porte d’ivoire*”, que nos interessa especialmente, narra o conto utópico propriamente dito.⁸⁶ Pouco estudado no conjunto da obra de France, o texto foi lembrado por J. C. Mariátegui, que o relacionou a uma nova filosofia da história que abria o século XX:

Não há nesse quadro uma antecipação da nova filosofia da História? Assim, os personagens de Anatole France se entretêm numa previsão da futura sociedade proletária e calculam que a revolução chegará até o fim do nosso século. A previsão foi excessivamente tímida e modesta. Giacomo Boni e Anatole France tiveram a oportunidade de assistir, no ocaso dourado de sua vida, à alvorada sangrenta da revolução (MARIÁTEGUI, 2005, p. 78).

Mariátegui escreve esse texto originalmente na revista “*La escena contemporánea*” em 1925, logo, há apenas um ano após a morte de France. Ele mesmo faleceria cinco anos depois, em 1930. Os dois, portanto, não puderam testemunhar todo o desenrolar do socialismo ao longo do século XX, especialmente aquele posto em prática na URSS na era stalinista, de 1922 a 1953. Embora o conto de France apresente aspectos do que se poderia esperar de uma sociedade socialista, percebemos que, enquanto espaço de experiência o socialismo não fora ainda posto em prática. Por outro lado, já era pensado e idealizado desde o século XIX. As ‘internacionais’, organizadas desde 1864, são uma prova de que essa corrente política rumava de alguma forma dentro do Ocidente, pois pela primeira vez se reivindicou pelo proletariado a conquista do poder (DROZ, 1992, p. 15). Nas palavras de Jean Jaurès, importante político e amigo de France, “o proletariado [...] é consciente de ser neste momento o portador do futuro da humanidade” (DROZ, 1992, p. 156). Este futuro é traçado no conto utópico de France, que anuncia uma sociedade ideal socialista e proletária que promove a formação de uma *Fédération Européenne* após passar por uma revolução no ano 2000 da era cristã.

⁸⁶ O título “*Par la porte de corne ou par la porte d’ivoire*” pode ser traduzido como “Pela porta de chifre ou pela porta de marfim” e faz referência à Odisséia de Homero no canto XIX, ao abordar a distinção entre dois tipos de sonhos: aqueles premonitórios e próximos da realidade, que passariam pela porta de chifre, e aqueles enganadores e ilusórios, que passariam pela porta de marfim. Isso porque na Grécia Antiga, o sonho possuía valor oracular, e que sonhador e poeta podiam ser considerados sinônimos. Conforme Meneses (2000), “a aparente aleatoriedade dessas metáforas é ‘resolvida’ recorrendo-se ao original: pois se perdem, na tradução, dois trocadilhos do texto grego: de um lado, entre as palavras que significam ‘chifre’ (*keras*) e realizar-se (*krainein*); e de outro lado, entre ‘marfim’ (*elephantinon*) e ‘enganar’ (*elephairomai*). A lenda é, assim, explicada através do recurso da conexão com a linguagem: a palavra gera o mito. Levando-se em conta o imperativo da representabilidade, como figurar os conceitos abstratos ‘realizar-se’ e ‘enganar’, senão através do recurso ao significante, apelando para as palavras assonantes? Como dar conta de representar a possibilidade da ‘realização’ dos sonhos, a não ser recorrendo à palavra ‘realizar-se’ tomada na sua materialidade, no jogo a que *keras* (chifre) se presta, na sua inter-asonância com *krainein* (realizar-se)? Da mesma maneira, como figurar ‘o que engana’, sem apelar para o significante *elephairomai* (enganar), inter-evocado por *elephantinon* (de marfim)? Na realidade, como queria Cassirer (1976), do nome se cria o mito.”

Haveria a possibilidade de explorar até que ponto o conto de France anuncia um prognóstico. Contudo, isso seria talvez ir além da proposta para esse trabalho. Além disso, para Koselleck “previsões só são possíveis porque na história existem estruturas formais que se repetem, mesmo quando seu conteúdo é singular e preserva um caráter surpreendente para os envolvidos. Sem as constantes, de duração variada, presentes nos eventos vindouros seria impossível prognosticar qualquer coisa” (KOSELLECK, 2014, p. 193). Ou seja, de que forma mapear as experiências históricas que teriam influenciado seu prognóstico sem haver, de fato, um socialismo real até o momento da publicação de seu livro, até onde temos conhecimento? Ou seria possível considerar as teses e programas teóricos socialistas modernos produzidos desde o final do XVIII como campo de experiência nesse caso? Por enquanto trago apenas interrogações sobre esse intrigante tema. Voltemos, pois, à narrativa de France.

A história é lida em primeira pessoa, dentro desse capítulo, pelo personagem de Hippolyte Dufresne, que anuncia aos amigos que escrevera um pequeno conto que possuiria o único mérito que lhe oferecer tranquilidade quanto ao futuro (FRANCE, 1905, p. 239).⁸⁷ Dufresne é também o personagem principal de seu próprio texto, que narra uma “viagem” do ano 1903 até 2270, através de um sonho. A utopia, portanto, tem caráter temporal, pois o personagem não viaja para um local distante espacialmente, mas no tempo. Antes de dar esse “salto no futuro”, Dufresne reflete sobre sua aproximação com as ideias socialistas, introduzidas por seu pai durante sua juventude. Além disso, deixa claro que nada de bom resultará da separação entre natureza e sociedade, pois “les sociétés animales résultent nécessairement de la nature animal” (FRANCE, 1905, p. 243).⁸⁸ Quer dizer, a natureza humana, plena de avareza e crueldade, e ao mesmo tempo má e bela, dá forma às contradições da humanidade, e como esta pode produzir a beleza e a feiura, a bondade e a maldade.

Ao simplesmente acordar no futuro, e sem apresentar maiores explicações de como isso ocorrera, lhe impressiona o novo espaço que aparece ao redor, “tout ce qui m’entourait m’était nouveau, inconnu, étranger” (FRANCE, 1905, p. 250).⁸⁹ os grandes prédios de seu tempo desapareceram, dando lugar a pequenas casas, ornadas com requintes de arte; as vias não possuem automóveis, apresentando um aspecto natural. Andando pelas ruas desertas, Dufresne avista bandeiras vermelhas, adornadas com símbolos de paz e com os dizeres “*FÉDÉRATION EUROPÉENNE*” (FRANCE, 1905, p. 250-252). Mediante uma proclamação na rua descobre

⁸⁷ Dufresne é apresentado no início do livro pelo narrador como “qui avait des loisirs et aimait les arts” (FRANCE, 1905, p. 1). “Aquele que possuía lazeres e amava as artes” (FRANCE, 1905, p. 1).

⁸⁸ “As sociedades animais resultam necessariamente da natureza animal” (FRANCE, 1905, p. 243).

⁸⁹ “Tudo ao meu redor era novo, desconhecido, estranho” (FRANCE, 1905, p. 250).

em que tempo se encontrava, e seu novo calendário: o dia era 28 de junho do ano 220 da Federação Europeia, a federação dos povos:

Qu'est-ce que cela signifiait? Une proclamation du Comité fédéral, à l'occasion de la fête de la terre, me fournit à propôs des données utiles pour l'intelligence de cette date. Il y était dit: "Camarades, vous savez comment, en la dernière année du XXe siècle, le vieux monde s'abîma dans un cataclysme formidable et comment, après cinquante ans d'anarchie, s'organisa la fédération des peuples de l'Europe..." L'an 220 de la fédération des peuples, c'était donc l'an 2270 de l'ère chrétienne, le fait était certain. Il restait à l'expliquer. Comment me trouvais-je tout à coup en l'an 2270? (FRANCE, 1905, 254).⁹⁰

Com isso Anatole France apresenta o tempo futuro: das ruínas da antiga Europa, nascera uma nova sociedade a partir de um processo histórico marcadamente revolucionário e que, assim como a Revolução Francesa, iniciou uma nova era, um novo calendário, estipulando um antes e um depois.

Mesmo surpreso, Dufresne segue andando pelas ruas. A despeito de seu ar desorientado, oferecem-lhe espontaneamente assistência e trabalho em uma grande padaria, semelhante a uma grande fábrica. Não podendo responder às perguntas que lhe eram dirigidas sobre sua origem, as pessoas supõem que fosse um estrangeiro, vindo dos Estados Unidos da África, local de barbárie parecido com o estado da França há três ou quatrocentos anos atrás (FRANCE, 1905, p. 263). Michel, um dos camaradas que acompanha Dufresne em sua "viagem", o leva por diversos locais e lhe introduz aos novos valores e costumes: a terra e a cultura têm imenso valor, pois agora são partilhadas por meio do coletivismo, rendendo muito mais do que à época da "anarquia capitalista"; diferentemente da era anterior, em que se partilhava a pobreza, o coletivismo agora partilha a riqueza entre todos. O progresso das ciências e a tecnologia são empregados no melhoramento da terra para a agricultura e a indústria, visando uma superprodução; são suprimidos os tribunais, o comércio e o exército. A justiça passa a ser exercida pelos próprios cidadãos quando necessária, embora a aplicação da lei seja raramente executada, pois os crimes foram praticamente extintos. Não haviam mais as grandes metrópoles geradoras de criminalidade, pois foram substituídas pelas pequenas cidades. A antiga língua também fora modernizada com um novo vocabulário e configurada de forma mais abreviada, facilitando a comunicação.

⁹⁰ "O que isso significa? Uma proclamação do Comitê Federal, por ocasião da festa da terra, para me fornecer informações úteis para a inteligência desta data. Dizia: 'Camaradas, vocês sabem como, no último ano do século XX, o velho mundo caiu em um cataclismo formidável e como, depois de cinquenta anos de anarquia, se organizou a federação dos povos da Europa...' O ano 220 da federação dos povos, foi, portanto, o ano 2270 da era cristã, o fato era certo. Restava explicá-lo. Como me encontrei de repente no ano 2270?" (FRANCE, 1905, p. 254).

O passado, com suas antigas cidades, como Paris, sucumbiu em ruínas após as guerras. Contudo, foram conservadas as construções mais antigas, e transformadas em museus e bibliotecas, abrigando agora locais voltados à educação. Ainda assim, o século XX ficou conhecido como “a era infeliz”. Os antigos historiadores já não existem mais, foram substituídos pelos estatísticos, conforme conta o padeiro-estatístico, Michel:

Je suis boulanger pendant six heures. C’est la durée de la journée, telle qu’elle est fixée depuis près d’un siècle par le Comité fédéral. Le reste du temps, je fais de la statistique. C’est la Science qui a remplacé l’histoire. Les anciens historiens contaient les actions éclatantes d’un petit nombre d’hommes. Les nôtres enregistrent tout ce qui se produit et tout ce qui se consomme (FRANCE, 1905, p. 267).⁹¹

Os costumes também foram adaptados aos novos tempos: não há mais a noção de gênero, pois a ideia de igualdade parece ter sido realmente levada ao pé da letra; a alimentação é bastante natural e nutritiva, assim como a supressão do álcool foi necessária para a emancipação do proletariado. Dufresne pôde perceber que um tipo diferente de racionalidade transformou essa sociedade, especialmente através das conversas que têm em um jantar na casa coletiva onde Michel morava.

Dufresne interroga seu novo amigo Morin sobre o trajeto percorrido por essa nova sociedade até o ponto em que se encontra. Anatole France cria, para isso, uma nova narrativa para a história futura da Europa. O primeiro passo fora a extinção da guerra. Esse aspecto é crucial no texto, pois fortemente ancorado no contexto pré-guerra vivido por France, carregado de tensões entre as potências colonialistas ocidentais. Para dar seguimento a essas questões internacionais, grupos de deputados em todos os países se formaram para deliberar de forma comum acerca desses problemas, voltando-se para o estabelecimento de uma paz comum e um equilíbrio na Europa (FRANCE, 1905, p. 272-273), ensaiando, de alguma forma, um parlamento internacional. As últimas guerras ocorridas haviam sido causadas pela política colonial entre a Europa e suas zonas de influência na Ásia e África, e, nas palavras do autor, “par cette folie furieuse du vieux monde” (FRANCE, 1905, p. 274).⁹²

A nova sociedade coletivista nascera, portanto, da sociedade capitalista, pois “dans la vie morale comme dans la vie individuelle les formes s’engendrent les unes les autres”

⁹¹ “Eu sou padeiro por seis horas. Esta é a duração da jornada, como foi fixado por quase um século pelo Comitê Federal. O resto do tempo, eu faço estatística. É a ciência que substituiu a história. Os historiadores antigos relataram as ações brilhantes de um pequeno número de homens. Os nossos registram tudo o que se produz e tudo o que é consumido” (FRANCE, 1905, p. 267).

⁹² “Por esta loucura furiosa do velho mundo” (FRANCE, 1905, p. 274).

(FRANCE, 1905, p. 275).⁹³ Morin explica a Dufresne como o capital havia produzido um grande progresso social:

- Qu'est-ce qui fut un grand progrès social? demandai-je.
 - Le régime capitaliste, me répondit Morin. Il apporta à l'humanité une source incalculable de richesse. En rassemblant les ouvriers par grandes masses, et en multipliant leur nombre, il créa le prolétariat. En faisant des travailleurs un immense État dans l'État, il prépara leur émancipation et leur fournit les moyens de conquérir le pouvoir. [...] Il n'est pas de bien social qui n'ait coûté du sang et des larmes. Au reste, ce régime, qui avait enrichi la terre entière, faillit la ruiner. Après avoir grandement augmenté la production, il se trouva incapable de la régler, et se débattit éperdument dans des difficultés inextricables (FRANCE, 1905, p. 276).⁹⁴

Ou seja, só foi possível alcançar uma nova ordem de coisas que levasse a uma sociedade feliz a partir de uma época que produziu infelicidade para a maior parte da população, formada por trabalhadores, e que não restou indiferente, transformando a realidade.

Ao narrar o futuro passado da Europa, Anatole France expõe as contradições do sistema capitalista, especialmente durante seu último período de existência no século XX, e anuncia uma espécie de prognóstico: “durant les cent dernières années de la domination capitaliste, le désordre de la production et le délire de la concurrence accumulèrent les désastres” (FRANCE, 1905, p. 277).⁹⁵ A partir dessas desordens, a luta de classes alcança o ápice, terminando com a vitória do proletariado propiciada pela grande força dessa classe que nesse momento soube manter suas guerras partidárias sob controle. Com o desmoronamento do capitalismo, o final do século XX se tornara enfim favorável ao desenvolvimento do socialismo. A partir daí, France mostra o período de ruptura, caracterizado pelo caos e confusão, em que as forças progressistas precisaram avançar em meio à essa desordem para evitar a volta ao antigo sistema ou qualquer outro retrocesso. Aos poucos são conquistadas as primeiras vantagens aos trabalhadores: aumento dos salários, diminuição das horas de trabalho, liberdade de organização e de propaganda, o sufrágio universal e a conquista dos poderes públicos (FRANCE, 1905, p. 277-278). Contudo, foi necessário que um partido estivesse à frente da revolução que era encaminhada:

⁹³ “Na vida moral, como na vida individual, as formas engendram-se umas às outras” (FRANCE, 1905, p. 275).

⁹⁴ “- O que foi um grande progresso social? Eu perguntei.

- O sistema capitalista, respondeu Morin. Ele trouxe à humanidade uma fonte incalculável de riqueza. Reunindo os trabalhadores em grandes massas e multiplicando seu número, ele criou o proletariado. Ao tornar os trabalhadores um imenso Estado dentro do Estado, ele preparou sua emancipação e forneceu-lhes os meios para conquistar o poder. [...] Não há bem social que não tenha custado sangue e lágrimas. Além disso, esse regime, que enriquecera toda a terra, quase a arruinou. Depois de ter aumentado muito a produção, ele se viu incapaz de regrá-la, e lutou incessantemente com dificuldades inextricáveis” (FRANCE, 1905, p. 276).

⁹⁵ “Durante os últimos cem anos de dominação capitalista, a desordem da produção e o delírio da concorrência acumularam desastres” (FRANCE, 1905, p. 277).

[...] tous les grands partis sont divisés et ils commettent tous des fautes. Le prolétariat avait pour lui la force des choses. Il atteignit vers la fin du siècle ce point de bien-être qui permet d'arriver à mieux. Camarade, il faut qu'un parti soit déjà fort pour faire une révolution à son profit (FRANCE, 1905, p. 278).⁹⁶

Dos países europeus, apenas Inglaterra e Rússia permaneceram à margem desse movimento, resguardando seus regimes monárquicos. A Rússia, no entanto, tinha um proletariado muito combativo e que lutava por tomar o poder a partir da revolução, até enfim conseguir estabelecer um regime representativo (FRANCE, 1905, p. 280). Nesse trecho da narrativa, France faz menção aos acontecimentos que se davam na Rússia czarista durante a Revolução de 1905. Como o romance fora publicado pela primeira vez em 1904, os acontecimentos ainda estavam em processo. Contudo, antes mesmo de 1905 e do Domingo Sangrento já era possível observar uma grave crise no país, e a fragilização do poder imperial de Nicolau II, especialmente após a derrota na Guerra Russo-Japonesa (TRAGTENBERG, 2007; VIANA, 2010).

Outro aspecto muito enfatizado na narrativa é o grande desenvolvimento tecnológico, como o telégrafo e o telefone sem fio, por exemplo, que permitiam a comunicação em tempo real dentro da Federação, os transportes coletivos de alta velocidade e o maquinário empregado nas atividades agrícolas e industriais. Todo esse avanço científico e tecnológico está atrelado ao desenvolvimento da própria revolução e a manutenção da sociedade coletivista.

Um remanescente nacionalismo patriótico em alguns países tentou impedir a supressão das fronteiras. No entanto, a força da grande maioria que desejava a formação da federação entre as várias nações prevaleceu, apoiando a dissolução das fronteiras. O fim da antiga era estava próximo:

L'union des peuples qui semblait reculée dans un lointain fabuleux, était proche. Les énergies pacifiques se développaient de jour en jour; les collectivistes faisaient peu à peu la conquête de la société. Et le jour vint où les capitalistes vaincus leur abandonnèrent le pouvoir (FRANCE, 1905, p. 282).⁹⁷

Sem um grande esforço do proletariado e os avanços da ciência e tecnologia não seria possível destruir as bases do mundo capitalista: o capital e a propriedade individual. A revolução social se deu a partir da França, e “le triomphe du socialisme eut pour conséquence

⁹⁶ “Todos os grandes partidos estão divididos e todos cometem erros. O proletariado tinha para isso a força das coisas. No final do século chegou a este ponto de bem-estar que permite melhorar. Camarada, é preciso que um partido seja forte o suficiente para fazer uma revolução por si mesmo” (FRANCE, 1905, p. 278).

⁹⁷ “A união dos povos, que parecia remota a uma distância fabulosa, estava próxima. As energias pacíficas se desenvolviam dia a dia; os coletivistas estavam pouco a pouco conquistando a sociedade. E chegou o dia em que os capitalistas derrotados lhes deram poder” (FRANCE, 1905, p. 282).

la réunion des peuples” (FRANCE, 1905, p. 283), com a proclamação dos Estados Unidos da Europa, anunciada por delegados das repúblicas europeias.⁹⁸ O socialismo se espalha por várias regiões, como Inglaterra, Oceania, Japão, China e Rússia, enquanto a África atingia agora a fase capitalismo e a América renunciava ao militarismo mercantil. Durante cinquenta anos, a Federação passou por um período de anarquia durante essa transição de regime, quase provocando sua ruína. Foi preciso a instalação de uma ditadura de um comitê para encabeçar sua organização e colocar fim à anarquia (FRANCE, 1905, p. 285). Embora houvessem controvérsias quanto aos membros que formavam o comitê, *Les Quatorze*, como eram chamados, estabeleceram uma organização que persiste em suas regras iniciais.

Agora os cidadãos viviam numa nova era, a “era da justiça”. Seus dois princípios elementares eram a supressão total da propriedade individual e o Estado unicamente como expressão da coletividade (FRANCE, 1905, p. 286). Como tudo pertence ao estado, e o estado são as pessoas, tudo pertence a todos. Trata-se aqui dos meios de produção, e não de seus produtos, como objetos pessoais por exemplo. Morin explica a Dufresne que, assim como na era antiga, as pessoas possuem bens de consumo pessoais, que adquiriram agora muito mais formas e ornamentos, aproximando-se de artigos de arte. Isso sugere que não há uma padronização estrito senso, nem uma inteira submissão do indivíduo na coletividade, permanecendo sua capacidade de imprimir uma marca pessoal ao seu redor.

Essa nova racionalidade pressupõe, em princípio, a perfectibilidade do homem, ideal do socialismo e de outras correntes revolucionárias, conforme nos mostra Norman Mackenzie:

Se as falhas do sistema social são atribuídas a falhas de natureza humana, há naturalmente pouca esperança em qualquer reforma útil ou durável. Se os defeitos, porém, se originam não do homem, mas das instituições pelas quais é governado, então o homem pode atingir a liberdade, modificando essas instituições. O socialista, portanto, deve ter uma visão otimista da capacidade humana para viver em fraternidade e para cooperar em proveito mútuo (MACKENZIE, 1966, p. 11).

Conforme veremos a seguir, essa perfectibilidade requerida para a construção de uma sociedade harmônica parece estar na base do conto utópico de Anatole France. Mas será que se trata de fato da opinião do escritor? O capítulo final de *Sur la pierre blanche* dará algumas indicações sobre isso, as quais tratarei adiante.

Outro elemento essencial desse novo regime coletivista é o regramento da produção e do trabalho entre todos. Há uma divisão do trabalho conforme as aptidões dos trabalhadores, eliminando o desemprego e trazendo um equilíbrio entre o que é produzido e consumido. Para

⁹⁸ “O triunfo do socialismo resultou na reunião dos povos” (FRANCE, 1905, p. 283).

isso, a sociedade se tornara composta apenas por trabalhadores, o que para Morin é uma característica da raça humana. Não há, portanto, uma separação do trabalho manual e intelectual, ambos dignos de orgulho, seja qual forem. Não há mais circulação monetária, já que a troca de produtos é a nova regra. O valor de cada mercadoria é mensurado sobre a duração da atividade para produzi-la. Assim como o trabalho se torna um elemento de alto valor e constitutivo dessa nova sociedade, também o estudo é considerado uma forma de trabalho, de produção e, portanto, incentivado: “l’étude, comme le travail, donne droit à l’existence. Ceux qui se vouent à de longues et difficiles recherches s’assurent par cela même une existence paisible et respectée” (FRANCE, 1905, p. 293).⁹⁹ Consequentemente, é criada uma nova ordem social, harmônica, e que responde aos anseios das pessoas que nela vivem. Esse ‘novo homem’ pode desenvolver seu espírito de forma plena, e seu futuro pretende ser ainda melhor, conforme o progresso avança pelas suas mãos. Como antes, ainda existem todos os tipos de pessoas, boas e más. A diferença se encontra no momento em que a todos, independentemente de suas qualidades ou origem, são dadas as mesmas oportunidades e condições de vida. Para Hippolyte parecia que dois dos princípios da própria Revolução Francesa haviam se concretizado, a fraternidade e a igualdade. Já a liberdade não havia acompanhado a nova sociedade, que parecia organizada rigidamente e em demasia. Contudo, Morin explica que nenhum dos princípios da Revolução de 1789 se aplica ou tem validade na sociedade coletivista:

- Camarade Hippolyte [...] Nous ne concevons pas facilement aujourd’hui que les anciens amis du peuple aient pu prendre pour devise: *Liberté, Égalité, Fraternité*. La liberté ne peut pas être dans la société, puisque’elle n’est pas dans la nature. Il n’y a pas d’animal libre. On disait autrefois d’un homme qu’il était libre quand il n’obéissait qu’aux lois. C’était puéril. On a fait d’ailleurs un si étrange usage du mot de liberté dans les derniers temps de l’anarchie capitaliste, que cet mot a fini par exprimer uniquement la revendication des privilèges. L’idée d’égalité est moins raisonnable encore, et elle est fâcheuse en ce qu’elle suppose un faux idéal. Nous n’avons pas à rechercher si les hommes sont égaux entre eux. Nous devons veiller à ce que chacun fournisse tout ce qu’il peut donner et reçoive tout ce dont il a besoin. Quant à la fraternité, nous savons trop comment les frères ont traité les frères pendant des siècles. Nous ne disons pas que les hommes sont mauvais. Nous ne disons pas qu’ils sont bons. Ils sont ce qu’ils sont. Mais ils vivent en paix quand ils n’ont plus de causes de se battre. Nous n’avons qu’un mot pour exprimer notre ordre social. Nous disons que nous sommes en harmonie. Et il est certain qu’aujourd’hui toutes les forces humaines agissent de concert (FRANCE, 1905, p. 296-298).¹⁰⁰

⁹⁹ “O estudo, como o trabalho, dá direito à existência. Aqueles que se dedicam a longas e difíceis pesquisas asseguram, por isso mesmo, uma existência pacífica e respeitada” (FRANCE, 1905, p. 293).

¹⁰⁰ “- Camarada *Hippolyte* [...] Nós não concebemos hoje facilmente que os velhos amigos do povo pudessem ter como lema: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. A liberdade não pode existir na sociedade, pois não existe na natureza. Não há animal livre. Dizíamos de um homem que ele era livre quando obedecia apenas às leis. Era pueril. Além disso, fizemos um uso muito estranho da palavra liberdade nos últimos tempos da anarquia capitalista, que essa palavra acabou expressando apenas a reivindicação de privilégios. A ideia de igualdade é menos razoável ainda, e é lamentável que ela assuma um falso ideal. Não precisamos investigar se os homens são iguais entre si. Precisamos garantir que cada um forneça o que possa dar e receba tudo de que precisa. Quanto

Assim como não há mais a ideia de propriedade privada visando o enriquecimento pessoal, também não há mais heranças, e o próprio conceito de família e casamento sofreu profundas mudanças. Não há mais uma formalização das relações pessoais, o que acaba levando, paradoxalmente, a relações mais duradouras. Uma pessoa pertence apenas a ela mesma, e não há vergonha ou hipocrisia em seguir os seus desejos, pois não há mais questões tabus. Morin justifica que isso se deve à subordinação da sociedade à natureza, e não ao contrário, como se dava antes (FRANCE, 1905, p. 300). À coletividade não interessa o sexo de uma pessoa, pois é uma questão de foro pessoal. Chéron, uma amiga que também se encontrava junto do grupo, observa que futuramente talvez a própria distinção entre os gêneros desapareça, dando lugar a um gênero neutro de trabalhadores. Esse “gênero neutro” assemelha-se, contudo, aos parâmetros do sexo masculino, uma vez que são as mulheres que passam a se parecer com os homens na forma de vestir, falar, pensar e trabalhar.

A educação também é outra particularidade da nova sociedade. Há um grande desenvolvimento do ensino no que diz respeito às ciências especulativas e as artes liberais. Há também uma liberdade de escolha sobre o que aprender, de acordo com os interesses pessoais de cada indivíduo. Além disso, a tecnologia está a favor da educação e da cultura, promovendo cada vez mais publicações e circulação de livros. Quanto às artes, destacam-se a poesia, o teatro lírico, a música sinfônica e a escultura. A cultura e as artes refletem o novo conceito de felicidade, diferente daquele que conhecemos: não existe na natureza uma felicidade plena. A vida se tornou, de toda forma, suportável. O futuro promete ser cada vez melhor, pois as novas gerações aprimorarão as condições de vida ao longo do progresso da civilização, que caminhará cada vez mais de forma harmônica e pacífica (FRANCE, 1905, p. 306).

A única verdadeira ameaça que Morin considera importante são os anarquistas, que desejam a supressão da ideia de estado e da própria civilização. Não há, contudo, nenhum tipo de repressão contra qualquer grupo que seja contra a ordem das coisas na nova sociedade. Anatole France apresenta uma Federação praticamente sem contradições e sem necessidade de contestação, pois que o homem se tornou respeitável, enfim. Ainda existem as antigas religiões, como o positivismo, o cristianismo e o espiritismo (FRANCE, 1905, p. 310), além de novas crenças que surgem. Com relação aos antigos, consideram-se superiores a eles, pois não vivem

à fraternidade, sabemos muito bem como os irmãos tratavam os irmãos durante séculos. Não dizemos que os homens são maus. Não dizemos que eles são bons. Eles são o que são. E vivem em paz quando não têm mais motivos para lutar. Temos apenas uma palavra para expressar nossa ordem social. Nós dizemos que estamos em harmonia. E é certo que hoje todas as forças humanas agem em concerto” (FRANCE, 1905, p. 296-298).

na hipocrisia, seguem seus instintos, mais fortes que a razão e característicos do humano: “le génie de l’espèce est ce qu’il fut et ce qu’il sera toujours, violent et capricieux. Aujourd’hui comme autrefois l’instinct est plus fort que la raison. Notre supériorité sur les anciens est moins de le savoir que de le dire” (FRANCE, 1905, p. 313).¹⁰¹

Embora *Sur la pierre blanche* apresente até aqui uma antecipação muito sedutora, não lhe foi possível avançar em outros pontos, como veremos a seguir, pois que baseada em um forte eurocentrismo e na exclusão das nações não-europeias à sociedade coletivista construída no conto utópico de Anatole France.

3.4 A negação do tempo do outro

Em artigo publicado em 2015, Julia McClure aborda o conceito de coetaneidade, importante para entender a nova política para o medievo, mas que também é interessante para avançar em nosso estudo, na medida em que pode ser aplicado a outras temporalidades. Para o caso da Idade Média, haveriam concepções que negam a coetaneidade (ou contemporaneidade) a povos não-europeus, a partir do paradigma conhecido como “*the denial of coevalness*”:

[...] the ‘denial of coevalness’ was a way to structure colonial power. For example, a ‘remote society’ might be described as primitive, signifying that that society is not only geographically remote from Europe but also remote from ‘modernity’ as it has been defined in the Western historical tradition (McCLURE, 2015, p. 611-612).¹⁰²

Desta forma, haveria a negação de uma contemporaneidade entre os povos, em que os fenômenos não-europeus estariam classificados como anacrônicos. Além disso, a periodização utilizada para classificá-los seria eurocêntrica, desconsiderando outras perspectivas espaço-temporais não europeias e impondo um enquadramento temporal e uma política do tempo que deixa os povos não-europeus de fora da chamada ‘modernidade’.

Podemos perceber esses aspectos representados a partir da formação da Federação Europeia um tanto fechada em si mesma, já que é a “federação dos povos da Europa”, não

¹⁰¹ “O gênio da espécie é o que ele foi e sempre será, violento e caprichoso. Hoje, como antigamente, o instinto é mais forte que a razão. Nossa superioridade sobre os antigos é menos saber do que dizê-lo” (FRANCE, 1905, p. 313).

¹⁰² “A ‘negação da coetaneidade’ era um modo de estruturar o poder colonial. Por exemplo, uma ‘remota sociedade’ pode ser descrita como primitiva, significando que essa sociedade não é apenas geograficamente distante da Europa, mas também distante da ‘modernidade’, como foi definida na tradição histórica ocidental” (McCLURE, 2015, p. 611-612).

envolvendo nações de outros continentes.¹⁰³ Com a instauração da Federação, são cessadas as guerras, e posto fim às políticas coloniais. Contudo, a chamada “África negra” não participaria da nova era, pois estaria entrando na fase capitalista, formando uma confederação pouco homogênea (FRANCE, 1905, p. 284), assim como a “União Americana” e grande parte da Ásia. Esse contexto mundial seria, portanto, favorável ao desenvolvimento dos “Estados-Unidos da Europa”, em uma política fechada àqueles que não atingiram esse estágio pós-capitalista. Portanto, percebemos que o futuro harmônico ainda não estava reservado aos povos não-europeus, considerados uma ameaça à própria Federação. Citaremos uma passagem bastante representativa da noção de negação da coetaneidade trabalhada acima, em que Dufresne questiona Morin sobre a ameaça dos povos “de fora”, os “bárbaros”:

- Ne craignez-vous pas, au contraire, lui demandai-je, que cette civilisation dont vous semblez satisfait, ne soit détruite par une invasion de barbares? Il reste encore, m'avez-vous dit, en Asie et en Afrique, de grands peuples noirs ou jaunes, qui ne sont pas entrés dans votre concert. Ils ont des armées et vous n'en avez pas. S'ils vous attaquaient...

- Notre défense est assurée. Seuls les Américains et les Australiens pourraient lutter contre nous, parce qu'ils sont aussi savants que nous. Mais l'océan nous sépare et la communauté des intérêts nous assure leur amitié. Quant aux nègres capitalistes, ils en sont encore aux canons d'acier, aux armes à feu et à toute la vieille ferraille du XXe siècle. Que pourraient ces antiques engins contre une décharge de rayons Y? Nos frontières sont défendues par l'électricité. Il règne autour de la fédération une zone de foudre. Un petit homme à lunettes est assis je ne sais où, devant un clavier. C'est notre unique soldat. Il n'a qu'à mettre le doigt sur une touche pour pulvériser une armée de cinq cent mille hommes.

Morin hésita un moment. Puis il reprit d'une voix plus lente:

- Si notre civilisation était menacée, ce ne serait pas par ses ennemis du dehors. Ce serait par ses ennemis du dedans (FRANCE, 1905, p. 306-308).¹⁰⁴

Como vemos, France nos mostra que não seria possível à Europa avançar em uma perspectiva mais global, que reserva apenas aos europeus a partilha dos novos tempos, dos tempos da sociedade socialista. Talvez pensasse que os outros povos um dia alcançariam o

¹⁰³ Gregory Ludlow ao analisar a visão de France sobre uma federação europeia por meio do romance, ressalta que o recorte temporal dado pelo autor é inspirado pelos eventos social, político, econômico e morais do final do século XIX e início do XX na França e na Europa (LUDLOW, 1993, p. 619).

¹⁰⁴ “- Você não teme, pelo contrário, perguntei a ele, que essa civilização, da qual você parece satisfeito, não será destruída por uma invasão de bárbaros? Ainda há, você me disse, na Ásia e na África, grandes povos negros ou amarelos, que não entraram em seu concerto. Eles têm exércitos e você não tem nenhum. Se eles o atacassem... - Nossa defesa está garantida. Somente os Americanos e Australianos poderiam lutar contra nós, porque são tão instruídos quanto nós. Mas o oceano nos separa e a comunidade de interesses nos assegura sua amizade. Quanto aos negros capitalistas, eles ainda usam canhões de aço, armas de fogo e toda a velha sucata do século XX. O que essas máquinas antigas poderiam fazer contra uma descarga de raios Y? Nossas fronteiras são defendidas pela eletricidade. Há uma zona de raio ao redor da federação. Um homenzinho de óculos fica sentado não sei onde, na frente de um teclado. Ele é nosso único soldado. Ele só tem que apertar uma tecla para pulverizar um exército de quinhentos mil homens.

Morin hesitou por um momento. Então continuou com uma voz mais lenta:

- Se nossa civilização estivesse ameaçada, não seria por seus inimigos externos. Seria por seus inimigos de dentro” (FRANCE, 1905, p. 306-308).

estágio que representou em seu romance. Mas não lhe foi possível representa-lo, ou talvez não o quisesse. O fracasso da utopia passa não somente por esse aspecto, mas também pela possibilidade (ou não) de construção dessa sociedade ideal, como veremos agora.

3.5 A utopia fracassada

O sexto e último capítulo parece esclarecer os pontos obscuros e as limitações da utopia ao desvelar uma contundente posição que pode ser atribuída ao próprio Anatole France. Apesar da leitura do conto otimista de Dufresne, o grupo de amigos apresenta expectativas pessimistas sobre o futuro. Embora acreditem que o socialismo tem condições de triunfar e se tornar o sistema hegemônico futuramente, não creem que por isso as sociedades serão melhores. O coletivismo, caso aconteça, será de forma diferente daquilo que se imagina. A questão que se coloca é: o homem enquanto espécie não é capaz de muitas mudanças, e o futuro talvez seja muito diferente daquilo que se imagina, como aponta Jean Boilly no diálogo final:

Une race future, sortie, peut-être de la nôtre, n'ayant, peut-être, avec nous aucun lien d'origine, nous succédera dans l'empire de la planète. Ceux nouveaux génies de la terre nous ignoreront ou nous mépriseront. Les monuments de nos arts, s'ils en découvrent des vestiges, n'auront point de sens pour eux. Dominateurs futurs, dont nous ne pouvons pas plus deviner l'esprit, que le palaeopithèque des monts Siwalik n'a pu pressentir la pensée d'Aristote, de Newton et de Poincaré (FRANCE, 1905, p. 319-320).¹⁰⁵

Para Edmund Wilson, “em France, os abismos da dúvida e do desespero estão sempre a esperá-lo sob as cordas bambas e trapézios da inteligência altamente desenvolvida, e suas acrobacias tornam-se cada vez mais arriscadas” (WILSON, 1987, p. 67). Anatole France, não crê no homem e não acredita que esta raça humana que habita a Terra possa colocar em prática o socialismo sonhado e narrado em seu romance. Sua utopia termina, pois, fracassada. O homem está impossibilitado de realizá-la por sua própria condição de humano. A perfectibilidade desejada, não se concretiza. Deste modo, o seu romance tece justamente uma crítica ao regime de historicidade de que ele mesmo fazia parte, o regime moderno, apontando um futuro que dificilmente vai romper de forma positiva com seu presente e o passado. Ou seja, aquele “fervor da esperança voltada ao futuro, de onde provém sua luz”, do qual fala Hartog, é

¹⁰⁵ “Uma futura raça, talvez a partir da nossa, tendo talvez nenhuma ligação de origem conosco, nos sucederá no império do planeta. Esses novos gênios da terra nos ignorarão ou nos desprezarão. Os monumentos de nossas artes, se descobrirem os vestígios, não terão significado para eles. Futuros dominadores, os quais não podemos adivinhar o espírito, mais do que o paleopithecus dos montes Siwalik não poderia prever o pensamento de Aristóteles, de Newton e de Poincaré” (FRANCE, 1905, p. 319-320).

questionado aqui por uma narrativa que tenciona campo de experiência e horizonte de expectativa no início do século XX, antes mesmo das guerras mundiais e da experiência prática do socialismo soviético.

É preciso salientar que o estudo dos romances de Anatole France não se baseia em uma verificação daquilo que, a grosso modo, se passou historicamente e uma suposta representação fictícia na obra. Ou, no caso do futuro, o quão acertadas estavam as colocações do autor ao escrever sua utopia que, em meu entender, sequer se propõe a prever ou antecipar o futuro. Interessa ver o futuro imaginado pelo escritor, as condições que via de possibilidade para suas expectativas, e a forma como utilizara essas mesmas expectativas com relação ao futuro e a reinscrição que faz do passado para criticar o seu presente e, quiçá, transformá-lo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Alors rien?

M. France. - Théoriquement, oui, rien. Résignons-nous, nous ne saurons pas, nous ne comprendrons pas, nous ne changerons pas. Mais pratiquement, il nous reste le jeu varié des apparences, le mouvement gracieux des corps, les illusions agréables de la pensée. Cela suffit à remplir nos existences éphémères jusqu'au jour où nous fermerons nos yeux à la lumière. Après, je crois bien qu'il n'y a rien (LE GOFF, 1924, p. 257).¹⁰⁶

A primeira vez que li um romance escrito por Anatole France foi durante as férias de verão entre 2013-2014. Em breve iniciaria o último semestre da graduação e era preciso decidir o que iria pesquisar no projeto de trabalho de conclusão de curso. Muitos temas passavam pela minha cabeça, sem decidir por nenhum. Resolvi aproveitar um pouco as férias e ler qualquer coisa não relacionada diretamente à história, pois faz bem um pouco de distanciamento de vez em quando. Resolvi pegar um livro da coleção “Os grandes romances históricos” da Otto Pierre Editores, com aquela bonita capa dura vermelha e letras douradas. Na época não me importava não a qualidade daquelas traduções. Na folha de rosto estava estampado o desenho de uma guilhotina. Acima o título “Os deuses têm sede”. Ao final da leitura já estava decidido que esse seria o tema do projeto de pesquisa. Mas por quê pesquisar sobre um romance de um escritor tão pouco lido e lembrado no Brasil? O que havia naquela obra de tão impressionante? A resposta que dei ao meu orientador quando me fez a pergunta do ‘por que Os deuses têm sede’ foi: porque ele está pleno de história. História com H maiúsculo e h minúsculo, pensei.

A partir daí, agora como estudante de História, e não mais como leitora em férias, fui em busca do original em francês na sua primeira edição, de biografias, textos de críticos e toda a sorte de bibliografia que pude encontrar sobre o romance, sobre a Revolução Francesa, sobre as relações entre história e literatura, sobre ficção. Tudo isso no pouco tempo que temos para escrever um TCC. Ao final apresentei um trabalho que considerei interessante, ao menos àqueles interessados em conhecer a representação do passado do período do Terror nessa obra, rediscutido no contexto da Terceira República francesa, e que trazia a figuração de trajetórias

¹⁰⁶ “- Então nada?

Sr. France. - Teoricamente, sim, nada. Resignemo-nos, não sabemos, não vamos entender, não vamos mudar. Mas praticamente, nos resta o jogo variado das aparências, o movimento gracioso dos corpos, as ilusões agradáveis do pensamento. Isso é suficiente para preencher nossas vidas efêmeras até fecharmos os olhos para a luz. Depois disso, acho que não há nada” (LE GOFF, 1924, p. 257).

aceleradas que faziam parte de um fenômeno maior encarnado pela Revolução Francesa, a modernidade burguesa.

Finalizada essa etapa, segui lendo outros romances de Anatole France. Neles descobri ainda mais questões pertinentes à história, havia um verdadeiro excesso delas. E uma vez mais decidi seguir investigando as obras desse escritor, agora no mestrado. Nesses quase dois anos de curso e de pesquisa, cujo resultado necessariamente incompleto apresentei nessa dissertação, pude aprofundar meus estudos não somente sobre *Sur la pierre blanche*, *L'île des pingouins* e *Les dieux ont soif*, mas sobre a teoria da história e a história da historiografia, a literatura, a ficção, a temporalidade e a utopia. Uma das indagações que foi levantada ao longo do desenvolvimento do trabalho foi a respeito da diversidade de comportamentos possíveis em relação ao futuro. Ou seja, quais as expectativas os contemporâneos a uma época que ficou conhecida como *o século da história* ou *o longo século XIX* que parece ter terminado apenas em 1914, puderam alimentar em relação ao porvir? À literatura foi reservado o espaço para as incertezas desse futuro e mesmo uma fragilidade da confiança em projetos políticos, mesmo progressistas. No caso dos romances de Anatole France foi possível uma leitura a partir da noção de utopia, com um viés não otimista. Como vimos, as dúvidas do escritor com relação ao futuro partem de sua concepção de ser humano: em sua capacidade (ou falta de) promover efetivas mudanças na sociedade, já que o autor demonstra em várias de suas obras sua descrença na bondade da natureza humana, diferentemente de seus amigos socialistas, como Jean Jaurès (BANCQUART, 1984, p. 255). Apesar do desenvolvimento e progresso material das civilizações promovido ao longo dos séculos, o homem não consegue transpor seu estado natural de barbárie. Por esse motivo chamei sua utopia de negativa, pois “a utopia negativa exige somente um radicalismo na observação da situação presente” (SZACKI, 1972, p. 122), constrói um futuro possível, mas que, em razão da condição humana, não se concretizará. Nesse sentido, as utopias possuem um significado histórico:

[...] elas são sobretudo tentativas intelectuais de controle sobre situações de crise, tentativas de superação de divisões penosas experimentadas por indivíduos quando a situação social lhes parece absurda, tentativas de reconstrução da comunidade humana que no momento somente é possível no sonho (SZACKI, 1972, p. 129).

Jerzy Szacki, historiador e filósofo polonês, escreveu em seu livro *Utopie* (1968) que “o significado histórico das utopias depende da medida em que são capazes de contribuir para que a consciência social se convença do caráter problemático da ordem existente e da necessidade de realização de escolha entre ela e alguma outra” (SZACKI, 1972, p. 130). Creio que as obras

de France de alguma forma exercem esse papel, embora suas conclusões sejam pessimistas, pois as utopias, mesmo as pessimistas ou distópicas, “tenían la intención de estimular la reflexión crítica sobre el presente que conduciría al cambio” (BURKE, 2009, p. 16) por meio da ideia de um futuro maleável.¹⁰⁷ Ao mesmo tempo, podem fazer parte de uma história da esperança (BURKE 2009; 2012), ou melhor, de uma variedade de esperança, a “paradoxal esperança de viver sem esperança, ou, mais precisamente, de viver sem falsas esperanças, sem ilusões” (BURKE, 2012, p. 215).

Alguns críticos, como Ernest Seillière, identificam algumas fases na vida e obra de Anatole France. Seillière as divide em dois grandes blocos: juventude e vida adulta marcadas por um “non-conformisme affirmé” e uma “vieillesse perplexe”. As obras trabalhadas aqui se inseririam justamente nesse segundo bloco, e nele em fases distintas. De um otimismo imprudente (*Sur la pierre blanche*), teríamos um retorno discreto ao pessimismo (*L’île des pingouins*) e, por fim, uma condenação explícita do socialismo romântico e uma filosofia da história revolucionária (*Les dieux ont soif*) (SEILLIÈRE, 1934, p. 252). Talvez possamos delimitar em alguma medida nessas fases os momentos de sua participação na arena política a partir do Caso Dreyfus, ao lado de Zola e Jaurès. Foi, de fato, a atuação de um militante socialista. Como vimos, sua ligação com o movimento ocorreu a partir de seu envolvimento no Caso Dreyfus e sua aproximação com Jean Jaurès. Fez parte da Liga dos Direitos do Homem (fundada na França em 1898) a partir de 1901, participou da campanha eleitoral de 1902 e se filiou ao partido socialista. Durante vários anos promoveu discursos em organizações políticas e em instituições trabalhistas e estudantis (BANCQUART, 1984). Esse período parece ter sido fundamental para que France colocasse o futuro como uma dimensão fundamental de seus romances seguintes. Foi possível a ele imaginar outros futuros possíveis a partir da mobilização que faz do passado francês, ainda dentro do próprio regime moderno de historicidade. O que não o impediu, ao contrário, de levar adiante uma crítica à ideia de progresso inevitável da história da humanidade.

Essa ideia de progresso, tanto das sociedades quando do próprio conhecimento, foi uma das tônicas do século XIX, no qual se viu um movimento para historicizar o conhecimento enfatizando seu desenvolvimento ou evolução, e interpretando-o como “progresso”. “Não só o mundo humano, mas também o mundo da natureza agora era apresentado como sujeito à mudança sistemática” (BURKE, 2016, p. 15). Essa concepção está associada a uma visão teleológica da história, a qual os autores de utopias não conseguiram escapar (RIOT-SARCEY,

¹⁰⁷ “Teriam a intenção de estimular a reflexão crítica sobre o presente que conduziria à mudança” (BURKE, 2009, p. 16).

2006, p. X). Apesar disso, historiadores e, sobretudo escritores negociaram com o regime moderno de historicidade, apontando as falhas e discordâncias de temporalidade (HARTOG, 2016, p. 170).

O questionamento e a conclusão de Szacki são ainda atuais quanto ao problema da utopia como conhecimento, pois “é um tipo particular de conhecimento social” que “teve um papel importante na formação da atitude científica, estimulando o criticismo das autoridades tradicionais e ampliando os limites da imaginação” (SZACKI, 1972, p. 132). Creio que uma das maiores contribuições das utopias são de crítica à dimensão de futuro enquanto progresso, como o fez Anatole France, sendo capazes de estimular o pensamento científico e social a refletir os problemas contemporâneos.

Procurei apresentar neste trabalho como a literatura mobiliza uma experiência de passado (entendendo o passado enquanto uma construção humana para entender o tempo) e a transforma em conhecimento a partir da literatura. A literatura, predominantemente o romance moderno, e a historiografia, são modalidades de escrita da história, de discursos sobre a história e aquilo que entendemos por passado. Nenhum discurso monopoliza a narrativa da experiência histórica, e a leitura dessas diferentes modalidades de escrita não é a mesma.

Gostaria ainda de apontar alguns horizontes para a pesquisa que me parecem mobilizadores. A estética da recepção teria um papel importante no estudo da ficção enquanto objeto historiográfico:

O fato de a ficção mostrar-se como horizonte do mundo significa, antes de tudo, que ela estabelece uma divisória, a partir da qual dois campos são visualizados. A ficção não é um reflexo do mundo, nem a representação de um outro bem diverso. Ao contrário, ela descreve, numa configuração sempre nova, a tensa mediação entre os dois campos, à medida que os reúne em uma figura de relevância. É nesta fronteira que se articulam as figuras de experiência possível, a saber, na distância insuperável de uma horizontalidade estética, que, ao mesmo tempo, se define pela intimidade de uma concepção prévia do mundo e pela estranheza do outro, oposto àquele (STIERLE, 1975. *In*: COSTA LIMA, 1979, p. 177).

Outros caminhos para a investigação também se apresentam, em especial a leitura comparativa dos escritos não ficcionais de France, como seus discursos e artigos em periódicos, e suas obras ficcionais, perseguindo “o universo conceitual da marcha utópica” circunscrito no contexto contemporâneo de crítica e crise e pensando utopicamente a criação literária e a temporalização da utopia (RODRIGUES, 2015, p. 25). Para isso é importante aprofundar a ideia de temporalização da utopia e do próprio tempo, que se apresenta ativo, agente, e a medida da força da História, nas palavras de François Hartog (HARTOG, 2010, p. 12). É preciso lembrar

que “ces récits sont lancés par des crises du temps et sont des réponses à ces crises. Ils sont des façons de faire avec le temps et de faire du temps” (HARTOG, 2010, p. 29).¹⁰⁸

A arte narrativa de Anatole France serviria, afinal, se não para alertar a sociedade das ameaças que a cercam em um futuro não tão distante, ao menos para entreter o leitor pois, como dizia Marc Bloch quando indagado sobre a utilidade da história, “decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém” (BLOCH, 2001, p. 43). Todavia, sua utilidade será sobretudo “como germe e como estímulo”, tal qual a história.

¹⁰⁸ “Essas histórias são iniciadas por crises do tempo e são respostas a essas crises. São maneiras de fazer as coisas ao longo do tempo e do tempo” (HARTOG, 2010, p. 29).

FONTES

FRANCE, Anatole. **Sur la pierre blanche**. Paris: Calmann-Lévy, 1905. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k101910k>. Acesso em 28 abr. 2018.

FRANCE, Anatole. **L'île des pingouins**. Paris: Calmann-Lévy, 1909. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k66343r>. Acesso em 28 abr. 2018.

FRANCE, Anatole. **Les dieux ont soif**. Paris: Calmann-Lévy, 1912. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8600277s>. Acesso em 28 abr. 2018.

REFERÊNCIAS

- ABENSOUR, Miguel. **O novo espírito utópico**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- ALMEIDA, Milene Suzano. **Humanismo satírico em Lima Barreto e Anatole France**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AISSAOUI, Mohammed. Anatole France, la polémique du bac de français, **Le Figaro**, Paris, 17 jun. 2016. Disponível em: <http://etudiant.lefigaro.fr/bac/bac-actu/detail/article/anatole-france-la-polemique-du-bac-de-francais-20873/>. Acesso em: 17 mar. 2018.
- ANATOLE France, l'écrivain le plus insulté de France. **Marianne**, 06 ago. 2016. Disponível em: <https://www.marianne.net/culture/anatole-france-lecrivain-le-plus-insulte-de-france>. Acesso em: 23 nov. 2018.
- AUERBACH, Eric. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- AXELRAD, Jacob. **Anatole France: uma vida sem ilusões**. São Paulo: Assunção. 1946.
- BANCQUART, Marie-Claire. **Anatole France: Un sceptique passionné**. Paris: Calmann-Lévy, 1984.
- BANCQUART, Marie-Claire. Préface. In: FRANCE, Anatole. **Les dieux ont soif**. Paris: Gallimard, 1989, p. 7-37.
- BANCQUART, Marie-Claire. **Anatole France**. Paris: Julliard, 1994.
- BÉDARIDA, François. Histoire et mémoire chez Péguy. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, n. 73, p. 101-110, 2002.
- BENTIVOGLIO, Julio. **História & distopia**. Serra: Milfontes, 2017.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRULEY, Pauline. Les impostures de l'histoire dans L'Île des Pingouins d'Anatole France In: BRULEY, Pauline. **L'imposture dans la littérature: Cahier XXXIV**. Angers: Presses universitaires de Rennes, 2011. Disponível em: <http://books.openedition.org/pur/12165>. Acesso em: 03 mai. 2018.
- BURKE, Peter. La historia del futuro, 1500-2000. **Historia y Sociedad**, Medellín, n. 16, p. 11-22, ene./jun. 2009.
- BURKE, Peter. A esperança tem história? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 207-218, 2012.
- BURKE, Peter. **O que é história do conhecimento?** São Paulo: Editora Unesp, 2016.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. vol. 6.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. **História Unisinos**, São Leopoldo - RS, v. 08, n.10, p. 11-34, 2004.

CORTINA, Álvaro. “Anatole France, olvidado”. **El Mundo**, 26 out. 2010. Disponível em: <https://www.elmundo.es/elmundo/2010/10/26/cultura/1288100304.html>. Acesso em 23 nov. 2018.

COSTA LIMA, Luiz. (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COSTA LIMA, Luiz. **Mímesis: desafio ao pensamento**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CUÉNOT, Alain. Clarté (1919-1928): du refus de la guerre à la révolution. **Cahiers d’histoire. Revue d’histoire critique**, n. 123, p. 115-136, 2014.

DASPRE, André. “Vers les temps meilleurs” d’après Émile Zola, Anatole France et Jean Jaurès. **Cahiers Jaurès**, Paris, n. 185, p. 91-105, 2007.

DÍAZ, David. La muerte de un escritor egregio: Anatole France. **La Revista Blanca**, Barcelona, n. 36, p. 25-26, nov. 1924.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. (Org). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Porto alegre: Editora FGV, EDIPUCRS, 2010. p. 15-31.

DROZ, Jacques. **Historia del socialismo**. Barcelona: Edima, 1992.

DURANT, Will. **Anatole France: O homem e sua obra**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964.

FALCON, Francisco. “Historicismo”: a atualidade de uma questão aparentemente inatual. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 5-26, 1997.

FOUCAUD, Boris. Anatole France, écrivain de l’utopie. **PluMe d’EscaMpette**, Paris, 19 mai. 2014. Disponível em: <http://www.plume-escampette.com/anatole-france-ecrivain-de-lutopie/>. Acesso em 26 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969). In: **Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 1-21.

FRAGA, Denise. **Um parágrafo de história na literatura francesa: a representação do Caso Dreyfus em *L'Île des pingouins*, de Anatole France.** Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

FRANCE, Anatole. Les torts de l'histoire. *In: La vie littéraire*. 2e sér. Paris: Calmann-Lévy, 1888. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k202660v>. Acesso em 28 abr. 2018.

FRANCE, Anatole. Prefácio. *In: LONDON, Jack. O Tação de ferro*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 9-11.

FRANCE, Anatole. **O crime de Sylvestre Bonnard**. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

FRANCE, Anatole. **Os deuses têm sede**. São Paulo: Boitempo, 2007b.

FURET, François; OZOUF, Mona. **Dicionário Crítico da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GERBOD, Françoise. Péguy, philosophe de l'histoire. **Mil neuf cent. Revue d'histoire intellectuelle**, n. 20, p. 9-34, 2002.

GOLUB, Daria. Qui est donc Anatole France, l'auteur polémique du bac français 2016? **Culture Box**, 17 jun. 2016. Disponível em: <https://culturebox.francetvinfo.fr/livres/evenements/qui-est-donc-anatole-france-l-auteur-polemique-du-bac-francais-2016-241481>. Acesso em 23 nov. 2018.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Apresentação. *In: HARTOG, François. O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro, 2003, p. 9-16.

HARTOG, François. Un genre nouveau ou un document d'un nouveau genre? **Le Débat**, n. 49, p. 127-129, 1988. Disponível em: https://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=DEBA_049_0127. Acesso em: 03 nov. 2018.

HARTOG, François. O tempo desorientado: tempo história “Como escrever a história da França?”. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 7, p. 7-28, jul. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6183>. Acesso em 03 nov. 2018.

HARTOG, François. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História**, São Paulo, n. 148, p. 9-34, 2003a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18952>. Acesso em 03 nov. 2018.

HARTOG, François. **O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003b.

HARTOG, François. Tempos do mundo, história, escrita da história. *In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 15-25.

HARTOG, François. La temporalisation du temps: une longue marche. *In*: ANDRÉ, Jacques; DREYFUS-ASSÉO, Sylvie; HARTOG, François. (org.). **Les récits du temps**. Paris: Presses Universitaires de France, 2010, p. 9-29.

HARTOG, François. Situações postas à História. **Revista de História**, São Paulo, n. 166, p. 17-33, jan./jun. 2012.

HARTOG, François. Ce que la littérature fait de l'histoire et à l'histoire. **Fabula**, 2013. Disponível em: <http://test.fabula.org/colloques/document2088.php>. Acesso em: 19 fev. 2018.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HARTOG, François. Vers une nouvelle condition historique. **Le Débat**, n. 188, p. 169-180, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-debat-2016-1-p-169.htm>. Acesso em: 03 nov. 2018.

HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

KETTANI, Assia. **De l'Histoire à la fiction**: les écrivains français et l'affaire Dreyfus. Thèse de doctorat (Langue, littérature et civilisation françaises) – Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, Paris, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Aceleración, prognosis y secularización**. Valencia: Pre-Textos, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LAS HERAS, Ignacio Iñarrea. La Révolte des Anges de Anatole France: sentido de la historia y sentido de la vida. **Cuadernos de Investigación Filológica**, La Rioja, España, v. 23-24, p. 115-138, 1997.

LE GOFF, Marcel. **Anatole France à La Béchellerie** - Propos et souvenirs, 1914-1924. Paris: Éditions Léo Delteil, 1924.

LE MONDE. Bac français 2016: les sujets de S et ES portent sur Anatole France et la célébration de l'être humain, **Le Monde**, 17 jun. 2016. Disponível em: http://www.lemonde.fr/campus/article/2016/06/17/bac-francais-2016-les-sujets-de-s-et-es-portent-sur-anatole-france-et-la-celebration-de-l-etre-humain_4952481_4401467.html. Acesso em: 17 mar. 2018.

LORIGA, Sabina. Memória, história e literatura. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 19-30, jul.-dez. 2017.

LUDLOW, Gregory. Sur la pierre blanche: Anatole France's vision of a european federation. **History of European Ideas**, v. 16, n. 4-6, 1993, p. 619-625.

MACKENZIE, Norman. **Breve história do socialismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Do sonho às coisas**: retratos subversivos. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: ARAÚJO, Valdeci Lopes de; VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; MATA, Sérgio Ricardo da. (org.). **A dinâmica do historicismo**: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p. 15-48.

MARTINS, Estevão de Rezende. (org.). **A história pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

McCLURE, Julia. A New Politics of the Middle Ages: A Global Middle Ages for a Global Modernity. **History Compass**, v. 13, n. 11, 2015, p. 610-619.

MEDINA, João. Estética e terror: o romance “Os deuses têm sede” de Anatole France. In: COLÓQUIO LITERATURA E HISTÓRIA: PARA UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR, 1., 2005, Lisboa. **Actas**. Lisboa: Universidade Aberta, 2005. p. 27-42.

MENESES, Adélia Bezerra de. O Sonho e a Literatura: Mundo Grego. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 2, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000200012#titulo. Acesso em 05 ago. 2018.

MORAGA VALLE, Fabio. El resplandor en el abismo: el movimiento *Clarté* y el pacifismo en América Latina (1918-1941). **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, v. 42, n. 2, p. 1-18, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre história**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2005.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POUQUET, Jeanne Maurice. **Le salon de madame Arman de Caillavet**: ses amis, Anatole France, comdt. Rivière, Jules Lemaître, Pierre Loti, Marcel Proust, etc., etc. Paris: Hachette, 1926.

PRÉVOST, André. A utopia: o gênero literário. **Morus**: Utopia e Renascimento, n. 10, p. 437-447, 2015.

PROST, Antoine. Charles Seignobos revisité. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 43, p. 100-118, jul.-set. 1994.

RACINE-FURLAUD, Nicole. Une revue d'intellectuels communistes dans les années vingt: “Clarté” (1921-1928). **Revue française de science politique**, Paris, n. 3, p. 484-519, 1967.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fonte, 2010a. vol. 1.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. A configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fonte, 2010b. vol. 2.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. O tempo narrado. São Paulo: Martins Fonte, 2010c. vol. 3.

RIOT-SARCEY, Michèle. (org.). **Dictionnaire des utopies**. Paris: Larousse, 2006.

RODRIGUES, Henrique Estrada. A utopia contra a civilização. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 6, p. 147-157, abr. 2009.

RODRIGUES, Henrique Estrada. **A utopia no tempo, o tempo na utopia**. Texto apresentado ao Fórum De Teoria e História da Historiografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

SEILLIÈRE, Ernest. **Anatole France, critique de son temps**. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Critique, 1934.

SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Bauru: EDUSC, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. (org.). **Dictionnaire historique de la vie politique française au XXe siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (org.). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995, p. 132-143.

SUFFEL, Jacques. **Anatole France par lui-même**. Paris: Éd. du Seuil, 1954.

SZACKI, Jerzy. **As utopias ou a felicidade imaginada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TENDRON, Edith. **Anatole France inconnu**. Liège: Editions du CÉFAL, 1995.

TEIXEIRA, Alanna de Jesus. **A representação do passado na obra Les dieux ont soif, de Anatole France**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

TREVELYAN, George M. **Clio: a muse, and other essays literary and pedestrian**. London: Longmans, Green and Co., 1913, p. 1-55.

VIANA, Nildo. A Revolução Russa de 1905 e os Conselhos Operários. **Em Debate**, Florianópolis, n. 4, p. 42-58, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2010n4p42>. Acesso em 11 nov. 2018.

WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WILSON, Edmund. Declínio da tradição revolucionária: Anatole France. *In: Rumo à estação Finlândia: escritores e atores da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 59-70.

Bibliografia consultada

ALMEIDA, Milene Suzano. Anatole France no divã. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 6, p. 84-89, 2011.

BEARD, Charles. That noble dream. **The American Historical Review**, v. 41, n. 1, out., p. 74-87, 1935.

BANCQUART, Marie-Claire. Anatole France et Paris. **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, n. 42, p. 77-91, 1990.

BARONI, Raphaël, Ce que l'intrigue ajoute au temps. Une relecture critique de Temps et récit de Paul Ricœur. **Poétique**, n. 163, p. 361-382, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-poetique-2010-3-page-361.htm>. Acesso em 03 nov. 2018.

BENTIVOGLIO, Julio. **Distopia, Literatura & História**. Serra: Milfontes, 2018.

BRAUDEL, Fernand. Anatole France e a História. **Revista de História**, São Paulo, n. 146, p. 35-45, 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, jan./dez. 2000.

CEZAR, Temístocles. As formas do presente. Ensaio sobre o tempo e a escrita da história. *In: MATA, Sérgio Campos; JOÃO, Maria Isabel. (org.). Historiografia e res publica nos dois últimos séculos*. Historiographica. Lisbon Historical Studies. Lisboa: Editora do Centro de História da Universidade de Lisboa, 2017, v. xx, p. 111-130. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34629/1/Historiografia%20e%20Res%20Publica%202017.pdf>. Acesso em 11 nov. 2018.

CEZAR, Temístocles. O que fabrica o historiador quando faz história, hoje? Ensaio sobre a crença na história (Brasil séculos XIX-XXI). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 61, p. 78-95, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/10772>. Acesso em: 03 nov. 2018.

COLLINGWOOD, R. G.. **A ideia de história**. Lisboa: Presença, [1973?].

COSTA LIMA, Luiz. História. Ficção. Literatura. Uma breve apresentação. **Revista Eutomia**, Recife, ano I, n. 1, p. 167-176, 2008.

CROCE, Benedetto. **Teoría e historia de la historiografía**. Buenos Aires: Escuela, 1955.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DESCLEUZE, Jacques. El arte literario francés. **La Revista Blanca**, Barcelona, n. 36, p. 9-12, nov. 1924.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCE, Anatole. **Sobre la piedra inmaculada**. Madrid: Oficinas, 1906.

FRANCE, Anatole. **El Jardin de Epicuro**. Buenos Aires: Biblioteca “Las Grandes Obras”, 1932.

FRANCE, Anatole. **A Ilha dos Pinguins**. São Paulo: Difel, 1986a.

FRANCE, Anatole. **A justiça dos homens**. São Paulo: Difel, 1986b.

FRANCE, Anatole. **A rebelião dos anjos**. São Paulo: Axis Mundi, 1995.

FRANCE, Anatole. **Taís**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

FRANCE, Anatole. **O lírio vermelho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

FRANCE, Anatole. **À sombra do olmo**. Volume 1 da série História Contemporânea Rio de Janeiro: BestBolso, 2009a.

FRANCE, Anatole. **O manequim de vime**. Volume 2 da série História Contemporânea. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009b.

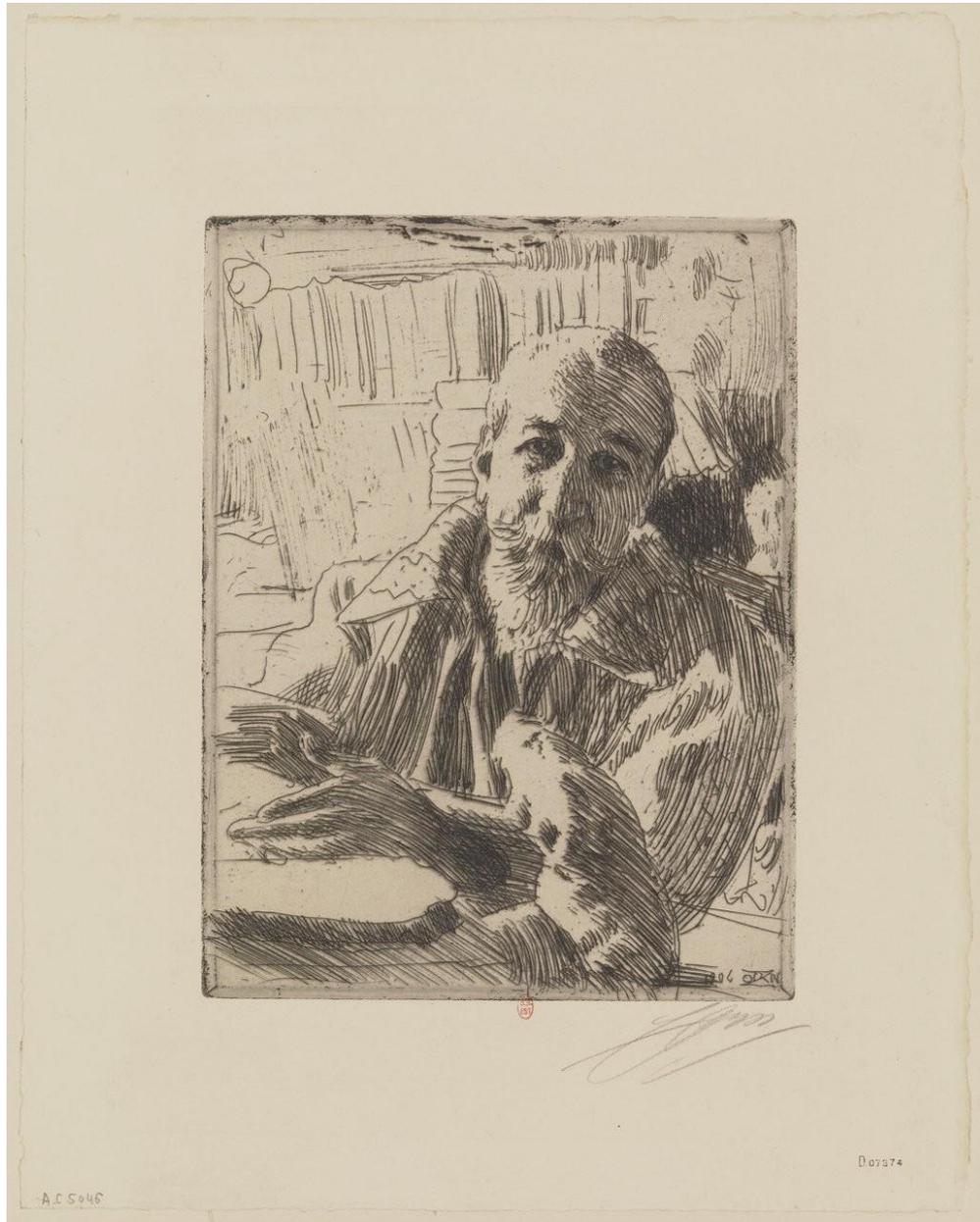
FRANCE, Anatole. **O anel de ametista**. Volume 3 da série História Contemporânea. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010a.

FRANCE, Anatole. **Monsieur Bergeret em Paris**. Volume 4 da série História Contemporânea. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010b.

HAI DUKE, Paulo Rodrigo Andrade. *O crime de Sylvestre Bonnard, membro do Instituto*, de Anatole France: uma dramatização dos dilemas da erudição histórica. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 7, n. 10, p. 175-185, 2011.

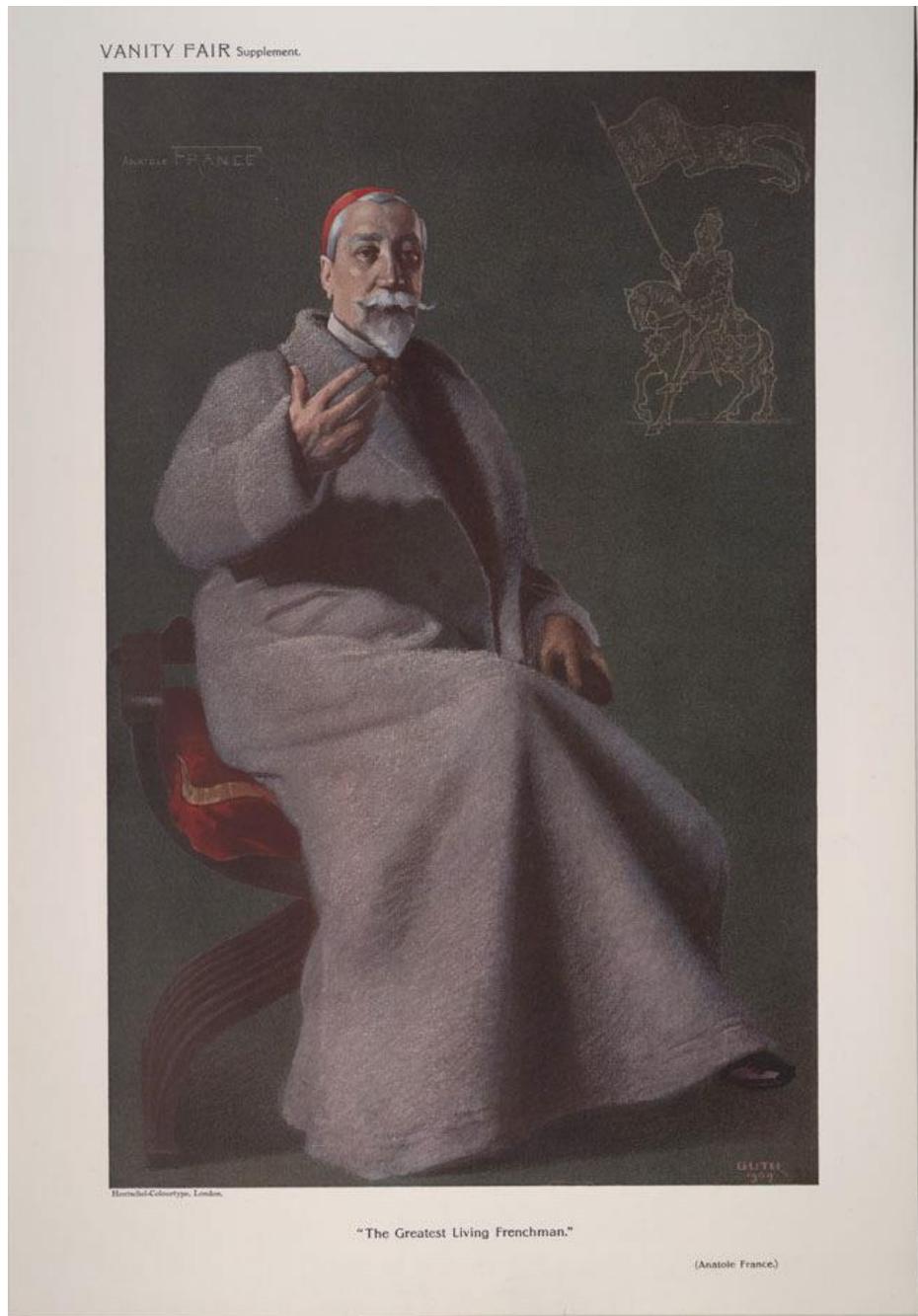
HARTOG, François. L’*autorité du temps*. **Études**, Paris, n. 4111-2, p. 51-64, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-2009-7-page-51.htm>. Acesso em: 03 nov. 2018.

- HARTOG, François. *Historiam ante oculos ponere*. In: CASTIGLIONE, Agnès; VIART, dominique; ARTIÈRES, Philippe. (org.). **Les Cahiers de l'Herne - Pierre Michon**. Paris: L'Herne, 2017b, p. 274-277.
- HARTOG, François. Entretien avec François Hartog, propos recueillis par Olivier Mongin, et Jean-Louis Schlegel, "Comment rouvrir les futurs?". **Esprit**, 2017c, p. 44-51. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-esprit-2017-1-p-44.htm>. Acesso em 03 nov. 2018.
- JOLL, James. **A Europa desde 1870**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- LALOU, René. **Histoire de la Littérature Française Contemporaine** (de 1870 a nos jours). Paris: Presses Universitaires de France, 1953.
- LAVILLATTE, Bruno. Anatole France: Philosophie et Modernité. **Mémoires de l'Académie des Sciences, Arts et Belles-Lettres de Touraine**, tome 25, 2012, p. 209-214.
- LEMAIRE, Jacques-Ch. Anatole France et ses figures intellectuelles. **Académie royale de langue et de littérature françaises de Belgique**, Bruxelles, 2013.
- LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAIS, Aduato. (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 57-70.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORE, Thomas. **Utopia**. Belo Horizonte: Autênciã, 2017.
- PÉGUY, Charles. **De la situation faite à l'histoire et à la sociologie dans les temps modernes**. Paris: Cahiers de la Quinzaine, 1906.
- PÉGUY, Charles. **Clio**. Paris: Gallimard, 1932.
- RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon. (org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011, p. 21-49.
- RÉMOND, René. **O século XIX: 1815-1914**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- RICŒUR, Paul. **Ideologia e Utopia**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- SERVOISE, Sylvie. **Le roman face à l'histoire**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011.
- SZABOLCSI, Miklós. **Literatura Universal do Século XX: principais correntes**. Brasília: Editora UnB, 1990.
- WEBER, Eugen. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WINOCK, Michel. **As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ANEXO A – Imagem de Anatole France

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Biblioteca Nacional da França.
Autor: Anders Zorn, 1906.
Título: “Anatole France”.

ANEXO B – Caricatura de Anatole France

Fonte: Universidade da Virgínia.
Autor: Jean Baptiste Guth. Vanity Fair, 11 ago. 1909.
Título: "The Greatest Living Frenchman"

ANEXO C – Fotografia de Anatole France

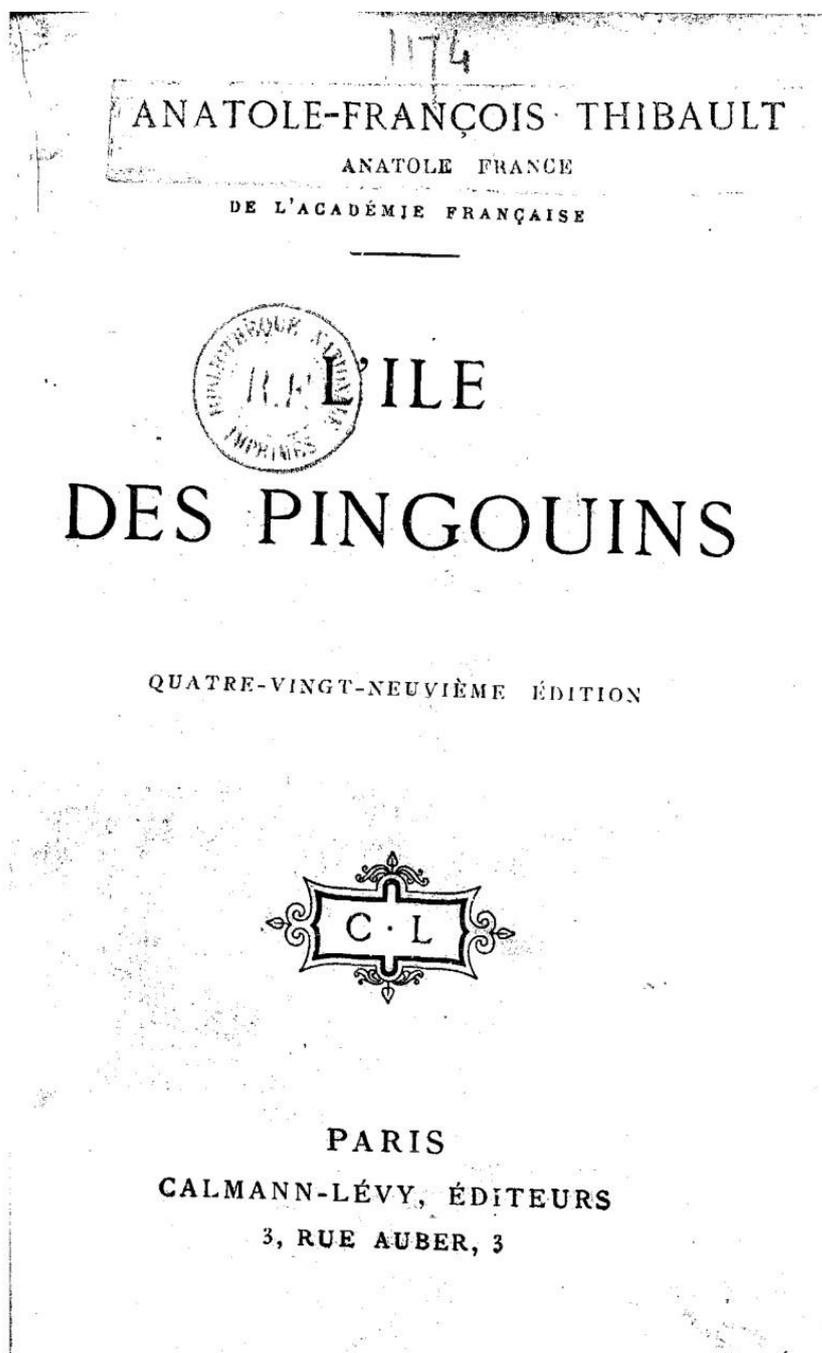
Fonte: Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.
Título: "French writer Anatole France (1844–1924) at work"

ANEXO D – Imagens das primeiras edições dos livros



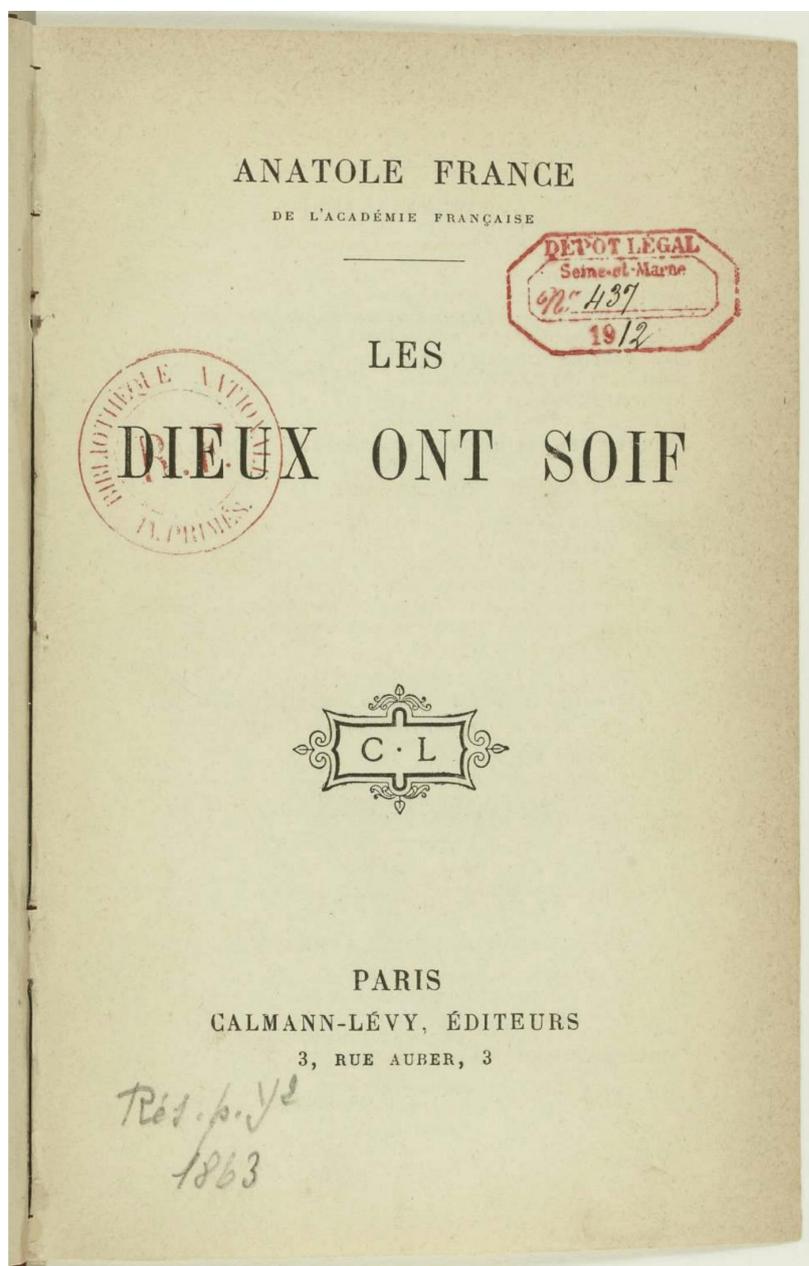
PARIS
CALMANN-LÉVY, ÉDITEURS
8, RUE AUBER, 8

ANEXO E – Imagens das primeiras edições dos livros



Fonte: Biblioteca Nacional da França.

ANEXO F – Imagens das primeiras edições dos livros



Fonte: Biblioteca Nacional da França.